Baseado na obra de:
L.J. SMITH

E na série de TV produzida por:
KEVIN WILLIAMSON & JULIE PLEC

DIÁRIOS do VAMPIRO

Livro inspirado na série de TV
Vampire Diaries

DIÁRIOS DE STEFAN

1

Sede de Sangue

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by convertEPub

DIÁRIOS do VAMPIRO

DIÁRIOS DE STEFAN

Esse livro foi escrito por um ghost-writer americano, baseado nos livros da autora L.J. Smith e no roteiro da série de TV, The Vampire Diaries.

série **Diários do Vampiro**

O Despertar
O Confronto
A Fúria
Reunião Sombria

série **Diários do Vampiro: O Retorno**

Anoitecer
Almas Sombrias
Meia-Noite

série **Diários de Stefan**

Origens
Sede de Sangue
The Craving
The Ripper
The Asylum
The Compelled

série **Diários do Vampiro: Caçadores**

Espectro
Moonsong
Destiny Rising

série **Diários do Vampiro: A Salvação**

Unseen
Unspoken
TBA

Contos de Diários do Vampiro

Matt & Elena: Primeiro Encontro (se passa antes da série original)
Bonnie & Damon: Depois do Expediente (se passa durante a série original)
O Sangue Dirá (final alternativo de *Reunião Sombria*)
As Árvores (se passa após *Reunião Sombria*)
Matt & Elena: Décimo Encontro no Lago Wickery (se passa antes da série original)

L.J.Smith

Diários do Vampiro

Diários de Stefan

Sede de Sangue

Prólogo

Os poetas e filósofos que eu amava estavam errados. A morte não vem para todos, nem o passar do tempo esmorece nossas lembranças e reduz nossos corpos a pó. Porque enquanto me consideravam morto e uma lápide com meu nome era cravada no chão frio para simbolizar meu fim terreno, na verdade, minha vida estava apenas começando. Era como se eu tivesse dormido por todos aqueles anos, repousando na escuridão da noite, somente para despertar para um mundo mais brilhante, mais selvagem e mais emocionante do que jamais imaginei.

Os humanos que eu conhecia seguiam suas vidas, como eu no passado, vivendo dias finitos em idas ao mercado, cultivo dos campos e beijos roubados secretos quando o sol se punha. Agora, eram meramente sombras para mim, não mais significativos do que os esquilos e coelhos assustados que correm pela floresta, sem muita consciência do mundo que os cerca.

Mas eu não era uma sombra. Era sólido — e imune a seus piores temores. Conquistei a morte. Não era um visitante fugaz no mundo. Era seu senhor, e tinha toda a eternidade para curvá-lo à minha vontade...

"É agora a hora encantada
da noite
Quando bocejam os
cemitérios e o inferno
Exala a peste neste
mundo.
Agora poderia eu beber
sangue quente
E realizar assuntos
amargos
Que fariam tremer o dia."

— *Hamlet*, William
Shakespeare

1

Era outubro. As árvores do cemitério ganharam um tom marrom de decomposição e uma brisa fria assoviava, tomando o lugar do calor sufocante do verão na Virgínia. Não que eu o sentisse muito. Como vampiro, meu corpo só registrava a temperatura de minha próxima vítima, aquecido pela expectativa daquele sangue quente correndo em minhas veias.

Minha próxima vítima estava a apenas alguns passos de mim: uma garota de cabelos castanhos que então escalava a cerca da propriedade dos Hartnett, vizinha ao cemitério.

— Clementine Haverford, o que está fazendo fora da cama tão tarde?

— Meu comportamento brincalhão estava em desacordo com a sede abrasadora e pesada que me tomava. Clementine não devia estar aqui, mas Matt Hartnett sempre fora carinhoso com ela. E, embora Clementine estivesse noiva de Randall Haverford, seu primo de Charleston, era evidente que o sentimento era mútuo. Ela já estava em um jogo perigoso, mas não sabia que ele estava prestes a se tornar mortal.

Clementine semicerrou os olhos no escuro. Pelas pálpebras pesadas e os dentes manchados de vinho, pude perceber que ela havia tido uma longa noite.

— Stefan Salvatore? — ofegou ela. — Mas você está morto.

Dei um passo na direção dela.

— Estou mesmo?

— Sim, fui ao seu enterro. — Ela tombou a cabeça para o lado. Mas não parecia tão preocupada. Era praticamente uma sonâmbula inebriada de vinho e beijos roubados. — Estou sonhando?

— Não, não é um sonho — falei com a voz rouca.

Peguei-a pelos ombros e a puxei para perto. Ela se inclinou sobre meu peito, e o tambor alto das batidas de seu coração encheu meus ouvidos. Ela cheirava a jasmim, como no verão passado, quando

minha mão roçou o corpete do vestido enquanto fazíamos um dos jogos de beijos de Damon sob a ponte Wickery.

Passei um dedo em seu rosto. Clementine foi minha primeira paixão, e eu sempre me perguntava como me sentiria ao segurá-la assim. Encostei os lábios em seu ouvido.

— Sou mais como um pesadelo.

Antes que Clementine pudesse soltar algum ruído, cravei os dentes diretamente na jugular dela, suspirando quando o primeiro jato atingiu minha boca. Ao contrário do que sua imagem sugeria, o sangue de Clementine não era tão doce quanto eu imaginara. Tinha gosto de fumaça e era amargo, como café queimado num fogão quente. Ainda assim, bebi intensamente, drenando-a toda, até que ela parou de gemer e sua pulsação se reduziu a um sussurro. Ela ficou frouxa em meus braços e o fogo que ardia em minhas veias e em meu estômago se apagou.

Por toda a semana cacei segundo minha vontade, tendo descoberto que meu corpo exigia duas refeições por dia.

Geralmente, eu só ficava ouvindo o fluido vital correndo pelos corpos dos moradores de Mystic Falls, fascinado pela facilidade com que eu podia tirá-lo se quisesse. Quando atacava, era com muito cuidado, alimentando- me de hóspedes do pensionato ou pegando um dos soldados perto de Leestown. Clementine seria a primeira vítima que já tinha sido minha amiga — a primeira vítima de que o povo de Mystic Falls sentiria falta.

Soltando os dentes de seu pescoço, lambi os lábios, deixando minha língua saborear o ponto de sangue fresco no canto da boca. Depois a arrastei para fora do cemitério, voltando à pedreira onde eu morava com meu irmão,

Damon, desde que havíamos sido transformados.

O sol deslizava pelo horizonte e Damon estava preguiçosamente sentado à beira d'água, vislumbrando suas profundezas como se elas contivessem o segredo do universo. Ele tinha estado assim todos os dias desde que despertamos como vampiros, sete dias antes, lamentando a perda de Katherine, a vampira que nos transformou no que somos agora. Embora tenha me tornado uma criatura poderosa, celebrei a morte dela, ao contrário de meu irmão. Ela me fez de bobo, e sua lembrança me recordava de

como um dia fui vulnerável.

Enquanto eu observava Damon, Clementine gemeu em meus braços, um olho se abrindo, vacilante. Se não fosse pelo sangue pingando da gola de renda de seu amassado vestido de tule azul, pareceria apenas estar dormindo.

— Shhhhh — murmurei, colocando alguns fios soltos de cabelo atrás de sua orelha.

Uma voz em algum lugar da minha mente me disse que eu devia sentir remorso por tirar sua vida, mas não senti nada. Em vez disso, ajeitei-a nos braços, jogando-a por sobre o ombro como se fosse um simples saco de aveia, e me aproximei da beira d'água.

— Irmão. — De forma cerimoniosa, baixei a seus pés o corpo quase sem vida de Clementine.

Damon balançou a cabeça e disse:

— Não. — Seus lábios tinham uma textura branca de giz. Vasos sanguíneos se torciam escuros em seu rosto; pareciam rachaduras em mármore. À luz fraca da manhã, ele parecia uma das estátuas quebradas do cemitério.

— Você precisa beber! — falei rispidamente, empurrando-o para baixo e me surpreendendo com minha força. Suas narinas inflaram. Mas assim como acontecia comigo, o cheiro do sangue era inebriante para seu corpo fraco, e logo os seus lábios encontraram a pele dela, apesar dos protestos. Ele começou a beber, primeiro lentamente, depois sorvendo o líquido como um cavalo desesperado por água.

— Por que continua me obrigando a fazer isso? — perguntou ele num tom queixoso, limpando a boca com as costas da mão e estremecendo.

— Precisa recuperar sua força. — Cutuquei Clementine com o bico de minha bota suja de terra. Ela gemeu baixinho, ainda viva de alguma maneira. Por ora, pelo menos. Mas sua vida estava em minhas mãos. Esta percepção me emocionou, como se todo meu ser estivesse em chamas. Isto: a caçada, as conquistas, a recompensa da sonolência agradável que sempre se seguia à alimentação... Revelava a eternidade diante de nós como uma aventura interminável. Por que Damon não compreendia?

— Não é força. É fraqueza — sibilou Damon, levantando-se. —

É o inferno na terra e não pode haver nada pior.

— Nada? Preferia estar morto, como papai? — Balancei a cabeça, incrédulo. — Você tem uma segunda chance.

— Nunca pedi por ela — disse Damon, sério. — Jamais pedi por nada disso. Tudo o que eu queria era Katherine. Ela se foi, então mate-me agora e acabe com isso. — Damon me entregou um galho irregular de carvalho.

— Aqui — disse ele, de braços abertos, expondo o peito. Apenas um golpe em seu coração e ele teria seu desejo realizado.

As lembranças lampejaram por minha mente: Katherine, os cachos macios e escuros, as presas brilhantes ao luar, a cabeça arqueada para trás antes de morder meu pescoço, seu sempre presente pingente de lápis-lazúli que se acomodava na cavidade do pescoço. Agora eu entendia por que ela matou minha noiva, Rosalyn, por que coagira a mim e a Damon, por que usava a beleza e o semblante inocente para convencer as pessoas a confiarem nela, a protegerem-na. Era de sua natureza. E agora era da nossa. Mas em vez de aceitar isso como uma dádiva, da maneira como eu fazia, Damon parecia considerar uma maldição.

Quebrei o galho no joelho e atirei as lascas no rio.

— Não — falei. Embora eu jamais admitisse em voz alta, assustava-me a ideia de viver para sempre sem um amigo no mundo. Queria que Damon e eu aprendêssemos a ser vampiros juntos.

— Não? — repetiu Damon, os olhos se abrindo de repente. — É homem suficiente para assassinar uma antiga paixão, mas não seu irmão? — Ele me atirou no chão. Surgiu sobre mim com as presas à mostra, então cuspiu em meu pescoço.

— Não se coloque numa situação constrangedora — falei, levantando- me. Ele era forte, mas eu era mais, graças à alimentação regular. — E não se engane pensando que Katherine o amava — rosnei. — Ela amava o Poder que tinha, amava o que podia nos obrigar a fazer por ela. Mas nunca nos amou.

Os olhos de Damon ardiam. Ele correu em minha direção com a velocidade de um cavalo em galope. O ombro, duro como pedra, bateu em mim, atirando-me contra uma árvore. O tronco se partiu com um estalo alto.

— Ela me amava.

— Então por que me transformou também? — provoquei-o, rolando o corpo e me levantando para repelir seu golpe seguinte.

As palavras tiveram o efeito desejado. Os ombros de Damon arriaram e ele cambaleou para trás.

— Muito bem. Farei isso sozinho — murmurou ele, pegando outro galho e correndo a ponta afiada pelo peito.

Arranquei a estaca da mão de Damon e torci seus braços para trás.

— Você é meu irmão... Minha carne e meu sangue. Enquanto eu permanecer vivo, você também ficará. Agora vamos. — Empurrei-o para o bosque.

— Vamos aonde? — perguntou Damon com indiferença, permitindo que eu o arrastasse.

— Ao cemitério — respondi. — Temos um enterro para ir.

Os olhos de Damon demonstraram uma fraca centelha de interesse.

— De quem?

— Do papai. Não quer dizer adeus ao homem que nos matou?

2

Damon e eu nos agachamos no bosque de pinheiros do cemitério, atrás dos mausoléus que abrigavam os ossos dos fundadores de Mystic Falls. Apesar de ser muito cedo, o povo da cidade já se postava de ombros baixos em volta de uma cova. Baforadas de ar formavam espirais no céu azul a cada expiração da multidão, como se toda a congregação estivesse fumando charutos comemorativos em vez de tentar acalmar o bater de dentes.

Meus sentidos aprimorados apreenderam a cena diante de nós. O cheiro enjoativo de verbena — uma erva que anula o poder dos vampiros — pairava denso no ar. A grama estava coberta de orvalho, cada gota caindo na terra com um tinido ressonante, e, ao longe, os sinos da igreja badalavam. Mesmo daquela distância, eu podia ver uma lágrima alojada no canto do olho de Honoria Fell.

No púlpito, o prefeito Lockwood se remexia de um pé para o outro, claramente ansioso para conseguir a atenção da multidão. Eu distinguia apenas a figura alada acima dele, a estátua de anjo que marcava o lugar de descanso final de minha mãe. Havia dois lotes vazios mais adiante, onde Damon e eu deveríamos ter sido enterrados.

A voz do prefeito cortou o ar frio; era tão alta para meus ouvidos sensíveis que ele parecia estar bem a meu lado.

— Estamos reunidos aqui para nos despedirmos de um dos maiores filhos de Mystic Falls, Giuseppe Salvatore, um homem para quem a cidade e a família vinham sempre antes de si mesmo.

Damon chutou o chão.

— A família que ele matou. O amor que ele destruiu, as vidas que ele despedaçou — murmurou ele.

— Shhhh — sussurrei ao colocar a mão em seu braço.

— Se eu tivesse que pintar um retrato da vida deste grande homem — continuava Lockwood por sobre as fungadas e suspiros dos presentes —, Giuseppe Salvatore seria flanqueado pelos dois

falecidos filhos, Damon e Stefan, heróis da batalha de Willow Creek. Que possamos aprender com Giuseppe, imitá-lo e ser inspirados a livrar nossa cidade do mal, seja ele visível ou não.

Damon zombou em voz baixa, com desdém.

— O retrato que ele pinta — disse ele — deveria conter o clarão do rifle de papai. — Ele esfregou o ponto onde a bala tinha atravessado seu peito apenas uma semana antes. Não havia ferimento físico, porque nossa transformação curou todas as feridas, mas a traição ficaria gravada em nossas mentes para sempre.

— Shhhh — repeti enquanto Jonathan Gilbert se colocava ao lado do prefeito Lockwood, segurando uma armação grande.

Jonathan parecia ter envelhecido dez anos em apenas sete dias: rugas marcavam sua testa bronzeada e mechas brancas eram visíveis no cabelo castanho.

Perguntei-me se sua transformação tinha algo a ver com Pearl, a vampira que ele amava mas condenara à morte depois de descobrir quem ela realmente era.

Localizei os pais de Clementine na multidão, de braços dados, sem consciência de que a filha não estava entre as meninas de expressão sombria atrás do grupo.

Em breve eles descobririam.

Meus pensamentos foram interrompidos por um estalo insistente, como um relógio marcando as horas ou uma unha batendo em uma superfície dura. Observei a multidão, tentando identificar o ponto de origem do tique- taque. O som era lento, estável e mecânico, mais constante do que um batimento cardíaco, mais lento do que um metrônomo. E parecia vir diretamente da mão de Jonathan. O sangue de Clementine correu para minha cabeça.

A bússola.

Quando meu pai começou a desconfiar de vampiros, criou um comitê de homens para livrar a cidade do flagelo demoníaco. Compareci às reuniões, realizadas no sótão da casa de Jonathan Gilbert. Ele tinha planos para fabricar um dispositivo que identificaria vampiros e testemunhei seu uso por Jonathan na semana anterior. Foi como ele descobriu a verdadeira natureza de Pearl.

Dei uma cotovelada em Damon.

— Precisamos ir — falei, quase sem mover os lábios.

Nessa hora Jonathan levantou a cabeça e os olhos se fixaram diretamente nos meus.

Ele soltou um grito horrível e apontou para nosso mausoléu.

— Demônio!

A multidão se virou para nós como um só corpo, os olhares cortando a névoa como baionetas. Então algo passou disparado por mim e o muro às minhas costas explodiu. Uma nuvem de pó subiu à nossa volta e lascas de mármore cortaram meu rosto.

Mostrei as presas e rugi. O som era alto, primitivo, aterrorizante. Metade da multidão derrubou cadeiras na pressa de fugir do cemitério, mas a outra metade permaneceu ali.

— Matem os demônios! — gritou Jonathan, brandindo uma balestra.

— Acho que ele se refere a nós, maninho — disse Damon com uma risada curta e sem humor.

Então peguei Damon e corri.

3

Com Damon atrás de mim, corri pelo bosque saltando sobre pedras. Pulei o pequeno portão de ferro do cemitério, olhando rapidamente para trás para saber se Damon ainda me seguia. Corremos em zigue-zague até as profundezas do bosque, os tiros soando como fogos de artifício em meu ouvido, os gritos dos moradores da cidade como vidro se quebrando, a respiração pesada como o trovão de uma nuvem baixa. Eu podia ouvir até mesmo, pulando galhos caídos e os passos da multidão me perseguindo, cada um criando vibrações no chão. Em silêncio, amaldiçoei Damon por ser tão teimoso. Se estivesse disposto a beber antes de hoje, estaria com força total, e nossas recém-descobertas velocidade e agilidade já teriam nos levado para longe daquela confusão.

Ao atravessarmos a mata fechada, esquilos e ratos-do-mato fugiam dos arbustos, com o sangue acelerado pela presença de predadores. Um relincho e um bufar soaram na outra extremidade do cemitério.

— Vamos. Peguei Damon pela cintura, recolocando-o de pé. — Temos que continuar. — Eu podia ouvir o sangue bombeando, sentia cheiro de ferro, sentia o chão tremer. Sabia que a multidão tinha mais medo de mim do que eu dela, mas, ainda assim, o som de tiros fazia minha mente girar, meu corpo se lançar para a frente. Damon estava fraco e eu só conseguiria carregá-lo até ali.

Outro tiro soou, desta vez mais perto. Damon enrijeceu.

— Demônios! — A voz de Jonathan Gilbert cortou o bosque. Mais uma bala passou zunindo por mim, arranhando meu ombro. Damon caiu para a frente em meus braços.

— Damon! — A palavra ecoou em meus ouvidos, tão parecida com demônio que fiquei sobressaltado. — Irmão! — Eu o sacudi, depois comecei a arrastá-lo desajeitadamente, na direção do barulho de cavalos. Apesar de ter acabado de me alimentar, minhas forças não durariam para sempre, e os passos estavam se aproximando cada vez

mais.

Finalmente chegamos às imediações do cemitério, onde vários cavalos estavam amarrados aos postes de ferro. Batiam os cascos no chão, puxando com tanta força as cordas que os amarravam que estavam com os pescoços inchados. Uma égua negra como carvão era nada menos do que minha antiga montaria, Mezzanotte. Olhei-a fixamente, com o desespero dela para se afastar de mim. Apenas uns dias antes, eu era o único cavaleiro em quem confiava.

Ouvi passos novamente. Desviei os olhos, balançando a cabeça por ser tão sentimental. Tirei do cano da bota a antiga faca de caça de meu pai. Foi a única coisa que peguei quando andei a última vez por Veritas, a propriedade de nossa família. Ele sempre a levava consigo, embora nunca o tivesse visto usá-la. Meu pai nunca foi dado a trabalhos manuais. No entanto, para mim, a faca transmitia o poder e a autoridade que todos associavam a ele.

Coloquei a lâmina na corda que amarrava Mezzanotte, mas não fez nem o menor corte. Baixando os olhos, vi como a faca realmente era: uma lâmina cega que mal cortava barbante, polida para parecer importante. Era bem adequada para papai, pensei revoltado, atirando a faca no chão e puxando as cordas com minhas próprias mãos. Os passos se aproximavam e olhei desesperadamente para trás. Queria soltar todos os cavalos para que Jonathan e seus homens não pudessem montá-los, mas simplesmente não havia tempo.

— Olá, garota — murmurei, afagando o pescoço elegante de Mezzanotte. Ela bateu o casco, nervosa, o coração martelando. — Sou eu — sussurrei enquanto montava em seu dorso. Ela empinou e, surpreso, chutei-a com tanta força nos flancos que ouvi o estalo de uma costela se quebrando. Ela se rendeu imediatamente, submissa, e eu a levei a trote até Damon.

— Venha — gritei.

Um lampejo de dúvida passou pelos olhos de Damon, mas ele alcançou o dorso largo de Mezzanotte e montou. Fosse por medo ou instinto, a disposição dele para fugir me dava esperanças de que afinal Damon não estivesse decidido a morrer.

— Matem! — gritou uma voz, e alguém atirou uma tocha em chamas em nossa direção; o movimento descreveu um arco e caiu na grama aos pés de Mezzanotte. Imediatamente a grama começou a

queimar e Mezzanotte disparou na direção contrária à da pedreira. Cascos batiam atrás de nós: os homens haviam montado em outros cavalos e agora corriam em nosso encalço.

Outro tiro soou atrás, seguido pela vibração de um arco. Mezzanotte empinou, soltando um relincho alto. Damon escorregou, lutando para se agarrar ao pescoço do animal enquanto eu puxava as rédeas de couro, tentando mantê-la sobre as quatro patas. Foi somente depois de alguns passos para trás que os quatro cascos de Mezzanotte voltaram ao chão. Enquanto Damon se endireitava, vi uma fina flecha de madeira presa às ancas da égua. Era uma tática inteligente. De longe, o grupo tinha uma possibilidade muito maior de reduzir o passo de nosso cavalo do que de nos atingir diretamente no coração.

Curvados sobre Mezzanotte, continuamos a galopar sob os galhos. Era uma égua forte, mas estava tendendo para o lado esquerdo, onde a flecha penetrara. Um filete do meu próprio sangue escorria por minha têmpora e caía na camisa, e os braços de Damon em minha cintura estavam perigosamente frouxos.

Ainda assim, instiguei Mezzanotte a avançar. Dependia dos instintos, de algo além do raciocínio e do planejamento. Era como se eu pudesse sentir o cheiro da liberdade e da oportunidade, e só tivesse de confiar que eu nos levaria até lá. Puxei as rédeas e saí do bosque, entrando no campo atrás de Veritas.

Em qualquer outra manhã chuvosa haveria luzes nas janelas de nossa antiga casa, os lampiões conferindo ao vidro bulboso o aspecto laranja do pôr do sol. Nossa criada, Cordelia, estaria cantando na cozinha, e o motorista de meu pai, Alfred, estaria sentado de sentinela perto da entrada. Meu pai e eu estaríamos amistosamente em silêncio na sala de refeições. Agora a propriedade era uma casca fria de seu antigo ser: as janelas escuras, o terreno em completo silêncio. Veritas só fora evacuada havia uma semana, mas parecia ter sido abandonada há séculos.

Saltamos a cerca e aterrizamos sem equilíbrio. Mal consegui nos endireitar, dando um forte puxão nas rédeas, que fez o metal bater contra os dentes de Mezzanotte. Então irrompemos para a lateral da casa, minha pele pegajosa ao passarmos pelo canteiro de verbena de Cordelia, os ramos mínimos na altura dos tornozelos.

— Para onde está nos levando, irmão? — perguntou Damon.

Ouvi três pares de cascos martelando o chão enquanto Jonathan Gilbert, o prefeito Lockwood e o xerife Forbes margeavam o lago nos fundos de nossa propriedade. Mezzanotte relinchou, a boca coberta por uma espuma amarelada, e entendi que não seria possível exigir que ela continuasse cavalgando.

De repente, o apito de um trem no ar da manhã paralisou Mezzanotte, o vento e o som metálico de uma arma sendo recarregada.

— Vamos entrar no trem — falei, chutando as ancas de Mezzanotte. Com um derradeiro esforço, ela ganhou velocidade e saltou sobre o muro de pedra que separava Veritas da estrada principal.

— Vamos, garota — sussurrei. Seus olhos estavam selvagens e apavorados, mas ela correu ainda mais pela estrada e entrou na rua principal. A igreja carbonizada surgia, seus tijolos escurecidos se erguendo como dentes da terra cinzenta. A botica também tinha sido completamente incendiada. Crucifixos estavam presos em cada porta da cidade; ramos de verbena pendiam em guirlandas sobre a maioria delas. Mal reconheci o lugar em que vivi por 17 anos. Mystic Falls não era meu lar. Não mais.

Atrás de nós, os cavalos de Jonathan Gilbert e do prefeito Lockwood aproximavam-se cada vez mais rápido. À nossa frente, ouvia o trem se aproximando, rangendo nos trilhos. A espuma na boca de Mezzanotte ficara rosada de sangue. Minhas presas estavam secas e lambi os lábios ressecados, perguntando-me se esse desejo constante por sangue existia por eu ser um vampiro recente ou se eu sempre me sentiria assim.

— Pronto para ir, irmão? — perguntei, puxando as rédeas de Mezzanotte. Ela parou, dando-me tempo suficiente para descer antes de cair no chão, vertendo sangue pela boca.

Ouvi um tiro e o sangue jorrou da anca de Mezzanotte. Puxei Damon pelos pulsos e nos icei para dentro do último vagão pouco antes de o trem partir da estação, deixando para trás os gritos furiosos de Jonathan Gilbert e do prefeito Lockwood.

4

O vagão estava escuro como breu, mas nossos olhos, agora adaptados para ver no escuro, permitiram que enxergássemos um caminho entre as pilhas de carvão no vagão. Por fim, uma porta nos levou até o que parecia ser o vagão-dormitório da primeira classe. Quando ninguém estava olhando, roubamos algumas camisas e calças de uma mala e vestimos as roupas. Não cabiam perfeitamente, mas serviriam.

Enquanto nos aventurávamos pelo corredor do vagão e o trem sacolejava ruidosamente a nossos pés, senti alguém segurando meu ombro. Por reflexo, girei o braço para meu agressor e rosnei. Um homem com uniforme de bilheteiro foi atirado para trás e bateu na parede de um compartimento com um baque.

Cerrei os dentes para evitar que minhas presas se projetassem.

— Mil perdões! O senhor me assustou e... — me interrompi. Minha voz era desconhecida a meus próprios ouvidos. Na última semana, a maior parte de minhas interações foram em sussurros roucos. Fiquei surpreso com o som da voz humana. Mas eu era muito mais poderoso do que traía minha voz. Levantei o homem e endireitei seu quepe marinho. — O senhor está bem?

— Creio que sim — disse o bilheteiro num tom estupefato, apalpando os braços para saber se ainda estavam ali. Parecia ter uns 20 anos, com a pele pálida e os cabelos ruivos. — Sua passagem?

— Ah, sim, as passagens — disse Damon, num tom suave que não deixava transparecer que tínhamos fugido a galope da morte apenas minutos antes. — Estão com meu irmão.

Lancei-lhe um olhar furioso e ele sorriu para mim, calmo e debochado.

Olhei-o bem. Suas botas estavam enlameadas e desamarradas, a camisa de linho por fora da calça, mas havia algo nele — mais do que seu nariz aquilino e queixo aristocrático — que o deixava quase majestoso. Nesse momento, mal o reconheci: este não era o Damon

com quem fui criado ou aquele que vim a conhecer na semana passada. Agora que estávamos fugindo de Mystic Falls para um ponto invisível e irreconhecível do horizonte, Damon era outra pessoa, alguém sereno e imprevisível. Neste ambiente desconhecido, eu não sabia se éramos parceiros no crime ou inimigos jurados.

O bilheteiro voltou a atenção para mim, torcendo o lábio ao ver meu desmazelo. Apressadamente, enfiei a camisa para dentro da calça.

— Estávamos correndo e... — comecei a arrastar as palavras, na esperança de que o sotaque do Sul conferisse ao que eu dizia um ar de sinceridade... e de humanidade. Seus olhos de peixinho- dourado se arregalaram com ceticismo, e então me lembrei de uma habilidade vampiresca que Katherine usou em mim com ótimos resultados: a coação.

— Eu já lhe mostrei minha passagem — falei lentamente, torcendo para que ele acreditasse.

O bilheteiro franziu as sobrancelhas.

— Não, não mostrou — respondeu ele com a mesma lentidão, tomando o cuidado a mais de enunciar cada palavra, como se eu fosse um passageiro especialmente idiota.

Praguejei em silêncio e me inclinei para mais perto dele.

— Mas eu lhe mostrei mais cedo. — Olhei fixamente em seus olhos até que os meus começaram a se envesgar.

O bilheteiro deu um passo para trás e piscou.

— Todos precisam ter a passagem em mãos o tempo todo.

Meus ombros arriaram.

— Bem... Humm...

Damon deu um passo à minha frente.

— Nossas passagens estão no vagão- dormitório. O erro foi nosso — disse ele numa voz baixa e sedutora. Não piscou nem uma vez ao fitar as pálpebras caídas do homem.

A expressão do bilheteiro vacilou e ele recuou um passo.

— O erro foi meu. Podem ir, cavalheiros. Perdoem-me pela confusão.

— Sua voz era distante enquanto ele tocava o quepe, depois se afastou de lado para nos deixar entrar no vagão masculino.

Assim que a porta se fechou às nossas costas, segurei Damon

pelo braço.

— Como fez aquilo? — perguntei. Katherine teria lhe ensinado a baixar a voz, olhar a vítima nos olhos e obrigar o pobre coitado a obedecer as suas ordens? Cerrei os dentes, perguntando-me se ela contara a ele a facilidade com que me coagiu. Imagens faiscaram em minha cabeça: Katherine arregalando os olhos, implorando-me para guardar seu segredo, impedindo meu pai de persegui-la. Balancei a cabeça como quem tenta expulsar as imagens do cérebro.

— E agora, quem está no comando, maninho? — balbuciou Damon, se deixando cair em um assento de couro e bocejando ao estender as mãos para a nuca como se estivesse pronto para tirar um longo cochilo.

— Vai dormir agora? Justo agora? — exclamei.

— E por que não?

— Por que não? — repeti, como um idiota. Estendi os braços, gesticulando para o que nos cercava. Estávamos entre elegantes homens de fraque e cartola que, apesar da hora, ocupavam-se no bar revestido de madeira ao canto. Um grupo de homens mais velhos jogava pôquer, enquanto jovens fardados cochichavam, bebendo uísque. Passaríamos despercebidos nesse grupo. Não havia bússolas de vampiros que revelassem nossas verdadeiras identidades. Ninguém sequer olhou quando nos sentamos.

Empoleirei-me em um pufe em frente a Damon.

— Não está vendo? — falei. — Ninguém aqui nos conhece. Esta é a nossa chance.

— É você que não vê — respondeu Damon, inspirando profundamente. — Sente esse cheiro?

O cheiro quente e pungente de sangue encheu minhas narinas, e o bater de corações ecoou em mim como cigarras numa tarde de verão. De imediato uma dor cauterizante cortou meus lábios. Cobri a boca com as mãos, olhando desesperadamente em volta para ver se alguém tinha percebido os longos caninos que se projetavam de minhas gengivas.

Damon soltou um riso irônico.

— Você jamais será livre, maninho. Está preso ao sangue, aos humanos. Eles o tornam desesperado e necessitado... Fazem de você um assassino.

À palavra assassino, um homem de barba ruiva e rosto ressecado pelo sol nos olhou incisivamente do outro lado do corredor. Obriguei-me a sorrir com benevolência.

— Vai nos meter em problemas — sibilei.

— E você só pode culpar a si mesmo por isso — respondeu Damon. Ele fechou os olhos, indicando o fim de nossa conversa.

Suspirei e olhei pela janela. Devíamos estar a apenas 5 quilômetros de Mystic Falls, mas parecia que tudo o que eu conhecia simplesmente deixara de existir. Até o clima era diferente — a chuva tinha cessado e o sol de outono espiava por entre nuvens finas, penetrando no vidro que separava o trem do mundo. Era curioso: embora nossos anéis nos protegessem do sol, que queimaria nossa carne, o corpo celeste ardente me deixava um tanto sonolento.

Obrigando-me a levantar, refugiei-me nos corredores escuros que levavam de um compartimento a outro. Andei entre os assentos de veludo dos vagões da primeira classe até os bancos de madeira da segunda.

Por fim, me acomodei em uma cabine vazia, puxei as cortinas, fechei os olhos e abri os ouvidos.

Espero que aqueles rapazes da União saiam de Nova Orleans e nos deixem em paz...

Depois de ver as belezas da Bourbon Street, sua virgem da Virgínia não parecerá a mesma...

Você precisa ter cuidado. Existe vodu por lá, e dizem alguns que é lá que os demônios saem para brincar...

Abri um sorriso. Nova Orleans parecia o lugar perfeito para chamar de lar.

Deitei confortavelmente na cama improvisada, satisfeito por relaxar e deixar que o trem me embalasse em uma espécie de torpor. Descobri que me alimentava muito melhor depois que descansava.

5

Um dia depois, o trem parava com um guincho.

— Baton Rouge! — gritou um bilheteiro ao longe.

Estávamos nos aproximando de Nova Orleans, mas o tempo se arrastava, lento demais para o meu gosto. Pressionei as costas contra a parede do vagão, observando passageiros guardando apressadamente seus pertences enquanto se preparavam para esvaziar as cabines. Então meus olhos repousaram sobre um bilhete verde, estampado com uma grande marca de bota. Ajoelhei-me e peguei-o.

Sr. Remy Picard, Richmond a Nova Orleans.

Coloquei-o no bolso e sai andando alegremente pelo trem, até que senti alguém me olhando com curiosidade. Virei-me. Duas irmãs sorriam para mim pela janela de uma cabine privativa, com uma expressão assustada. Uma trabalhava numa peça de bordado, a outra escrevia em um diário com capa de couro. Eram observadas com uma intensidade de falcão por uma mulher baixa e roliça de uns 60 anos, toda de preto, provavelmente a tia ou tutora.

Abri a porta.

— Senhor? — disse a mulher, virando- se para mim. Fixei-me em seus olhos azuis aquosos.

— Creio que deixou algo no vagão- restaurante — falei. — Algo de que precisa — continuei, imitando a voz lenta e estável de Damon. Seus olhos se alteraram, mas senti que era diferente do modo como o bilheteiro reagiu às minhas palavras. Quando tentei coagi-lo, foi como se meus pensamentos se chocassem contra aço; aqui, parecia que meus pensamentos rompiam neblina. Ela tombou a cabeça de lado, ouvindo com atenção.

— Deixei uma coisa... — interrompeu- se, parecendo confusa. Mas eu sentia algo em meu cérebro, uma espécie de fusão de nossas mentes, e sabia que ela não ia me confrontar.

Prontamente a mulher remexeu o corpanzil e se levantou do

banco.

— Ah, ora, creio que sim — disse ela, dando meia-volta e descendo o corredor sem olhar para trás. A porta metálica do vagão se fechou com um estalo e puxei as pesadas cortinas azuis por cima da pequena janela do corredor.

— É um prazer conhecê-las — falei, fazendo uma reverência para as meninas.

— Meu nome é Remy Picard — continuei, baixando disfarçadamente os olhos para o bilhete que aparecia pelo bolso do paletó.

— Remy — repetiu a mais alta em voz baixa, como se quisesse memorizar o nome. Senti minhas presas latejarem na gengiva. Eu estava com tanta fome e ela era tão delicada... Uni os lábios com força e me obriguei a ficar parado. Ainda não.

— Enfim! A tia Minnie nunca nos deixa em paz! — disse a mais velha. Parecia ter uns 16 anos. — Ela pensa que não somos de confiança.

— E são mesmo? — brinquei, rendendo-me à sedução à medida que elogios e respostas eram trocados. Como humano, teria esperado que um diálogo desses terminasse com um aperto na mão ou um roçar de lábios no rosto. Agora, só no que pensava era o sangue que corria pelas veias das meninas.

Sentei-me ao lado da mais velha; os olhos da mais nova me investigavam com curiosidade. Ela cheirava a gardênias e a pão recém-saído do forno. A irmã — deviam ser irmãs, com o mesmo cabelo castanho- caramelado e olhos azuis inquietos — tinha um cheiro mais intenso, de noz moscada e folhas recém-caídas.

— Meu nome é Lavinia, e esta é Sarah Jane. Estamos nos mudando para Nova Orleans — disse uma delas, colocando o bordado no colo. — Sabe de uma coisa? Acho que vou sentir uma saudade terrível de Richmond — disse num tom queixoso.

— Nosso pai morreu — acrescentou Sarah Jane, o lábio inferior tremendo.

Assenti, passando a língua pelos dentes e sentindo as presas. O coração de Lavinia batia mais rápido do que o da irmã.

— A tia Minnie quer me casar. Pode me dizer como é, Remy? — Lavinia apontou para o anel em meu dedo anular. Mal sabia ela

que o anel não tinha nenhuma relação com casamento, mas tudo a ver com a capacidade de caçar meninas iguais a ela em plena luz do dia.

— O casamento é agradável, desde que conheça o homem certo. Acha que vai conhecê-lo? — perguntei, olhando em seus olhos.

— Eu... não sei. Imagino que se ele for como você, posso me considerar de sorte. — O hálito dela era quente em meu rosto e eu sabia que não me controlaria por muito mais tempo.

— Sarah Jane, aposto que sua tia precisa de ajuda — falei, encarando os olhos verdes. Ela parou por um momento, depois pediu licença e saiu para encontrar a tia. Eu não sabia se a estava coagindo ou se ela simplesmente seguia minhas ordens porque era uma criança e eu, um adulto.

— Ah, você é malvado, não é? — perguntou Lavinia, os olhos faiscando ao sorrir para mim.

— Sim — respondi bruscamente. — Sim, sou malvado, minha cara. — Mostrei os dentes, vendo com muita satisfação seus olhos se arregalarem de pavor. A melhor parte das refeições era a expectativa, ver a vítima tremer, indefesa, minha. Curvei-me devagar, saboreando o momento. Meus lábios roçaram sua pele macia.

— Não! — disse ela, ofegante.

— Shhhh — sussurrei, puxando-a para mais perto e deixando que meus dentes tocassem sua pele, no início sutilmente, depois com mais vontade, até que afundei os dentes em seu pescoço. Os gemidos transformaram-se em gritos e mantive minha mão em sua boca para silenciá-la enquanto sugava o líquido doce. Ela gemeu levemente, mas logo seus suspiros tornaram-se miados.

— Próxima parada, Nova Orleans! — gritou o bilheteiro, arrancando- me de meus devaneios.

Olhei pela janela. O sol estava baixo no céu e o corpo quase morto de Lavinia era pesado em meus braços. Pela janela,

Nova Orleans surgia como num sonho, e eu podia ver o mar estendendo-se ao infinito. Era assim que minha vida estava destinada a ser: intermináveis anos, intermináveis refeições, intermináveis meninas lindas com doces suspiros e sangue ainda mais doce.

— Para sempre ofegante, e para sempre jovem — sussurrei, satisfeito ao ver como o verso do poeta Keats combinava com minha

vida.

— Senhor! — O bilheteiro bateu na porta. Saí da cabine, limpando a boca com as costas da mão. Era o mesmo bilheteiro que tinha parado a mim e Damon na frente de Mystic Falls, e vi a desconfiança brilhar em seu rosto.

— Então estamos em Nova Orleans? — perguntei, o gosto do sangue de Lavinia no fundo da garganta.

O bilheteiro ruivo assentiu.

— E as senhoras? Estão cientes?

— Ah, sim, estão cientes — respondi, sem desviar os olhos e tirando o bilhete do bolso. — Mas pediram que não fossem perturbadas. E também peço para não ser perturbado. O senhor nunca me viu. Nunca esteve perto desta cabine. Mais tarde, se alguém perguntar, dirá que podem ter sido uns bandidos que embarcaram em Richmond. Eles pareciam suspeitos. Soldados da União — inventei.

— Soldados da União? — repetiu o bilheteiro, claramente confuso.

Suspirei. Até que eu tivesse controle sobre a coação, teria de recorrer a um estilo mais permanente de apagar a memória. Em um instante, segurei o pescoço do bilheteiro e o quebrei com facilidade, como se fosse uma ervilha. Depois o atirei na cabine com Lavinia, saí e fechei a porta.

— Sim, os soldados da União sempre criam tumultos sangrentos, não é mesmo? — perguntei retoricamente. Depois, assoviando, fui buscar Damon na ala masculina.

6

Damon estava caído no mesmo lugar, com um copo de uísque intocado transpirando na mesa de carvalho à sua frente.

— Vamos — falei asperamente, puxando-o pelo braço.

O trem reduzia a velocidade, e à nossa volta os passageiros reuniam seus pertences e faziam fila atrás de um bilheteiro que se postava diante das portas negras de ferro que levavam ao mundo exterior. Mas como não estávamos sobrecarregados de posses e éramos abençoados com força, sabia que nossa melhor opção era sair do trem como entramos: pulando pelos fundos do último vagão. Queria que já estivéssemos longe quando alguém percebesse alguma coisa errada.

— Você parece ótimo, maninho. — Seu tom era leve, mas a palidez cor de giz na pele e o arroxeado sob os olhos revelavam o quanto estava cansado e faminto. Por um instante, desejei ter deixado um pouco de Lavinia para ele, mas rapidamente rejeitei a ideia. Precisava ter o pulso firme. Assim meu pai treinava os cavalos. Negando-lhes comida até que finalmente parassem de puxar as rédeas e se submetessem a ser montados. Era o mesmo com Damon. Ele precisava ser vencido.

— Um de nós precisa manter as forças — falei a Damon, de costas para ele enquanto ia para o último vagão do trem.

O trem ainda deslizava, raspando as rodas nos trilhos de ferro. Não tínhamos muito tempo. Voltamos através da fuligem de carvão até a porta, que abri facilmente.

— No três! Um... dois... — Segurei seu pulso e pulei. Nossos joelhos bateram com força na terra dura.

— Sempre exibido, não é, irmãozinho?

— disse Damon, estremecendo. Percebi que suas calças se rasgaram nos joelhos com a queda e as mãos estavam marcadas do cascalho. Fiquei intacto, a não ser por um arranhão no cotovelo.

— Devia ter se alimentado. — Dei de ombros.

O apito do trem soou e dei uma olhada nos arredores. Estávamos na periferia de Nova Orleans, uma cidade movimentada, cheia de fumaça e um aroma que parecia uma combinação de manteiga, lenha e água seja. Era muito maior do que Richmond, que até então era a maior cidade que eu conhecia. Mas havia algo a mais, uma sensação de perigo que enchia o ar. Eu sorri. Aqui estava uma cidade na qual podíamos desaparecer.

Comecei a caminhar em direção à cidade com a velocidade sobrehumana que ainda não usara; Damon vinha atrás de mim, os passos ruidosos e desajeitados, mas constantes. Descemos a Garden Street, claramente uma das avenidas principais da cidade. À nossa volta havia filas de casas bem-cuidadas e coloridas como se fossem de bonecas. O ar era denso e úmido, e vozes falando francês, inglês e línguas que nunca ouvi criavam uma colcha de retalhos feita de sons.

Em ambos os lados era possível observar vielas que levavam ao mar e filas de vendedores nas calçadas negociando tudo: de tartarugas recém- capturadas a pedras preciosas importadas da África. Mesmo a presença de soldados da União em cada esquina, com suas fardas azuis e mosquetes na altura dos quadris, parecia um tanto festiva. Era um carnaval em todos os sentidos da palavra, o tipo de cena que Damon teria amado quando era humano. Virei-me para olhar para trás. Os lábios dele, é claro, estavam curvados num leve sorriso, os olhos brilhando de uma forma que eu não testemunhava havia séculos. Estávamos numa aventura juntos e, agora, longe das lembranças de Katherine e dos destroços de papai e Veritas, talvez Damon pudesse finalmente aceitar quem era e abraçar a nova vida.

— Lembra quando dissemos que viajaríamos pelo mundo? — perguntei, virando-me para ele. — Agora esse é o nosso mundo.

Damon assentiu sem muita veemência.

— Katherine me falou de Nova Orleans. Ela já morou aqui.

— Se ela estivesse aqui, ia querer que a cidade fosse dela... Para morar, ficar, saciar-se e conquistar seu lugar no mundo.

— Sempre o poeta. — Damon sorriu com malícia, mas continuou a me seguir.

— Talvez, mas é a verdade. Tudo isso é nosso — falei para encorajá-lo, abrindo os braços.

Damon levou algum tempo para considerar minhas palavras e

simplesmente disse:

— Muito bem, então.

— Muito bem? — repeti, quase sem acreditar. Era a primeira vez que ele olhava nos meus olhos desde nossa luta na pedreira.

— Sim. Vou com você. — Ele entrou em uma ruela circular, apontando as várias construções. — E então, onde vamos ficar? O que vamos fazer? Mostre-me este admirável mundo novo. — Os lábios de Damon se torceram num sorriso e eu não sabia se ele estava zombando de mim ou se falava com franqueza. Preferi acreditar nesta última.

Farejei o ar e de imediato capturei um sopro de limão e gengibre. Katherine. Os ombros de Damon enrijeceram; ele também devia ter sentido o cheiro. Sem dizer nada, demos meia-volta e começamos a descer uma viela sem placas, seguindo uma mulher com um vestido de cetim lilás e uma grande touca de sol por cima dos cachos escuros.

— Senhora! — chamei.

Ela se virou. As bochechas brancas tinham muito rouge e seus olhos eram maquiados à lápis. Ela me pareceu ter uns 30 anos, e rugas de preocupação já vincavam a testa clara. O cabelo caía em fiapos pelo rosto e o vestido tinha um decote baixo, revelando muito mais de seu colo sardento do que o estritamente decoroso. Soube imediatamente que era uma meretriz, sobre as quais cochichávamos quando meninos e apontávamos quando estávamos na taberna em Mystic Falls.

— Procuram por diversão, rapazes? — disse ela languidamente, o olhar disparando entre mim e Damon. Ela não era Katherine, nem chegava perto, mas pude ver um brilho nos olhos de Damon.

— Acho que não será problema encontrar um lugar pra ficar — sussurrei para ele.

— Não a mate — respondeu Damon aos sussurros, o queixo mal se mexendo.

— Venham comigo. Tenho algumas meninas que adorariam conhecê- los. Parece que vocês precisam de aventura. Certo? — disse ela, piscando.

Uma tempestade se formava e eu ouvia vagamente trovões a

distância.

— Sempre estamos à procura de aventura com uma dama bonita — falei.

Pelo canto do olho, vi Damon cerrar o queixo, e eu sabia que ele reprimia o impulso de se alimentar. Não reprima, pensei, esperando com fervor que Damon bebesse sangue ao seguirmos a mulher pelas ruas de paralelepípedos.

— Chegamos — disse ela, usando uma grande chave para destrancar a porta de ferro batido de um solar azul-violeta no final de um beco sem saída.

A casa era bem-conservada, mas as construções vizinhas pareciam abandonadas, com a pintura descascada e jardins transbordando de ervas- daninhas. Podia-se ouvir o som animado de um piano em seu interior.

— É meu pensionato, Miss Molly's. A diferença é que neste pensionato demonstramos a verdadeira hospitalidade, se estiverem dispostos — disse ela, piscando os longos cílios. — Vamos entrar?

— Sim, senhora. — Empurrei Damon pela porta, entrei e a tranquei.

7

No fim da tarde seguinte, olhei satisfeito o sol se pôr sobre o porto. A Srta. Molly não exagerara: as meninas da sua casa eram hospitaleiras. De café da manhã tivemos uma com um cabelo longo e macio cor de milho e olhos azuis turvos. Ainda sentia em meus lábios o gosto do sangue com vinho.

Damon e eu passamos o dia vagando pela cidade, admirando as sacadas de ferro batido no bairro francês — e as meninas que de lá acenavam para nós —, as alfaiatarias com rolos de seda suntuosa nas vitrines e as charutarias inebriantes, onde homens de barrigas redondas faziam negócios.

Mas de tudo o que vimos, o que mais me agradou foi o porto. Era o sangue vital da cidade, onde veleiros carregando mercadorias e artigos exóticos entravam e saíam. Sem o porto, eliminava-se a cidade, tornando-a vulnerável e indefesa como a menina da Srta. Molly naquela manhã.

Damon também olhava os barcos, esfregando pensativamente o queixo. Seu anel de lápis-lazúli cintilava à luz do sol poente.

— Quase a salvei.

— Quem? — perguntei, virando-me rapidamente, a esperança crescendo em meu peito. — Você deu uma escapada e se alimentou de alguém?

Meu irmão estava de olhos fixos no horizonte.

— Não, claro que não. Refiro-me a Katherine.

É claro. Suspirei. A única coisa que a noite anterior havia feito era tornar Damon mais insatisfeito do que nunca. Enquanto eu desfrutava da companhia e do sangue doce de uma menina cujo nome jamais saberei,

Damon foi para um quarto só dele, tratando o estabelecimento simplesmente como o pensionato que fingia ser.

— Devia ter bebido — disse pela centésima vez naquele dia. — Devia ter escolhido uma delas.

— Você não entende, Stefan? — perguntou Damon monotonamente.

— Eu não quero escolher nada. Quero o que tinha... Um mundo que compreendia, não um mundo que eu possa controlar.

— Mas por quê? — perguntei, perdido. O vento mudara e o cheiro de ferro, misturado com tabaco, talco e algodão, invadiu minhas narinas.

— Já é hora de se alimentar? — perguntou Damon com ironia. — Já não causou danos suficientes?

— E quem se importa com uma prostituta de um bordel sujo! — gritei, frustrado. Gesticulei para o mar. — O mundo está cheio de humanos e, assim que um morre, outro aparece. Importa se eu aliviar uma alma miserável de sua infelicidade?

— Está sendo descuidado, sabia? — grunhiu Damon. Sua língua disparou da boca para lamber os lábios secos e rachados. — Alimentando-se sempre que tem vontade. Katherine nunca fez isso.

— E, bem, Katherine morreu, não foi? — disse, minha voz saindo muito mais áspera do que eu pretendia.

— Ela teria odiado o que você se tornou — disse Damon, deslizando da cerca para ficar a meu lado.

O cheiro de ferro agora era mais penetrante, envolvendo-me como um abraço.

— Não, ela teria odiado você — retorqui. — Com tanto medo de quem é, incapaz de buscar o que quer, desperdiçando seu Poder.

Eu esperava que Damon discutisse, até que batesse em mim. Mas ele apenas meneou a cabeça, as pontas dos caninos retraídos visíveis nos lábios entreabertos.

— Odeio a mim mesmo. Não esperaria nada diferente dela — disse simplesmente.

Balancei a cabeça, decepcionado.

— O que houve com você? Antigamente era cheio de vida, sempre pronto para uma aventura. Esta foi a melhor coisa que nos aconteceu. É uma dádiva... Um presente de Katherine para você.

Do outro lado da rua um velho passou mancando, depois uma criança correu na direção contrária, cumprindo alguma ordem.

— Escolha um e alimente-se! Escolha alguma coisa, qualquer coisa. Qualquer coisa é melhor do que ficar parado aqui, deixando o

mundo passar.

Eu me levantei, seguindo o cheiro de ferro e tabaco, sentindo minhas presas pulsarem com a promessa de uma nova refeição. Segurei Damon, que se arrastou alguns passos atrás de mim até que nos vimos em uma ladeira distante da iluminação a gás. A pouca luz que havia se concentrava num único ponto: uma enfermeira de uniforme branco, recostada num prédio de tijolos, fumando um cigarro.

A mulher levantou a cabeça e sua expressão sobressaltada se transformou num lento sorriso ao ver Damon. Típico.

Mesmo como um vampiro sedento por sangue, Damon, de cabelos escuros, cílios longos e ombros largos, atraía o olhar das mulheres.

— Quer um cigarro? — perguntou ela, soprando a fumaça em círculos concêntricos que se misturavam com a névoa no ar.

— Não — disse Damon rispidamente. — Vamos, irmão.

Eu o ignorei, aproximando-me dela. Seu uniforme estava sujo de sangue. Eu não conseguia parar de olhá-lo, vendo o vermelho intenso formar um contraste com o puro branco. Não importava o quanto eu o tivesse visto desde minha transformação, sangue ainda me deixava pasmo pela sua beleza.

— Teve uma noite ruim? — perguntei, me inclinando contra o prédio ao lado dela.

Damon segurou meu braço e começou a me puxar em direção às luzes do hospital.

— Vamos embora, irmão.

A tensão serpenteou pelo meu corpo.

— Não! — Foi preciso apenas um golpe para jogá-lo na parede.

A enfermeira largou o cigarro. A brasa brilhou, depois se extinguiu. Senti o volume de minhas presas por trás dos lábios. Agora era só uma questão de tempo.

Damon tentou se levantar com esforço, mas logo se agachou, como se eu o fosse golpear novamente.

— Não quero ver isso — disse ele. — Se for em frente, nunca o perdoarei.

— Preciso voltar para meu turno — murmurou a enfermeira, afastando-se um passo de mim, como se quisesse fugir.

Segurei-a pelo braço e a puxei. Ela soltou um grito curto antes de eu cobrir sua boca com a mão.

— Não precisa mais se preocupar com isso — sibilei, cravando meus dentes no pescoço dela.

O líquido tinha gosto de folhas podres e antisséptico, como se a morte e a putrefação do hospital tivessem invadido o corpo da mulher. Cuspi o líquido ainda quente na sarjeta e joguei a enfermeira no chão. Seu rosto se contorcia numa careta de medo.

Mulher idiota. Deveria ter sentido o perigo e fugido enquanto podia. Aquilo não tinha sido nem mesmo uma caça. Inútil. Ela gemeu e eu coloquei os dedos em volta de seu pescoço, apertando até ouvir o estalo satisfatório do partir de ossos. A cabeça pendeu em um ângulo estranho, ainda pingando sangue da ferida.

Agora ela não fazia qualquer barulho.

Virei-me para Damon, que me fitava com uma expressão horrorizada.

— Vampiros matam. É o que fazemos, irmão — falei calmamente, o olhar fixo nos olhos azuis de Damon.

— É o que você faz — disse ele, tirando o casaco dos ombros e atirando sobre a enfermeira. — Não eu. Jamais.

A raiva latejava ardentemente dentro de mim.

— Você é um fraco — rosnei.

— Talvez seja — disse Damon. — Mas prefiro ser um fraco a ser um monstro. — Sua voz ficou mais forte. — Não quero participar desta carnificina. E, se nossos caminhos voltarem a se cruzar, juro que vingarei todos seus assassinatos, irmão.

Então virou-se e saiu correndo à velocidade de vampiro pela viela, desaparecendo rapidamente nas espirais de névoa.

8

4 de outubro de 1864

Como humano, eu pensava ter sido a morte de minha mãe que dera forma aos homens que Damon e eu nos tornamos. Nos primeiros dias após sua partida, eu chamava a mim mesmo de meio- órfão, trancando-me no quarto, sentindo que minha vida tinha terminado na tenra idade de 10 anos. Papai acreditava que o luto era sinal de fraqueza e falta de virilidade, então foi Damon que me confortou. Ele saía para cavalgar comigo, deixava-me brincar com os meninos mais velhos e batia nos irmãos Giffin quando caçoavam de mim por chorar por minha mãe durante um jogo de beisebol. Damon sempre foi o forte, meu protetor.

Mas eu estava errado. Foi a minha morte que deu forma a quem sou.

Agora a mesa virou. Sou o forte e venho tentando ser o protetor de Damon. Embora eu sempre tenha sido grato a Damon, ele me despreza e me culpa pelo que se tornou. Eu o obriguei a se alimentar de Alice, uma garçonete da taberna da cidade, o que completou a transformação dele. Mas isso faz de mim um vilão? Penso que não, em especial porque o ato salvou sua vida.

Finalmente, vejo Damon como meu pai o via: imperioso demais, voluntarioso demais, chegando a conclusões precipitadas demais, lento demais para mudar.

E como também percebi nesta noite enquanto permanecia à luz fraca do lampião a gás com o corpo da enfermeira a meus pés: estou só. Um órfão completo. Da mesma forma que Katherine havia se apresentado

quando chegou a Mystic Falls para ficar em nossa casa de hóspedes.

Então é assim que os vampiros vivem. Eles exploram a vulnerabilidade, fazem com que os humanos confiem neles e depois, quando todas as emoções estão solidificadas, atacam.

É o que farei. Não sei como nem quem será minha próxima vítima, mas sei, mais do que nunca, que a única pessoa de quem posso cuidar e a quem posso proteger é a mim mesmo. Damon está por conta própria e eu também.

Ouvi Damon zanzar pela cidade, movimentando-se à velocidade de vampiro pelas ruas e vielas. A certa altura ele parou, sussurrando o nome de Katherine repetidas vezes, como um mantra ou uma oração. E em seguida, nada...

Estaria morto? Teria se afogado? Ou simplesmente estava longe demais para que eu o ouvisse?

Qualquer que fosse o caso, o resultado era o mesmo. Eu estava só — tinha perdido minha única ligação com o homem que fui: Stefan Salvatore, o filho obediente, amante de poesia, o homem que lutava pelo que era certo.

Perguntei-me se isso significava que Stefan Salvatore, sem ninguém para se lembrar dele, estaria verdadeiramente morto, permitindo que eu fosse... qualquer um.

Eu podia me mudar para uma cidade diferente a cada ano, ver o mundo todo. Podia assumir quantas identidades quisesse. Podia ser um soldado da União. Podia ser um homem de negócios na Itália.

Podia até ser Damon.

O sol imergia rápido no horizonte, como uma bola de canhão caindo na terra, mergulhando a cidade na escuridão. Entrei em várias ruas iluminadas a gás, as solas de minhas botas raspando nos paralelepípedos. Um jornal perdido foi soprado em minha direção. Pisei na folha, examinando a imagem impressa de uma menina de cabelo preto e comprido e olhos claros.

Ela me parecia vagamente familiar. Perguntei-me se era parente de uma das meninas de Mystic Falls. Ou talvez uma prima sem nome que ia aos churrascos em Veritas. Mas então vi a manchete:

ASSASSINATO BRUTAL A BORDO DO EXPRESSO ATLÂNTICO.

Lavinia. Claro.

Já me esquecera dela. Estendi a mão e amassei o jornal, atirando-o o mais longe que pude no Mississipi. A superfície da água era lamacenta e revolta, banhada pela luz da lua. Eu não podia ver meu reflexo — não via nada, apenas um abismo de trevas, tão profundo e escuro como meu novo futuro. Poderia eu continuar eternamente me alimentando, matando, esquecendo, depois repetindo todo o ciclo?

Sim. Cada instinto e impulso que eu tinha gritava sim.

O triunfo de me aproximar de minha presa, tocando meus caninos na pele fina que cobria o pescoço, ouvindo o coração desacelerar a um baque surdo e sentindo o corpo amolecer em meus braços... Caçar e me alimentar me deixavam vivo, completo; davam-me um propósito no mundo.

Era, afinal, a ordem natural das coisas. Os animais matavam animais mais fracos. Humanos matavam animais. Eu matava humanos. Cada espécie tem um inimigo. Estremeci ao pensar que monstro seria poderoso o bastante para me caçar.

A brisa salgada que vinha da água era temperada com o odor de corpos sujos e comida podre — muito diferente do aroma do centro da cidade, onde os cheiros de perfume floral e talco pendiam no ar das amplas ruas. Aqui, as sombras estavam em cada canto, sussurros surgiam e sumiam com o fluxo do rio e soluços de bêbado penetravam o ar. Era um lugar sombrio. Perigoso.

E eu gostava bastante.

Virei uma esquina, seguindo meu olfato como um cão de caça no rastro de uma corça. Flexionei os braços, pronto para uma caçada — um bêbado encharcado de gim, um soldado, uma mulher na rua depois do anoitecer. A vítima não importava.

Virei a esquina e o cheiro de ferro do sangue ficou mais próximo. Era doce e defumado. Concentrei-me nele, na expectativa de cravar minhas presas em um pescoço e me perguntando de quem seria o sangue que eu bebia, que vida estava subtraindo.

Continuei, acelerando o passo ao localizar a origem do cheiro, uma ruela anônima ladeada por uma botica, um armazém e uma alfaiataria. A via era uma réplica de nossa rua principal em Mystic

Falls. Mas enquanto tínhamos apenas uma, Nova Orleans devia ter dezenas, se não centenas, desses corredores comerciais.

Agora o cheiro de ferrugem era mais forte. Virei aqui e ali, minha fome crescendo, ardendo, queimando minha pele até que finalmente cheguei a uma construção baixa cor de pêssego. Mas quando vi a placa pintada nos altos da porta, parei. Havia embutidos pendurados na janela encardida da casa; peças de carne curada penduradas do teto como um móbile grotesco de uma criança; costelas esculpidas estavam aninhadas em gelo sob um balcão e, no canto mais distante, pendiam carcaças inteiras, o sangue escorrendo em grandes tonéis.

Mas isto era... um açougue?

Suspirei de frustração, mas ainda assim minha fome me obrigou a abrir a porta. A corrente de ferro se quebrou facilmente, como se não fosse mais resistente do que um fio de linha. Dentro da loja olhei as carcaças ensanguentadas, hipnotizado por um momento com o sangue que caía nos tonéis, gota a gota.

Além do barulho do sangue escorrendo, ouvi um levíssimo ping, não mais alto do que o torcer de um bigode de camundongo. Depois veio o leve arrastar de pés sobre concreto.

Recuei, os olhos disparando de um canto a outro. Camundongos corriam sob as tábuas do piso, o relógio de alguém batia na casa ao lado. Tudo o mais era silêncio. Mas o ar em volta de mim ficou mais denso de repente e de algum modo o teto ficou mais baixo, dando-me a clara compreensão de que não havia saída desta sala da morte.

— Quem está aí? — chamei para o escuro, girando o corpo com as presas à mostra. Depois veio o movimento. Presas, olhos, o bater de passos que se aproximavam de mim por todos os cantos.

Um grunhido baixo e gutural ecoou nas paredes sujas de sangue da loja e percebi, com um sobressalto nauseante, que eu estava cercado de vampiros que pareciam, todos, prestes a atacar.

9

Eu me agachei e minhas presas se alongaram. O denso cheiro de sangue invadia cada canto da sala, fazendo minha cabeça girar. Era impossível saber onde atacar primeiro.

Os vampiros rosnaram novamente e, em resposta, emiti um grunhido baixo. O círculo se fechou em volta de mim. Eram três, e eu estava preso como um peixe numa rede, um cervo cercado de lobos.

— O que pensa que está fazendo? — perguntou um dos vampiros. Parecia estar em seus 20 e poucos anos e tinha uma cicatriz que percorria toda a face, do olho esquerdo ao canto do lábio.

— Sou um de vocês — falei, imóvel e ereto, com as presas à mostra.

— Ah, ele é um de nós! — disse um vampiro mais velho em uma voz cantarolada. Usava óculos e um colete de tweed por cima de uma camisa branca. Mas, a não ser pelas presas e pelos olhos avermelhados, podia passar como contador ou um amigo de meu pai.

Eu me mantive impassível.

— Não tenho problemas com vocês, irmãos.

— Não somos seus irmãos — disse outro, de cabelo castanho-alaranjado. Não parecia ter mais de 15 anos. O rosto era amistoso, mas os olhos verdes eram implacáveis.

O mais velho avançou um passo, colocando o dedo ossudo em meu peito como uma estaca de madeira.

— E então, irmão, essa é uma boa noite para jantar... ou morrer. O que me diz?

O jovem vampiro se ajoelhou a meu lado, olhando nos meus olhos.

— Parece que ele terá as duas coisas. Que sujeito de sorte — disse ele, mexendo em meu cabelo. Tentei chutá-lo, mas meu pé simplesmente golpeou o ar sem atingir ninguém.

— Não, não, não. — Enquanto o vampiro com a cicatriz olhava sem dizer nada, o mais novo pegou meus braços e os prendeu tão

forte e abruptamente às minhas costas que eu ofeguei. — Não nos desrespeite. Somos mais velhos. E você já foi bastante desrespeitoso, se a casa da Srta. Molly serve de indicação. — Ele falou o nome dela lentamente, como um cavalheiro educado e benevolente do Sul. Mas o aperto de aço em meus braços indicava que ele não era nada parecido com aquilo.

— Não fiz nada — falei, esperneando novamente. Se era para morrer, morreria lutando.

— Tem certeza? — perguntou ele olhando-me de cima, enojado. Tentei me virar, mas ainda não conseguia me mexer.

O vampiro mais velho riu.

— Não consegue controlar seus desejos. Impulsivo, este aqui. Vamos lhe dar uma dose do próprio remédio. — Com um floreio, ele me soltou, empurrando-me para a frente com uma força que jamais senti. Bati no reboco da parede com um estrondo e caí sobre o ombro, minha cabeça estalando no piso de madeira.

Eu me encolhi sob meus agressores, percebendo que, se sobrevivesse a este encontro, não seria heroicamente.

— Eu não pretendia fazer nada. Sinto muito. — Minha voz saiu entrecortada.

— É mesmo? — perguntou o jovem vampiro com um brilho nos olhos. O som de madeira se quebrando invadiu meus ouvidos. Eu me encolhi. Um vampiro podia enfiar uma estaca em outro? Não era uma pergunta que eu quisesse ver respondida da forma mais difícil.

— Sim. Sim! Eu não pretendia entrar aqui. Não sabia que havia alguém aqui. Acabo de chegar a Nova Orleans — falei, procurando uma desculpa.

— Silêncio! — ordenou ele, avançando em minha direção com um pedaço de madeira irregular na mão. Me encolhi contra a parede danificada.

Então era assim que terminaria. Morrendo com uma estaca improvisada, assassinado por minha própria espécie.

Duas mãos esmagaram meus braços enquanto outras duas prendiam os tornozelos com tanta força que me senti soterrado debaixo de um rochedo. Fechei os olhos. Uma imagem de meu pai prostrado no chão de seu escritório surgiu na minha mente e balancei a cabeça de agonia, lembrando- me do rosto suado e apavorado dele.

É claro que eu estava tentando salvá- lo, mas ele não sabia disso. Se estivesse olhando agora, como anjo, demônio ou um mero espectro condenado a assombrar o mundo, ficaria emocionado ao ver o desenrolar desta cena.

Fechei os olhos com força, tentando evocar outra lembrança, uma recordação que me levasse a outro lugar, a outra época. Mas só conseguia pensar em minhas vítimas, no momento em que minhas presas cortavam a pele, os gemidos lamuriosos se transformando em silêncio, o sangue pingando de minhas presas e escorrendo pelo queixo. Logo todo o sangue que eu tomei seria libertado, vertendo de meu próprio corpo, devolvido à terra, pois eu morreria ali, desta vez para sempre, naquele piso de madeira.

— Basta! — Uma voz de mulher desfez o cenário em minha mente. De imediato os vampiros soltaram minhas mãos e meus pés. Abri os olhos e vi uma mulher deslizando por uma porta de madeira estreita no fundo. O cabelo louro e comprido caía em uma única trança às costas e ela vestia calças pretas de homem e suspensórios. Era alta, porém magra como uma criança, e todos os outros vampiros se retraíram de medo.

— Você — disse ela, ajoelhando-se a meu lado. — Quem é você? — Os olhos âmbar se fixaram nos meus. Eram claros e curiosos, mas havia algo neles, o escuro das pupilas, talvez, que parecia antigo e sagaz, fazendo um forte contraste com o rosto rosado e sem rugas.

— Stefan Salvatore — respondi-lhe.

— Stefan Salvatore — repetiu ela num italiano perfeito. Embora zombeteira, a voz não era hostil. Ela passou o dedo gentilmente por meu queixo, depois colocou a palma da mão em meu peito e me espremeu contra a parede, com força. A intempestividade do movimento me assustou, mas enquanto eu me sentava, preso e indefeso, ela levou o outro pulso à boca, usando a presa para perfurar a veia. Passou a pele pelos dentes, criando um fio de sangue.

— Beba — ordenou, levando o pulso a meus lábios.

Fiz o que mandou, conseguindo engolir algumas gotas do líquido antes de ela afastar repentinamente a mão.

— Já basta. Isto deve curar suas feridas.

— Ele e o irmão vêm causando destruição por toda a cidade — disse o vampiro grandalhão, apontando-me a estaca improvisada

como um rifle.

— Somente eu — falei rapidamente.

— Meu irmão não participou disto. — Damon nunca sobreviveria à ira destes demônios. Não enfraquecido como estava.

A vampira loura torceu o nariz ao se aproximar ainda mais.

— Que idade tem, uma semana? — perguntou, inclinando-se para trás nos calcanhares.

— Quase duas — respondi num tom de desafio, empinando o queixo.

Ela assentiu com certo sorriso nos lábios e se pôs de pé, olhando a loja.

A parede estava parcialmente esburacada e havia manchas de sangue pelo chão e pontilhando as paredes, como se uma criança tivesse ficado no meio da sala girando com um pincel cheio de tinta. Ela bufou e os três vampiros simultaneamente recuaram um passo. Eu tremi.

— Percy, venha cá e traga aquela faca — disse ela.

Com um suspiro, o vampiro mais novo tirou um longo trinchador que estava atrás das costas.

— Ele não estava seguindo as regras — disse com petulância, lembrando-me dos meninos Giffin em Mystic Falls. Os dois eram tiranos, sempre prontos a chutar uma criança no pátio da escola e depois falar para um professor que não tinham nada a ver com aquilo.

Ela pegou a faca e a olhou, passando o indicador pela lâmina reluzente.

Então a estendeu para Percy. Ele hesitou por um instante, mas por fim aproximou-se para pegá-la. Nessa hora os caninos da mulher se alongaram e seus olhos ficaram vermelhos. Com um rosnado, ela esfaqueou Percy no peito. Ele caiu de joelhos, recurvado numa agonia silenciosa.

— Você persegue este vampiro por fazer uma bagunça na cidade — fervilhava ela, cravando ainda mais a faca — e tenta destruí-lo nesta loja, um lugar público? É tão tolo quanto ele.

O jovem vampiro se colocou de pé com dificuldade. Escorria sangue pela camisa, como se tivesse derramado café. Ele fez uma careta ao puxar a faca, que fez um ruído de sucção.

— Desculpe — disse ele, ofegante.

— Está desculpado. — A mulher estendeu o pulso para a boca de Percy. Apesar do olhar juvenil e o temperamento aparentemente violento, ela também tinha algo de maternal que os outros vampiros pareciam aceitar, como se para eles as facadas fossem tão normais quanto um tapinha seria para uma criança levada.

Ela se virou para mim.

— Desculpe o transtorno, Stefan.

Agora, posso ajudá-lo a ir para casa? — perguntou ela.

Olhei em volta desvairadamente. Até agora, só pensara em escapar desta sala.

— Eu...

— ... não tem para onde ir — disse ela com um suspiro, concluindo meu pensamento. Então olhou para os outros vampiros, que agora estavam num canto da sala, de cabeça baixa, conversando.

— Irei assim mesmo — completei, esforçando-me para ficar de pé. Minha perna estava bem, mas os braços tremiam e a respiração era instável. Com vampiros da cidade vigiando cada movimento meu, para onde eu iria? Como me alimentaria?

— Que absurdo, você virá conosco — disse ela, virando e saindo pela porta. Ela apontou para o jovem vampiro e o que usava óculos. — Percy e Hugo, fiquem e limpem este lugar.

Praticamente tive de correr para acompanhar a mulher e o vampiro alto com a cicatriz, o que observara minha tortura.

— Vai precisar que alguém lhe mostre a cidade — explicou ela, parando apenas por um momento. — Este é Buxton — disse ela, pegando o vampiro pelo cotovelo.

Andamos por rua após rua até que nos aproximamos de uma igreja com um pináculo alto.

— Chegamos — disse ela, virando-se bruscamente para entrar por um portão de ferro batido. As botas ecoavam na calçada de ardósia que levava aos fundos da casa. Ela abriu a porta e fui recebido por um cheiro de mofo. Buxton de imediato atravessou a sala e subiu uma escada, deixando-me sozinho com a jovem vampira no escuro.

— Bem-vindo ao lar — disse ela, abrindo os braços. — Há muitos quartos desocupados nos andares superiores. Encontre um que sirva para você.

— Obrigado. — Enquanto meus olhos se adaptavam ao escuro,

percebi o que me cercava. Cortinas de veludo preto atadas por cordões dourados cerravam cada janela. A poeira flutuava no ar e pinturas em molduras douradas cobriam as paredes. Os móveis eram gastos e eu conseguia distinguir apenas duas amplas escadas com o que pareciam passadeiras orientais e um piano na sala ao lado. Embora em certa época esta casa devesse ser grandiosa, agora as paredes sujas estavam rachadas e descascavam, e teias de aranha pendiam do lustre de ouro e cristal sobre nós.

— Entre sempre pelos fundos. Jamais abra as cortinas. Não traga ninguém aqui.

Compreendeu, Stefan? — Ela me olhou incisivamente.

— Sim — respondi, passando o dedo pela lareira de mármore e abrindo uma trilha na poeira de 2 centímetros de espessura.

— Então acho que vai gostar daqui — disse ela.

Virei-me para ela, concordando com a cabeça. Meu pânico diminuíra e os braços não tremiam mais.

— Meu nome é Lexi — disse ela, estendendo a mão, permitindo-me levá-la a meus lábios e beijá-la. — Algo me diz que você e eu seremos amigos por um longo tempo.

10

Acordei pouco antes de anoitecer sobre a cidade. Pela janela do quarto, podia ver o sol alaranjado atrás de um campanário branco.

Toda a casa estava em silêncio e por um momento não consegui me lembrar onde estava. Depois tudo voltou à minha memória: o açougue, os vampiros, eu sendo atirado na parede.

Lexi.

Como se seguisse uma deixa, ela entrou deslizando no quarto, mal produzindo ruído ao abrir a porta. O cabelo louro estava solto nos ombros e ela usava um simples vestido preto. Se alguém olhasse rapidamente, podia confundi-la com uma criança. Mas eu sabia, pelos leves vincos em torno dos olhos e pelos lábios cheios, que tinha sido plenamente adulta, provavelmente em torno de 19 ou 20 anos. Não tinha ideia de quantos anos Lexi teria desde então.

Ela se sentou na beira da minha cama, afagando meu cabelo.

— Boa noite, Stefan — disse ela com um brilho de malícia nos olhos. Segurava um copo cheio de um líquido escuro entre os dedos.
— Você dormiu — observou ela.

Assenti. Até eu afundar na cama de plumas do terceiro andar da casa, não tinha percebido que mal dormira na semana anterior. Mesmo no trem, não parei de me remexer, ciente dos suspiros e roncos de meus companheiros passageiros e sempre, sempre ciente do bater constante do sangue correndo em suas veias. Mas aqui não havia batimentos que me tirassem o sono.

— Trouxe isto para você — disse ela, estendendo o copo. Eu o afastei. O sangue tinha um cheiro ruim, amargo.

— Precisa beber — disse ela, parecendo tanto comigo mesmo falando a Damon que não pude deixar de sentir uma pontada de irritação... e tristeza. Levei o copo à boca e tomei um golinho, reprimindo o impulso de cuspir. Como eu esperava, a bebida tinha gosto de água parada, e o cheiro me deixou um pouco enjoado.

Lexi sorriu para si mesma, como se desfrutasse de uma piada

particular.

— É sangue de cabra. Vai lhe fazer bem. Você ficará enjoado, dado o modo como vem se alimentando. Uma dieta exclusiva de sangue humano não faz bem para a digestão. Nem para a alma.

— Não temos alma — zombei. Mas levei o copo à boca mais uma vez.

Lexi suspirou e pegou o copo, colocando-o na mesa de cabeceira a meu lado.

— Tanto a aprender... — sussurrou ela, quase para si mesma.

— Bem, não nos falta tempo, não é mesmo? — observei. Fui recompensado com uma risada deliciosa, surpreendentemente alta e gutural para o corpo de aparência frágil.

— Você aprende rápido. Vamos. Levante-se. Está na hora de lhe mostrar nossa cidade — disse ela, entregando-me uma camisa branca e calças.

Depois de me trocar, segui-a pela escada de madeira rangente até chegar aos vampiros reunidos no salão de baile. Estavam bem-vestidos, mas todos pareciam meio antiquados, como se tivessem saído de um dos muitos retratos na parede. Hugo estava sentado ao piano, tocando uma versão desafinada de Mozart, metido numa capa de veludo azul. Buxton, o vampiro forte e violento, vestia uma camisa frouxa, branca e pregueada, e Percy usava calças desbotadas e suspensórios que davam a impressão de que estava atrasado para um jogo de bola com os colegas de escola.

Quando me viram, os vampiros ficaram paralisados. Hugo assentiu de leve, mas os demais se limitaram a observar num silêncio sepulcral.

— Vamos! — ordenou Lexi, liderando nosso grupo pela porta, descendo a calçada de ardósia pelas vielas sinuosas e finalmente entrando numa rua com a placa Bourbon. Cada entrada levava a um bar mal- iluminado, do qual fregueses embriagados saíam trôpegos para o ar noturno. Mulheres de roupas insinuantes se reuniam em grupos sob os toldos e homens caíam de bêbados, prontos a rir ou brigar a qualquer momento. Imediatamente entendi por que Lexi nos trouxe aqui. Embora vestindo nossos trajes estranhos, não chamávamos mais atenção do que qualquer um dos farristas vivos.

Enquanto andávamos, os outros me cercavam, mantendo-me

no meio da roda o tempo todo. Eu sabia que era vigiado atentamente e tentei não me deixar afetar pelo cheiro de sangue e pelo ritmo das batidas de corações.

— Aqui! — disse Lexi, sem se incomodar em consultar o resto do grupo, abrindo a porta de um bar que dizia miladies em uma letra cursiva floreada. Fiquei impressionado com a ousadia dela — em Mystic Falls, somente mulheres de má fama entrariam numa taberna. Mas, como eu percebi rapidamente, Nova Orleans não era Mystic Falls.

O chão do Miladies era coberto de serragem e estremeci com o cheiro acre e opressor de suor, uísque e colônia. As mesas estavam lotadas, homens ombro a ombro jogando cartas, apostando e conversando. Todo um lado do salão era repleto de soldados da União e, em outro canto, uma banda heterogênea que consistia em um acordeão, duas rabecas e uma flauta, tocava uma versão animada de "The Battle Hymn of the Republic".

— O que acha? — perguntou Lexi, levando-me ao bar.

— É um bar da União? — perguntei. O exército da União tinha tomado a cidade meses antes e soldados montavam sentinela em cada esquina, mantendo a ordem e lembrando aos confederados que a guerra que travavam era uma causa perdida.

— Sim. Sabe o que isto quer dizer, não é?

Olhei o salão. Além dos soldados, era um público feito de solitários. Homens sozinhos afogavam a solidão junto a mesas de madeira, mal notando a presença dos vizinhos. Os garçons mecanicamente enchiam os copos, jamais parecendo registrar as pessoas a quem serviam.

Compreendi imediatamente.

— Todos aqui estão de passagem.

— Exatamente. — Lexi sorriu, claramente satisfeita por eu ter entendido.

Buxton deu um pigarro de reprovação. Eu sabia que ele não gostava de mim — que esperava que eu cometesse um deslize para que pudesse me enfiar uma estaca sem gerar a ira de Lexi.

— Hugo, encontre uma mesa para nós! — ordenou Lexi.

Hugo caminhou com seu corpanzil até uma mesa tosca ao lado da banda. Antes que pudesse abrir a boca, os soldados de casaco azul

se olharam e se levantaram, deixando as canecas pela metade.

Lexi puxou duas cadeiras.

— Stefan, sente-se a meu lado.

Sentei-me, um tanto constrangido por ser tão submisso, como uma criança. Mas lembrei a mim mesmo que até Hugo seguia sua liderança. Lexi tinha Poder, e sabia como usá-lo.

Percy, Hugo e Buxton também se sentaram.

— Agora — disse Lexi, pegando uma das canecas de cerveja abandonadas e agitando-a no ar, fazendo a garçonete se aproximar. — Vamos ensiná-lo a se comportar em público.

Meu rosto corou de raiva.

— Estou me comportando — falei entredentes. — Apesar do fato de haver tanta gente que é quase impossível se concentrar.

Percy e Hugo deram uma risadinha.

— Ele não está pronto... — disse Buxton num tom rude.

— Sim, está. — As palavras de Lexi foram lentas e um tanto mecânicas. Buxton cerrou os dentes, claramente tentando refrear seu temperamento. Eu me remexi na cadeira. De repente senti que tinha dez anos de novo, quando Damon me protegia dos irmãos Giffin. Só que desta vez era uma mulher que o fazia. Eu estava a ponto de ressaltar que não precisava que Lexi respondesse por mim quando ela colocou a mão em meu joelho. O toque era gentil, e me acalmou.

— Vai ficar mais fácil — disse ela, fitando-me nos olhos. — Então, lição número um — continuou ela, voltando-se para todo o grupo. Foi uma gentileza da parte dela, percebi, uma vez que eu era o único que não sabia os detalhes da vida de vampiro. — A primeira lição é aprender a coagir sem chamar atenção para si. — Ela se recostou e olhou a banda. — Não gosto desta música. Stefan, o que gostaria de ouvir?

— Humm... — Olhei a mesa, confuso. Percy deu outra risadinha, mas parou quando Lexi o fuzilou com os olhos. —

"God Save the South"? — falei, hesitante. Foi a primeira coisa que me veio à mente; uma música que Damon costumava assoviar quando estava de partida para o exército.

Lexi empurrou a cadeira para trás, os pés chutando uma camada de serragem. Foi até a banda e olhou cada um dos integrantes nos olhos enquanto dizia algo que não pude ouvir.

A banda parou no meio de um acorde e imediatamente passou a tocar "God Save the South".

— Ei! — gritou um soldado. Seus camaradas olharam-se, claramente se perguntando por que uma banda em um bar da União de repente foi inspirada a tocar uma música pró-sul.

Lexi sorriu maliciosamente, como se deliciada pelo seu truque.

— Ficou impressionado?

— Muito — disse eu, sendo sincero. Até Percy e Hugo assentiram, concordando.

Lexi tomou um gole da cerveja.

— Sua vez. Escolha alguém — disse ela.

Olhei o bar, meus olhos caindo em uma garçonete de cabelos pretos. Os olhos dela eram castanho-escuros e o cabelo estava preso em um nó frouxo na nuca.

Seus lábios estavam entreabertos e ela usava um camafeu que se aninhava no vão do pescoço. Na fração de segundo entre ver e assimilar, eu me lembrei de Katherine. Pensei na primeira vez que olhei a Srta. Molly e como também a confundi com Katherine. Parecia que minha criadora pretendia me assombrar em Nova Orleans.

— Ela — disse e assenti para a garota.

Lexi me olhou incisivamente, como se soubesse que havia uma história por trás desta decisão. Mas não se intrometeu.

— Limpe sua mente — disse ela — e deixe que a energia entre nela.

Concordei com a cabeça, lembrando-me do momento no trem em que meus pensamentos tocaram os de Lavinia. Fixei os olhos na garçonete. Ela ria, a cabeça caída para trás, mas assim que meu foco se concentrou nela, os olhos baixaram até os meus, quase como se eu lhe tivesse pedido para fazer isso.

— Bom — murmurou Lexi. — Agora, use a mente para dizer o que quer dela.

Foi nesta parte que errei antes. Quando tentei coagir o bilheteiro, tinha milhares de pensamentos sobre possíveis cenários durante nossa interação, mas não pedi por nenhum deles.

Venha cá, desejei, encarando aqueles olhos que pareciam chocolate líquido. Venha até mim. Por um momento ela continuou

atrás do balcão, mas depois avançou um passo hesitante. Sim, continue. Ela deu outro passo, desta vez com mais confiança, abrindo caminho em minha direção. Eu esperava que ela estivesse atordoada, quase como uma sonâmbula. Mas não parecia em transe. Para qualquer espectador, ela podia simplesmente ter vindo a nossa mesa para pegar os pedidos de bebidas.

— Olá — falei quando ela chegou.

— Não quebre o contato visual — sussurrou Lexi. — Diga-lhe o que quer que ela faça agora.

Sente-se, pensei. E quase de imediato a mulher se alojou entre mim e Buxton, a coxa quente encostada na minha.

— Olá — disse ela sem piscar. — É estranho, mas de repente eu sabia que precisava me sentar aqui com você.

— Meu nome é Stefan — disse eu, apertando sua mão. Minhas presas se alongaram e as paredes do estômago colaram uma na outra. Eu a queria. Loucamente.

— Não nos envergonhe. — Essas foram as últimas palavras de Lexi antes de ela desviar os olhos de mim para ver a banda. Estava claro que, embora não aprovasse minhas próximas ações, ela não necessariamente as condenava.

Convide-me para ir lá fora, pensei, colocando a mão na coxa da garçonete. Porém, ao pensar nestas palavras, olhei para Lexi, rompendo minha ligação com a garota.

Ela se remexeu, puxou o cabelo para cima, então os deixou cair sobre as costas. Olhou a banda, passando o indicador na beira de um copo.

Convide-me para ir lá fora, pensei novamente, voltando a me concentrar plenamente nela. O suor fazia cócegas em minha têmpora. Teria eu perdido a ligação para sempre?

Ela, porém, assentiu de leve.

— Sabe de uma coisa? O barulho aqui dentro é terrível e eu queria conversar com você. Se importaria se fôssemos lá fora? — perguntou ela, olhando-me.

Levantei-me, arrastando a cadeira no chão.

— Gostaria muito — respondi, oferecendo-lhe o braço.

— Traga-a de volta viva, rapaz, ou terá de acertar as contas comigo — disse uma voz tão baixa que me perguntei se a teria

imaginado.

Mas quando me virei, Lexi se limitava a sorrir e acenar.

11

Na rua, deixei que a mulher me levasse para longe da multidão de bêbados, em direção a uma transversal atrás de um bar de nome Calhoun's.

— Desculpe — disse ela sem fôlego. — Não sei o que deu em mim. Em geral não sou tão ousada, é só que...

— Fico feliz por isso — interrompi-a. Ela tremia, e envolvi seu corpo magro em meus braços. Ela imediatamente se afastou.

— Você está tão frio! — exclamou ela num tom de acusação.

— Estou? — perguntei, fingindo indiferença. Você quer me beijar, pensei.

Ela deu de ombros.

— Está tudo bem. É que eu sou sensível à temperatura. Mas conheço um jeito de nos aquecer. — Ela sorriu timidamente, então se colocou na ponta dos pés. Seus lábios se comprimiram contra os meus e, por um momento, eu me permiti desfrutar de seu calor e da sensação do sangue correndo por suas veias enquanto ela me obedecia.

Então avancei para o pescoço.

— Ai! — protestou ela, tentando me empurrar. — Pare!

Você vai sucumbir, porque só assim permitirei que sobreviva, pensei, usando cada fibra de meu ser para coagi-la àquele momento crucial. Ela me olhou com uma expressão confusa antes de voltar a meus braços; o rosto era uma máscara de sonolenta satisfação.

Bebi mais uns goles do sangue, consciente demais de Lexi e dos outros dentro do bar. Então puxei a mulher, colocando-a de pé. Tive cuidado. Os buracos que fiz em seu pescoço eram mínimos, e era quase impossível enxergá-los com a visão humana. Ainda assim, ajeitei o cachecol no pescoço dela para cobri-los.

— Acorde — sussurrei suavemente.

Seus olhos se abriram, o olhar desfocado.

— O que... Onde estou? — perguntou ela. Eu podia sentir o

coração dela bater mais rápido, sentia que a moça estava prestes a soltar um grito.

— Você estava ajudando um freguês bêbado — falei. — Agora pode ir. Eu só queria saber se você estava bem.

Sua atenção despertou, relaxando o corpo.

— Peço desculpas, senhor. Em geral, os fregueses não ficam tão desordeiros no Miladies. Obrigada por me ajudar. Eu lhe darei um uísque, por conta da casa — disse ela, piscando para mim.

Entrei no Miladies atrás dela e fui recompensado por um breve sorriso de Lexi na mesa do canto.

Bom trabalho, rapaz.

Segui a mulher até que ela tivesse seguramente reassumido sua posição atrás do balcão de madeira polida do bar.

— Qual é o seu veneno? — perguntou ela, com a garrafa na mão. Ela estava pálida, como se estivesse levemente gripada. Enquanto isso, seu sangue estava quente em meu estômago.

— Já bebi o suficiente, obrigado, senhorita — falei, pegando sua mão e levando-a até a boca, beijando-a com a mesma ternura com que marquei seu pescoço.

12

Na noite seguinte, Lexi bateu na porta do meu quarto. Estava de casaco e calças pretas. Um chapéu escondia a maior parte do cabelo, a não ser por alguns fios louros que emolduravam o rosto.

— Fiquei orgulhosa de você na noite passada — disse ela. Eu sorri, a contragosto. Era surpreendente a rapidez com que eu buscava a aprovação de Lexi. — Quanto tirou da garçonete?

— Não muito. Mas eu queria mais — admiti.

Uma expressão que não consegui decifrar muito bem passou pelo rosto dela.

— Antigamente eu era como você, sabe? Mas, quanto mais você se alimenta de humanos, mais fome sente. É uma maldição. Existem outros meios. Já caçou sangue animal?

Balancei a cabeça negativamente.

— Bem, para sua sorte, vou caçar agora — disse ela — e você virá comigo. Vista roupas escuras e me encontre no térreo em cinco minutos.

Coloquei a jaqueta escura de corte militar que encontrei pendurada no armário e desci correndo a escada, sem querer adiar essa experiência com Lexi por cinco minutos que fossem. Embora eu me enfurecesse com os comentários de Buxton sobre minha inexperiência, quando eles vinham de Lexi eu só ficava ansioso por uma aula sobre como nossa espécie sobrevivia.

Saímos pela porta e não havia vestígio do sol no céu negro. Farejei o ar, procurando o cheiro do humano mais próximo, mas parei quando vi Lexi me encarando com uma expressão sagaz.

Em vez de entrar à esquerda, para o burburinho da Bourbon Street, ela virou à direita, entrando e saindo de transversais até chegarmos a um bosque. No alto, as árvores eram nuas e fantasmagóricas contra o céu escuro da noite, a lua era nossa única fonte de luz.

— Existem cervos aqui — disse Lexi — e esquilos, ursos,

coelhos. Creio que há uma toca de raposas por ali — acrescentou ela, entrando no bosque denso e pantanoso. — O sangue delas tem um cheiro mais terroso do que o dos humanos e o coração bate muito mais rápido.

Eu a segui. Rápida e silenciosamente, disparamos de árvore a arbusto sem perturbar o que havia por baixo. De certo modo, parecia que estava brincando de esconde-esconde, ou só brincando de caçar, como fazem os meninos. Afinal, como humano, sempre portei uma arma numa caça. Agora só o que tinha eram minhas presas.

Lexi levantou a mão. Parei a meio passo, meus olhos disparando para todo os lados. Só o que via eram troncos grossos e formigas correndo por tocos irregulares. De repente Lexi atacou. Ao se levantar, o sangue pingava das presas e um sorriso presunçoso iluminava seu rosto. Uma criatura jazia nas folhas caídas, de pernas flexionadas, como se ainda estivesse no meio da corrida.

Ela gesticulou para o monte de pelos vermelho-alaranjados.

— Raposa não é ruim. Por que não experimenta?

Ajoelhei-me, franzindo os lábios ao fazer contato com o pelo áspero. Obriguei-me a tomar um gole cauteloso do líquido, apenas porque sabia que era esta a vontade de Lexi. Assim que suguei, o sangue queimou minha língua. Cuspi com violência.

— Beber sangue de raposa é um gosto adquirido, imagino — disse Lexi enquanto se ajoelhava no chão a meu lado. — Pelo menos sobra mais para mim!

Enquanto Lexi se alimentava, recostei- me num tronco e ouvi o farfalhar da floresta. A brisa mudou, e de repente um cheiro de sangue rico em ferro estava por toda parte. Era doce e temperado, e não vinha da raposa de Lexi.

Em algum lugar, perto dali, havia um coração humano, trabalhando a 72 batidas por minuto.

Com cautela e de forma furtiva, passei por Lexi, arriscando-me até o perímetro do bosque. Armada na beira do lago, havia uma favela. Barracas inclinavam-se em variados ângulos e varais improvisados corriam entre os postes de madeira. Todo o ambiente parecia fortuito, como se os habitantes soubessem que teriam de levantar acampamento e se mudar a qualquer segundo.

O acampamento só não estava deserto graças a uma mulher

que se banhava, o luar batendo em sua pele clara como marfim. Ela cantarolava para si mesma, lavando a terra das mãos e do rosto.

Escondi-me atrás de um grande carvalho, pretendendo pegá-la de surpresa. Mas um grande cartaz numa árvore chamou minha atenção. Aproximei-me um passo. Um galho se quebrou, a mulher se virou e pude sentir Lexi atrás de mim.

— Stefan — murmurou Lexi, obviamente ciente da cena que se desenrolava. Mas, desta vez, fui eu que ergui a mão para silenciá-la. A névoa flutuava sobre o retrato do cartaz, mas o escrito era claro: show de aberrações de patrick gallagher: vampiro contra fera selvagem. Batalha mortal! 8 de outubro.

Pisquei, e o retrato oscilou em minha visão. Ele mostrava um homem de cabelos pretos com feições esculpidas e olhos azul-claros. Seus dentes estavam à mostra, os caninos alongados, e ele se agachava na frente de um leão-da-montanha, que rosnava.

Conhecia o rosto no cartaz melhor do que o meu próprio.

Era Damon.

13

Damon. Morte. As palavras flutuavam em minha mente enquanto eu tentava entender o que via. Damon estava vivo. Mas quem sabia por quanto tempo? Se tinha sido capturado, sem dúvida estava fraco. Como sobreviveria a uma fera voraz numa batalha?

A raiva correu pelo meu corpo, junto com a familiar dor do alongamento das presas. Arranquei o cartaz com um rosnado.

— O que foi? — sibilou ela, com as presas à mostra.

Ergui o papel.

— Meu irmão — falei, olhando para o cartaz sem compreender. A foto o fazia parecer um monstro. Meus olhos disparavam. — A luta será daqui a dois dias.

Lexi concordou com a cabeça, pegando o papel.

— Gallagher o encontrou — disse ela quase para si mesma.

Balancei negativamente a cabeça, sem entender o que ela quisera dizer.

Ela suspirou.

— Um poderoso homem de negócios.

É dono de muitos lugares na cidade, inclusive um circo medíocre e um show de aberrações. Sempre procurando por curiosidades para exibir, e as pessoas parecem sempre ter dinheiro para ver. Seu irmão...

— Damon — falei, interrompendo-a. — O nome dele é Damon.

— Damon — disse Lexi gentilmente, acompanhando os traços da imagem com os dedos.

— Ele não merece isso — falei, quase para mim mesmo. — Preciso ajudá-lo. Mas... — interrompi-me. Mas o quê? Com poderia salvá-lo?

— Precisamos encontrá-lo — decidiu Lexi. Ela espanou as folhas e a terra da parte de trás da calça. — Você confia em mim?

E eu tinha alternativa? Esquecendo-me da fome, segui-a pelo bosque, voltando às ruas largas e silenciosas da cidade.

— Gallagher mora em algum lugar no Garden District, como todos os outros novos-ricos. Na Laurel Street, imagino — murmurou Lexi enquanto íamos para o centro da cidade. — Isso já aconteceu, pouco depois de Gallagher chegar a Nova Orleans, cinco anos atrás.

— O que houve? — perguntei, seguindo-a de perto nas sombras.

— Ele achou um vampiro. Ele sabe nos encontrar. Ou talvez nós é que saibamos achá-lo. Mas o outro vampiro não fazia parte de minha família. E...

— parou de falar de repente.

— O que aconteceu com ele?

Lexi limitou-se a balançar a cabeça. Chegamos ao Garden District, onde as ruas eram largas e os gramados que envolviam as casas vitorianas cor de sorbet eram amplos e exuberantes.

— Aqui. — Ela parou na frente de uma mansão cor de pistache protegida por uma cerca de ferro trabalhado. Magnólias e lírios se derramavam pelo portão e o ar cheirava a hortelã. Pouco adiante, havia uma enorme horta que tomava um quinto da propriedade. Retraí-me ao nos aproximarmos, visto que ali era cultivada uma quantidade generosa de verbena.

Lexi torceu o nariz.

— Ele conhece todos os truques — disse ela com ironia.

Abrimos o portão, nossos passos mal fazendo barulho sobre o cascalho no caminho que circundava a casa. Cigarras cantavam nos plátanos acima de nós e eu podia ouvir cavalos andando no estábulo.

Então ouvi um gemido baixo.

— Ele está lá atrás — falei.

Lexi olhou para o céu. Faixas alaranjadas começavam a aparecer sobre o horizonte; faltava cerca de uma hora para o amanhecer.

— Falta muito pouco para o amanhecer — disse Lexi. — Nem tinha percebido que era tão tarde. Preciso ir.

Olhei duramente para ela.

— Não estou protegida. — Seus dedos indicaram meu anel e eu baixei a cabeça, envergonhado. O adereço de lápis-lazúli agora fazia parte de mim e eu me esquecera de que isso me tornava diferente dos outros vampiros, capaz de andar à luz do dia. Katherine garantiu que

Damon e eu tivéssemos esta proteção.

— Voltaremos amanhã. Os outros poderão ajudar — insistiu Lexi.

Neguei com a cabeça.

— Não posso deixá-lo.

Um passarinho cantou em uma árvore e de algum lugar próximo veio o som de vidro se quebrando. As faixas alaranjadas no céu ficavam mais largas e mais luminosas.

— Entendo — disse Lexi por fim. — Tenha cuidado. Não banque o herói.

Concordei, olhando o terreno e procurando por qualquer guarda ou animais espreitando para atacar. Quando levantei a cabeça, Lexi havia desaparecido e eu estava sozinho.

Correndo rapidamente para os fundos da casa, fui para o estábulo caiado. Cavalos batiam nervosamente os cascos no chão, obviamente sentindo minha presença. A porta do estábulo estava trancada com cadeado. Segurei a corrente, testando-a. Embora eu mal tivesse me alimentado desde a noite anterior, seria fácil quebrá-la com as mãos. Mas algo me impedia. Não banque o herói. As palavras de Lexi ecoavam em minha mente. Ela se tornara minha guia nos últimos dias, e eu sabia que era melhor lhe dar ouvidos. Era melhor não deixar nenhuma prova de invasão, melhor conhecer o terreno antes de tomar alguma atitude precipitada.

Rompi a corrente e ela caiu sobre a porta com um ruído. Um cavalo relinchou. Fui até o outro lado do estábulo, onde uma janela empoeirada estava entreaberta.

— Irmão? — sussurrei pela janela com a voz rouca. O cheiro enjoativo de verbena estava por todo lado, deixando- me debilitado e nauseado.

No canto, uma figura imunda se esforçou para se levantar. Damon. Suas mãos e pés estavam presos por correntes, e a pele, coberta de marcas vermelhas. As correntes deviam estar ensopadas de verbena. Estremeci, solidário.

Os olhos de Damon se fixaram nos meus.

— Você me encontrou — disse ele sem emoção nenhuma no rosto. — Está feliz por me ver perto da morte, maninho?

— Vim aqui para salvar você — falei simplesmente. Os cavalos

levantavam serragem ao bater as patas, alterados; não havia muito tempo antes que alguém na casa ouvisse a agitação.

Damon deu de ombros, um esforço que claramente exigiu toda sua energia. Seus olhos estavam vermelhos e vidrados. Um grande corte lhe atravessava a testa, passando pela sobrancelha. Ele estava péssimo, magro; claramente não se alimentava havia dias.

Olhei em volta, na esperança de encontrar alguma coisa — um esquilo, um coelho, um roedor qualquer — para matar e atirar a ele, mas não havia nada.

— Então o assassino de sangue frio vai me salvar. — Damon tentou abrir um sorriso fraco. Recostou-se na parede, agitando as correntes.

— Damon, temos que...

De repente ouvi o bater de uma porta e em seguida o latido de um cão. Virei-me para a casa principal.

— O que você pensa que está fazendo? — gritou uma voz. Parei, de mãos erguidas, sem saber quem, ou o que, tinha me encontrado desta vez.

14

De mãos ainda erguidas, cerrei os lábios. Já aprendera que qualquer sinal de estresse levava minhas presas a incharem e minhas pupilas dilatarem, e não queria me preparar para atacar antes de saber com o que estava lidando.

— Jake? Charley? — Uma voz de mulher chamou enquanto dois homens corpulentos corriam na minha direção, vindos da casa principal. Embora tivessem duas vezes o meu tamanho, eram sem sombra de dúvida humanos. Cada homem me segurou por um braço, mas friamente notei que bastaria uma única torção rápida para me livrar dos dois antes de partir para o ataque.

No entanto, lutei com cada fibra para manter a calma que me restava, de mãos ao alto, na esperança de que parecesse um vagabundo comum. Não havia garantias de que uma briga fosse levar ao resgate de Damon.

Uma menina caminhou da varanda em minha direção e parou a pouca distância.

— Peço desculpas — falei a ela. Tentei fazer com que minha voz parecesse que eu respirava com dificuldade por conta do nervosismo. — Não percebi que era propriedade particular. Sou novo na cidade e estava na taberna e, bem... — Eu me interrompi, sem saber se minhas mentiras não me meteriam em problemas ainda maiores.

— Achou que podia me roubar? — A menina avançou. Seu cabelo caía em cachos flamejantes nas costas e ela usava o que parecia uma coroa de verbena. Estava com uma camisola branca, mas usava botas de homem, e eu podia ver calos em suas mãos. Embora fosse claramente de família rica, não era uma menina mimada da cidade.

— Não. Não! Eu não estava roubando. Só estava procurando o vampiro — falei.

Ela uniu as sobrancelhas.

— Para roubá-lo...? — perguntou ela duramente, com as mãos nos quadris.

— Não! — repeti, meu braço dando um solavanco involuntário. Um dos homens que me segurava o soltou, surpreso. — Não — falei novamente, obrigando-me a continuar calmo. — Vi o cartaz do espetáculo perto do lago e, bem, acho que minha curiosidade falou mais alto. — Dei de ombros.

Um galo cantou. O sol aos poucos se espalhava no jardim dos fundos. Olhei meu anel cintilante, grato por Lexi ter partido.

— Muito bem, então — disse a menina. Ela estalou os dedos e os dois grandalhões soltaram meus braços. — Se é novo na cidade, então veio de onde?

— Mys... Mississipi — menti. — Do outro lado do rio.

Ela abriu a boca como quem pretende dizer alguma coisa, mas a fechou.

— Ora, bem-vindo a Nova Orleans — disse ela. — Não sei como são as coisas no Mississipi, mas aqui não pode invadir o jardim das pessoas para olhar seus animais. E da próxima vez pode ser que não encontre gente tão amistosa quanto eu.

Reprimi o impulso de bufar para a ideia dela de amizade, considerando o estado lastimável de meu irmão.

— E então, qual é o seu nome, forasteiro?

— Stefan — respondi. — É a Srta. Gallagher?

— Espertinho — observou ela com sarcasmo. — Sou eu. Callie Gallagher.

Um dos grandalhões se aproximou dela de forma protetora.

— Deixe-nos — ordenou ela. — Vou acompanhar o Sr. Stefan até a saída.

— Obrigado — falei, comedido, enquanto a seguia pelo longo caminho de cascalho, passando pelo solário da casa em direção ao portão. — Agradeço por confiar em mim — completei.

— Quem disse que confio em você? — perguntou ela incisivamente, mas um leve sorriso de diversão passou por seus lábios.

— Bem, talvez então eu deva agradecer por não ter deixado que seus brutamontes me matassem.

Ela abriu outro sorriso, desta vez mais largo. Seus dentes eram

de um branco perolado e um dos dentes da frente era meio torto. Sardas pontilhavam o nariz arrebitado. A menina tinha um cheiro doce, de laranja. Percebi que fazia muito tempo desde que eu achara uma mulher bonita por um motivo além do doce cheiro de seu sangue. Mas a crueldade estava por trás daquela beleza, porque esta mulher era responsável pelo aprisionamento de meu irmão.

— Talvez você seja bonito demais para ser morto. E todo mundo merece um pouco de gentileza, não acha?

Olhei suas mãos calejadas, com uma ideia surgindo em minha mente.

— Seria imprudência demais de minha parte pedir-lhe mais uma gentileza?

Callie semicerrou os olhos.

— Depende do que vai me pedir.

— Um emprego — falei, endireitando os ombros.

A menina balançou a cabeça, incrédula.

— Quer que eu o contrate? Depois de ter invadido minha propriedade?

— Pense nisso como uma expressão da minha energia e meu entusiasmo por... aberrações — falei, as mentiras agora flutuando facilmente para fora de minha boca. — Sendo novo, estou com dificuldades para encontrar trabalho e, para ser franco, sempre quis participar de um circo.

Ela ficou séria, e me preocupei que de repente fosse chamar seus capangas para me prender. Mas ela me olhou de cima a baixo, para minha calça desbotada, e suspirou.

— Tenho a sensação de que vou me arrepender disto, mas vá a Lake Road amanhã à noite. Precisamos de um novo bilheteiro... O nosso fugiu com uma das mulheres gordas. Terá de chegar cedo... e ficar até tarde. Amanhã haverá movimento, por causa da luta.

— É verdade. A luta — falei, mais uma vez fechando os punhos e reprimindo a raiva.

— Sim. — Ela sorriu com certa melancolia. — Então terá a oportunidade de ver seu vampiro em ação.

— Imagino que sim — falei, dando-lhe as costas e saindo pelo portão de ferro.

Mas, se dependesse de mim, ninguém veria o "vampiro em

ação", porque Damon e eu já estaríamos longe antes de a luta sequer ter começado.

15

7 de outubro de 1864

Algo mudou. Talvez seja meramente a idade, uma espécie de hiperamadurecimento ao papel de um vampiro adulto.

Talvez seja a tutela de Lexi. Ou o fato de que estou diante de um verdadeiro desafio, um desafio que confronta a morte, e simplesmente sei que não posso desperdiçar energia matando por diversão. Qualquer que seja a causa, o resultado é o mesmo. Embora o cheiro de sangue ainda esteja em toda parte, não me sinto mais compelido a caçar. Caçar é uma distração. Minha fome é algo a ser saciado rapidamente, e não com prazer.

É claro que a questão é: como vou libertar Damon? Atacando tudo o que estiver à vista, criando uma balbúrdia de destruição? Convencendo Callie a tirar a coroa de verbena para que eu possa coagi-la a fazer o que eu quiser?

Mas Callie parece ter um poder inteiramente dela. Isto está claro para seus capangas, e está claro para mim.

Evidentemente meu Poder é mais forte. Não tenho dúvida de que vou perseverar. Salvarei Damon e então recompensarei a mim mesmo bebendo do pescoço dela.

Passei o dia todo andando de um lado ao outro do quarto, traçando uma trilha na poeira que cobria o piso de madeira. Os planos para libertar Damon voavam por minha cabeça, um por um, mas, com a mesma rapidez com que me vinham, eu os rejeitava por serem ousados demais, arriscados demais, destrutivos demais. Pelo cerco aos vampiros em Mystic Falls, eu já aprendera que um passo em falso causaria um efeito dominó de violência e desespero.

— Você parece um animal enjaulado — disse Lexi, aparecendo à porta. Sua voz era leve, mas rugas de preocupação marcavam a testa.

Soltei um rosnado baixo e passei as mãos no cabelo.

— Eu me sinto um animal enjaulado.

— Ainda não pensou num plano?

— Não! — Suspirei alto. — E nem sei por que estou tentando. Ele me odeia. — Baixei a cabeça, envergonhado de repente. — Ele me culpa por tê-lo transformado no que é.

Lexi suspirou e diminuiu a distância entre nós. Pegou minha mão.

— Venha comigo. — Ela me tirou do quarto e descemos lentamente a escada, ela passava os dedos pálidos pelos retratos que revestiam as paredes. Todas as pinturas estavam cobertas por uma camada de sujeira. Perguntei- me há quanto tempo estavam penduradas ali e se alguém desses retratos ainda andava pela Terra; vivo ou morto.

Ao pé da escada, Lexi parou e tirou um retrato da parede. Era mais novo do que os demais, com uma moldura dourada e o vidro polido e brilhante. Um jovem louro de expressão séria me fitava. Seus olhos azuis tinham uma leve tristeza e o queixo com covinha era empinado, em desafio. Parecia-me incrivelmente familiar.

Meus olhos se arregalaram.

— Este é seu...

— Irmão — disse Lexi. — Sim.

— Ele está... — interrompi-me, sem querer concluir a frase.

— Não, ele não está mais entre nós — disse ela, acompanhando a covinha do queixo do menino com o indicador.

— Como ele morreu? — perguntei.

— E isso importa? — disse ela num tom ríspido.

— Não, acho que não. — Toquei o canto da imagem. — Por que o guarda?

Ela suspirou.

— É uma ligação com o passado... Com quem eu era antes... — Ela gesticulou para o próprio corpo — antes de me transformar nisto. É importante não perder esse último fio de ligação com a humanidade. — Sua expressão ficou séria.

Entendi o que Lexi queria dizer: era permanecendo ligada a sua humanidade que mantinha o controle, e por isso tomou a decisão de se alimentar apenas de animais.

— E então, está pronto para salvá-lo?

Como sempre, Lexi não esperou por uma resposta, e tive de correr porta afora atrás dela. Juntos, andamos em silêncio até a casa dos Gallagher, sob o manto da noite de breu.

Quinze minutos depois viramos a esquina na Laurel Street e avistamos a casa. Um homem alto de cabelos grisalhos subia a escada da construção branca, marcando cada passo com uma bengala de ponta dourada. Atrás dele havia dois homens de terno preto. Os três estavam envolvidos numa conversa intensa.

Lexi pegou minha mão.

— Gallagher.

O homem parou na varanda. — Estou lhe dizendo, o vampiro que tenho é coisa séria. Podia tê-lo matado e lhe vendido seu sangue. Você ganharia uma fortuna comercializando-o como uma fonte da juventude ou um elixir da vida — disse Gallagher asperamente.

Meu estômago afundou. O corpo de Damon estava sendo dividido antes de ele sequer estar morto.

— Sangue — refletiu um homem atarracado, esfregando a cabeça calva como se fosse uma bola de cristal. — Não sei por que as pessoas experimentariam isto. Mas por quanto vai vender as presas?

Os homens entraram na casa, fechando a porta de madeira com um baque definitivo.

Farejei o ar. O cheiro penetrante de verbena ardia em meu nariz, mas não senti Damon em lugar nenhum.

Lexi abriu o portão e entrou no gramado.

— O que está fazendo? — sibilei. — Acho que Damon não está mais aqui.

— Sim, mas você precisa saber exatamente quem e o que estamos combatendo. Quanto mais souber, melhor poderá avaliar o plano correto de ação — disse ela.

Concordei, e entramos juntos nas sombras em direção à casa principal. Abaixamo-nos sob uma saliência da janela e nos ajoelhamos para passarmos despercebidos; podíamos distinguir apenas a cena que se desenrolava na sala no fundo da casa. A voz de

Gallagher veio pela janela aberta enquanto ele se sentava em uma poltrona marrom, com os pés para cima e uma taça de vinho do Porto já nas mãos. Tinha um grande anel de ouro no dedo.

No canto mais distante estava Callie Gallagher, vestida com um macacão surrado e uma camisa de linho branca. Seu cabelo ruivo caía pelas costas em uma trança com verbena, e a cabeça estava curvada sobre um livro de contabilidade. Uma guirlanda de verbena fora presa na base de mármore da lareira e percebi algumas mordaças para vampiros — do tipo que meu pai usou para dominar Katherine — atiradas descuidadamente numa mesa de canto.

— Tenho algo mais que lhe interessará — disse Gallagher, olhando nos olhos do homem mais velho enquanto este se sentava, em silêncio. — Não queria levantar este assunto na rua.

— Sim? — O homem se curvou para a frente. Sua voz parecia desinteressada, mas ele esfregava ansiosamente os dedos troncudos.

— O monstro usa um anel. Um anel incomum. De prata com uma pedra azul, mas parece lhe dar um poder a mais. Nenhum de meus homens conseguiu tirar de seu dedo, mas quando estiver morto...

— Pai! — exclamou Callie. Os dois homens a olharam.

— Sim, filha? — perguntou Gallagher, a voz perigosamente baixa.

— Estive analisando os livros e ganharemos uma fortuna se ele continuar vivo. É o melhor para o espetáculo. — Embora a expressão dela fosse inteiramente pragmática, o tom não parecia mercenário.

— Minha chefe — riu Gallagher com condescendência, mas, pelo pulsar da veia em sua têmpora, eu sabia que ele não gostara da intromissão de Callie. — Filha, pode nos pegar um conhaque?

Callie se levantou e saiu da sala. Fiquei surpreso ao sentir alguma simpatia — e afinidade — por ela. Sabia o que era ter um pai cabeça-dura. Só o que eu queria era agradá-lo, mas Giuseppe Salvatore sempre pensava saber mais. Atrevi-me a discordar uma única vez e ele me matou por isso.

— Como eu estava dizendo, o anel...

— disse Gallagher. Voltei a prestar atenção.

— Mate o monstro e eu comprarei tudo. As presas, o sangue, o anel. Tudo. E lhe pagarei um bom preço — disse o velho com uma

voz trêmula que mal escondia sua empolgação.

Antes que eu pudesse atacar, espatifando o vidro que me separava do homem que tentava vender meu irmão aos pedaços, um aperto fortíssimo se fechou ao redor dos meus braços e me arrastou para a rua.

— Controle-se, Stefan! — sibilou Lexi ao me puxar pela calçada. Quando chegamos à esquina da Laurel Street, ela me soltou.

— Aquele homem... é um sádico! — Eu estava enfurecido.

— Ele é um homem de negócios. Quer matar seu irmão e, se descobrir sobre você, certamente vai querer matá-lo também — disse Lexi, passando o cabelo louro para trás dos ombros.

Minha cabeça girava.

— E a menina? — perguntei.

Lexi bufou, com desdém.

— O que tem ela?

— Ela acha que Damon deve continuar vivo. Talvez possa convencer o pai — falei, desesperado.

— Nem pense nisso. Ela é humana e seguirá as ordens do pai até o fim de seus dias — disse Lexi, reduzindo a voz a um tom mais baixo do que um sussurro quando outro casal passou por nós.

Ao passarem, o homem tocou a cartola e Lexi fez uma mesura. Para qualquer um, éramos um jovem casal saindo para namorar à luz da lua.

— A vida de Damon está em risco — falei, frustrado. Lexi se oferecera para ajudar, mas o que fizera até agora parecia ter apenas o objetivo de me dissuadir. — Precisamos fazer alguma coisa!

— Sei que achará um jeito de salvá-lo — disse ela com firmeza.

Entramos em outra esquina, e o pináculo da igreja na frente da casa de Lexi surgiu.

— Mas Stefan, deve se lembrar de que se controlar perto de humanos é muito mais do que simplesmente deixar de atacá-los. — Chegamos à varanda dos fundos, e ela parou e pôs as mãos em meus ombros, obrigando- me a olhar em seus olhos claros cor de âmbar. — Sabe qual é o verdadeiro motivo para não matarmos humanos?

— Qual? — perguntei.

— Porque, se não bebemos sangue humano, não precisamos de humanos — disse ela numa voz ríspida. Ela abriu a porta. Buxton,

Hugo e Percy estavam sentados em volta da mesa de centro, jogando pôquer. Levantaram a cabeça quando entramos e Buxton semicerrou os olhos para mim.

— Rapazes, vamos sair para dançar. Precisamos relaxar — anunciou Lexi, servindo-se de um copo de sangue da garrafa no aparador. Ela olhou a sala. Os três assentiram. — Você virá, Stefan?

Neguei com a cabeça. Não estava com humor para relaxar.

— Não — falei, e depois subi para planejar sozinho o resgate de Damon.

16

Procurei em vão ter um sono tranquilo, mas não consegui. Eu fechava os olhos e via Damon, as pernas em volta de uma cadeira de madeira, os braços amarrados com cordas. A pele sangrava, haviam gotas de um marrom-escuro onde as cordas ensopadas de verbena corroíam sua carne.

Em seguida vieram imagens de Callie, o cabelo cor de fogo flutuando às suas costas, os olhos iluminados com uma paixão assustadora. Ela e o pai dançavam em volta de Damon, que estava com o corpo prostrado no chão. Lançaram as mãos para o alto numa provocação, segurando estacas de madeira tão afiadas que terminavam numa ponta fina. Seus movimentos tornaram-se mais frenéticos à medida que se aproximavam, preparando as armas...

Mas as piores foram as visões de Katherine. Eu a via, linda como sempre, o rosto de porcelana pairando acima do meu e os cabelos acetinados fazendo cócegas em meus ombros. Com um sorriso modesto e elegante, ela se curvava para mim, depois abria a boca. Suas presas brilhavam na luz da rua ao se cravarem em meu pescoço.

Meus olhos se abriram. Dormir não me traria qualquer descanso. Minha mente voltava às lembranças de Katherine. A parte humana de mim — ou o que restou dela — odiava-a com cada fibra de meu ser. Minha mão fechou-se involuntariamente num punho quando pensei nela e em como destruíra minha família.

Mas a parte vampira de mim sentia falta do que ela representava — estabilidade e amor. E, como esta parte de minha alma duraria pela eternidade, o mesmo aconteceria à parte de mim que a desejava. Eu a queria agora, ao meu lado, enroscada em meus lençóis. Eu a queria encostada no peitoril da janela, ouvindo- me falar sobre Damon e conversando comigo, de seu jeito franco e calmo, até frio, de falar. Estar com Katherine me deixava corajoso, confiante. Ela fazia com que tudo parecesse possível.

Embora eu confiasse em Lexi, sabia que ela não confiava em mim para cuidar das coisas... Não acreditava que qualquer plano meu pudesse dar certo. Por isso Lexi me lembrava com tanta frequência de todos os obstáculos em meu caminho. Ansiava pela Katherine por quem me apaixonei, aquela que parecia tão corajosa e que ao mesmo tempo se importava verdadeiramente comigo. Eu a queria junto de mim agora, pois assim me sentiria menos só. Mas sabia que não seria possível. Que Katherine jamais existiu realmente. Além disso, ela se foi e nunca mais voltaria.

A porta se abriu e Lexi estava ali parada, com uma taça de sangue animal nas mãos. Levou-a até meus lábios. Bebi uns bons goles, apesar da repulsa que aquilo me provocava.

Quando terminei, ela a colocou na mesa de cabeceira e tirou carinhosamente o cabelo de minha testa.

— Ainda vai à luta esta noite?

— Vai tentar me impedir?

— Não. — Lexi mordeu o lábio. — Desde que você só vá até lá para salvar seu irmão. A vingança é para os humanos... E matar Gallagher não ensinará lição nenhuma a eles.

Assenti, o tempo todo sabendo que se fosse necessário usaria a força bruta para libertar Damon.

— Que bom. — Lexi virou-se para sair. A meio caminho, ela se voltou e olhou-me nos olhos, sua expressão se abrandando. — Você enganou a morte uma vez. Espero que o faça novamente.

Após me vestir, fui a Lake Road em velocidade humana. Quando cheguei,passava do anoitecer. Tochas e lanternas estavam montadas no perímetro do parque de diversões, deixando toda a área como se banhada à luz do dia. A tenda do circo era listrada de vermelho e branco, cercada por barracas de jogos e cabines individuais. "Leitura da Sorte!", dizia um cartaz acima. "Veja a Mulher Mais Feia do Mundo — Se Tiver Coragem!", anunciava outro. Eu ouvia os sons de algum animal vindo do canto mais distante, mas não conseguia sentir onde Damon estava.

Nessa hora, Callie saiu da lona principal, seguida pelo pai e dois capangas. Estava com o mesmo macacão que vestia na noite anterior, por cima de uma camisa de linho masculina, o cabelo caindo pelos ombros. Havia uma mancha de terra sob o olho. Tive o impulso

repentino de limpar, mas mantive as mãos firmes nos bolsos.

— Stefan! — chamou ela, o rosto se abrindo num sorriso. — Você veio. Pai, este é o homem de quem lhe falei.

O Sr. Gallagher parecia ainda mais imponente de perto. Cresceu diante de mim, com as escuras sobrancelhas unidas. Mantive a expressão franca e inocente. Lexi disse que Gallagher era um habilidoso caçador de vampiros — seria ele capaz de detectar a verdade só de me olhar?

— Minha filha diz que você tem curiosidade por vampiros — disse ele.

— Prove que é sério e trabalhe na bilheteria. Depois poderemos conversar.

— Sim, senhor — concordei, sentindo- me como a criança obediente que costumava ser.

— E rapaz... — disse Gallagher, virando-se para mim.

— Sim?

— Quer fazer uma aposta na luta? O vencedor ganhará muito. Podia levar uma fortuna. — Ele ergueu uma sobrancelha.

Meus olhos se estreitaram, o sangue gritando em minhas veias, rápido e quente. Como este homem tinha a ousadia de me pedir para apostar na vida de meu irmão? Como se atrevia a agir com tanta arrogância quando eu podia rasgar a garganta dele em um segundo?

— Stefan? — perguntou Callie com cautela.

Obrigando-me a ficar calmo, coloquei a mão no bolso da calça gasta e puxei o forro para fora.

— Receio não ter dinheiro, senhor. Por isso agradeço pelo trabalho.

Gallagher se aproximou um passo de mim.

— Disse que é do Mississipi, rapaz? — Ele me olhou com curiosidade.

— Tem um sotaque de um lugar mais para o norte... Talvez a Virgínia.

— Meus pais eram da Virgínia. Devo ter adquirido o sotaque deles — falei com a voz mais despreocupada que pude.

Depois de um momento, ele assentiu.

— Bem, quando arranjar algum dinheiro, venha me procurar. Nesse meio tempo, Callie lhe mostrará o funcionamento daqui. E,

filho? — chamou, virando-se.

— Sim, senhor? — perguntei.

— Ficarei de olho em você.

17

Não se incomode com ele — disse Callie depois que o pai estava a uma distância segura.

— Não me incomodo — menti.

Seus olhos verdes focaram rapidamente em mim, como se ela não acreditasse em minhas palavras. Mas ela não insistiu na questão.

— Vamos fazer um rápido tour — disse ela, levando-me a uma das tendas menores. Num canto, uma mulher estava recurvada sobre um espelho. Ela se voltou e eu recuei um passo. Seu rosto era coberto de tatuagens que, num exame mais atento, mostrava-se obra de tinta indiana de secagem rápida.

— A mulher tatuada — disse Callie. — E as gêmeas siamesas.

A mulher e as gêmeas ao lado acenaram para nós. As gêmeas eram unidas pelos quadris. Eram bonitas, louras e de expressão triste. Um homem com barbatanas no lugar de braços cochichava alguma coisa no ouvido de uma delas. Elas se olharam, depois deram uma gargalhada.

— Este é o espetáculo. — Callie abriu os braços e pela primeira vez percebi uma estaca de madeira pendurada em uma corrente de prata em seu pulso. Também tinha um ramo de verbena enfiado atrás da orelha.

— Srta. Callie! — Uma montanha de homem, de mais de 2 metros de altura, abaixou-se pela porta da tenda e veio em nossa direção. Pegou Callie pela cintura fina e a girou.

— Arnold! — disse ela alegremente. — O homem mais forte do mundo. Casado com a mulher barbada — explicou-me ela antes de olhar de novo para Arnold. — Como vai Caroline?

O gigante deu de ombros.

— Vai bem. Está louca para voltar e mostrar os bebês a todos.

— Eles acabam de ter gêmeos! — disse Callie com ternura.

Cumprimentei com a cabeça, saudando o homem e olhei por sobre o ombro de Callie. Onde guardavam Damon?

— Você está bem? — perguntou Callie. Ela roçou em meu braço e eu me encolhi quando a verbena tocou minha pele.

— Só preciso de um pouco de ar — falei, irrompendo tenda afora.

Callie correu atrás de mim.

— Desculpe, Stefan — disse ela num tom frio. — Algumas pessoas não gostam daqui. Não ficam à vontade. Mas de certo modo pensei que você fosse diferente.

— Não, não é isso. — Mesmo cercado destas curiosidades humanas, eu era a maior aberração de todas: o vampiro que fingia ser humano. — Só estou com a cabeça cheia. Eu lhe garanto, gosto daqui.

— Muito bem — disse ela, sem parecer convencida, mas continuando a me levar pela área. Passamos por um gato de duas cabeças, um macaco de aparência triste tocando "Old Tom Dooley" numa gaita e o esqueleto do que uma placa declarava ser um monstro marinho. Algumas aberrações que andavam por ali eram obviamente atores, usando tubos de tecido recheados de palha para simular membros a mais, enquanto outros nasceram daquele jeito.

— Venha comigo — disse Callie, puxando meu braço. Eu, no entanto, permaneci parado. Uma carroça de ferro preto foi empurrada para fora da lona, parecida com a que meu pai usou para recolher vampiros durante o cerco em Mystic Falls. Ela parou e o condutor saltou. De imediato cinco homens corpulentos correram com estacas. Depois que estavam a postos, o condutor destrancou a traseira da carroça. O cheiro de verbena pairou no ar, fazendo minhas articulações doerem.

Damon.

— E aqui está o seu vampiro — disse Callie com a boca numa linha firme enquanto os cinco homens arrastavam Damon do fundo da carroça. Um brutamontes, com a camisa manchada de suor e mangas enroladas, mantinha uma estaca firmemente posicionada sobre o coração de Damon.

— Calma, calma, Jasper! Precisamos dele vivo antes da luta! — gritou Callie num tom incisivo. Damon se virou, mostrando os dentes para nós. Vi em seus olhos uma surpresa que rapidamente se transformou em desdém.

— Meu maninho, o bom samaritano — sussurrou ele, mal

movendo o queixo. Por sorte, disse isso tão baixo que apenas eu pude ouvir.

A voz dele provocou um tremor em meu corpo. Callie tombou a cabeça de lado e percebi o risco de Damon e eu ficarmos tão próximos. Será que o ressentimento o faria me chamar de parceiro demoníaco?

— Tem certeza de que não posso ajudar com o vampiro? — perguntei a ela.

— Você ouviu meu pai. Vamos começar pela bilheteria. E se alguém tentar entrar sem pagar, deixe que Buck cuide dele — disse ela, gesticulando para o brutamontes que estava a vários passos atrás dela, como uma sombra dilatada.

Havia uma comoção na frente da lona. Callie soltou um assovio ao nos aproximarmos. A aba de abertura da frente estava bem fechada e uma massa de gente cercava uma bilheteria de madeira. Alguns, vestidos em calças surradas e com mãos sujas de terra, vinham claramente da favela que cercava o lago. Mas outros vestiam suas melhores roupas: homens de cartola e fraques de seda, mulheres com chapéus adornados com plumas e vestidos de seda, com estolas de pele caindo pelo colo.

Callie se virou para mim com um brilho nos olhos.

— Nunca tivemos tanto movimento. Papai vai ficar tão feliz! — disse ela, batendo palmas. — Agora vá ajudar Buck — ordenou ela antes de contornar a lona correndo.

Postei-me na cabine de madeira à entrada, procurando ouvir Damon. Mas meus ouvidos se encheram de trechos de conversas humanas.

"Apostei cem dólares no leão-da- montanha."

"Não, o vampiro. Os monstros sempre vencem os animais selvagens."

"Eu disse a esta moça bonita aqui que ela me deve um beijo se o animal vencer", soluçou um homem, evidentemente bêbado.

Cerrei os dentes, querendo partir para o ataque, morder cada um deles, dar-lhes uma lição. Mas lembrei-me das palavras de Lexi sobre vingança. Matar esses homens não ajudará Damon.

A mão de alguém se fechou em meu ombro. Girei o corpo, pronto para mostrar os dentes.

Era Gallagher, com o rosto corado de empolgação.

— Temos de pôr as mãos à obra, filho! A luta vai começar logo, e quanto mais gente colocarmos para dentro, maior o lucro. — Ele saltou em uma caixa de maçãs virada para baixo na frente da entrada.

— Venham, meus amigos! Sejam bem- vindos a meu espetáculo de excentricidades! Vejam a mulher mais feia do mundo, maravilhem-se com o homem mais forte do mundo! Mas isto é apenas um aquecimento. Porque esta noite teremos uma batalha majestosa, como jamais se viu. O monstro contra o animal selvagem. Quem vencerá? E quem quer apostar? Porque esta é uma morte que trará riqueza a alguns.

A multidão se espremeu mais em volta de mim, como um enxame de insetos famintos.

Gallagher sorriu para mim.

— Deixe-os entrar e recolha as apostas.

E assim estendi a mão, coletando moedas e cédulas laranja, o tempo todo resistindo ao impulso de quebrar o pescoço daquelas pessoas com a facilidade com que eu quebraria um galho de árvore e beber o fluido que continham.

18

Assim que peguei o último ingresso e recebi o último dólar, entrei furtivamente na lona atrás de um obeso que segurava um maço suado de cédulas confederadas em cada mão. O ar estava denso com o fedor de suor, serragem e, é claro, sangue.

As pessoas se espremiam ao redor, pagando a mais para ver o Homem Forte e a Mulher Tatuada, todos escondidos por trás de grossas cortinas pretas a intervalos variados no perímetro da lona. Mas a maioria na multidão clamava por Jasper. Grandes apostas eram feitas, com muita gritaria, gestos e pilhas de notas sebentas sendo passadas de um lado para outro. Jasper mascava alegremente seu charuto molhado e ria.

Marinheiros sacavam cédulas estrangeiras das carteiras. Alguns adolescentes reuniam moedas. Homens elegantes de gravata agitavam moedas de ouro.

— Briga, briga, briga! — Um homem com o rosto vermelho começou a gritar. De imediato, as pessoas próximas a ele também entoaram. Três mulheres bem- vestidas, com o cabelo em cachos no alto da cabeça, olharam-se e ecoaram o grito, as vozes agudas contrastando com o barítono dos homens.

Gallagher entrou na lona, batendo a bengala ao andar pela serragem. As pessoas se viraram e esticaram o pescoço para vê-lo; na lona do circo, ele era uma atração tanto quanto as aberrações. Afinal, foi este homem que capturou um vampiro.

Seja forte, irmão, sussurrei, lembrando-me de todas as vezes em que Damon venceu as brigas em Mystic Falls. Damon jamais provocava esses confrontos, mas sempre foi um bom lutador, descendo um soco rápido assim que começava uma briga. Por isso era tão respeitado no exército. Mas agora, numa batalha contra um leão-da-montanha, em especial depois de passar dias sem se alimentar... Eu tremi.

— Irmão? — cochichei, inseguro, num decibel que eu sabia que

só os ouvidos dele detectariam. Tive esperanças de algum tipo de resposta, embora não soubesse se ele realmente podia me ouvir. Se podia, não respondeu nada.

— E agora, apresentamos nossos lutadores! — A voz de Gallagher interrompeu meus devaneios. Dois tratadores de animais, com as mãos em luvas de couro e botas que passavam dos joelhos, entraram no ringue, puxando um leão-da-montanha sarnento. O animal tinha uma pelagem amarelo-acinzentada e dentes amarelos; apesar da magreza, parecia brutal. E faminto. Como se respondesse a uma deixa, ele rugiu.

— De um lado de nosso ringue, temos o leão-da-montanha. Mas este não é um felino comum. Esta fera é o Vingador de Alberta! Desceu do Canadá em perseguição ao caçador que matou sua parceira. Eviscerou o homem, a esposa dele e todos os filhos, exceto o mais novo, cujas pernas o bicho devorou antes de deixar vivo o que lhe restava para contar a história. Desde então, os senhores acompanharam este felino pelos jornais enquanto se banqueteava sem nenhum preconceito de inocentes da União e dos confederados. Esta noite, está aqui apenas depois de o capturarmos ao tentar embarcar clandestinamente em um navio para os Andes, na América do Sul. O leão-da-montanha, senhoras e senhores! — gritou Gallagher, exibindo toda sua capacidade de showman.

A multidão aplaudiu com o devido entusiasmo e alguns até gritaram.

— Seu adversário é um lendário vampiro que vem apavorando crianças e seus pais há séculos. Viktor, o Cruel, nasceu em 1589 e era herdeiro do império dos Habsburgo até sentir o gosto de sangue... da própria irmã... e começar um frenesi sangrento de trezentos anos que deixou um rastro de corpos exauridos pelo mundo. Estimam-se duas vítimas por dia, o que nos leva a 150 milhões de pessoas mortas por Viktor, mais do que o dobro da população da Itália. Esta irreprimível sede de sangue continua esta noite.

Os aplausos agora foram mais nervosos, mas os gritos eram mais altos.

Gallagher abriu os braços com um floreio e Damon entrou no ringue, cercado por quatro tratadores. Suas mãos e pés estavam acorrentados e o rosto parcialmente oculto por uma mordaça. A pele

sangrava por causa da verbena, os olhos estavam vermelhos e ele tinha uma expressão que eu jamais vira.

Entendia o ódio que ele sentia — eu reprimia cada instinto que tinha para não matar as pessoas que o mantiveram cativo. Mas seu aprisionamento o havia transformado. Damon me chamara de assassino de sangue frio. A expressão nos olhos dele não era de diversão, nem de sobrevivência. Era de pura sede de sangue.

Um silêncio tomou o circo. O leão-da-montanha retesou suas correntes, mas Damon simplesmente ficou no canto do ringue, como se não tivesse consciência do futuro iminente que lhe estava reservado.

— E... lutem! — gritou Gallagher.

De imediato, os tratadores soltaram as correntes de Damon e abriram a porta da jaula do animal, então fugiram correndo do ringue. A fera saltou para Damon, atingindo-o no peito. Damon soltou um gemido angustiado e caiu de costas. Mas com igual rapidez se colocou de pé e rugiu, com a face repentinamente corada, as presas totalmente a mostra. Eu sabia que era tudo instintivo: o Poder de Damon veio à tona assim que ele percebeu o ataque. Aprendi mais sobre nossa espécie nas últimas semanas: nosso Poder nos leva a fazer coisas antes mesmo de sabermos o que estamos fazendo. Apesar da fraqueza aparente de Damon, seu Poder ainda estava intacto.

O leão-da-montanha saltou novamente e Damon se abaixou, mergulhando sob as patas do bicho e levantando-se no momento exato para cravar as mãos no pescoço dele. Mas o animal se soltou de Damon; rolou e parou apenas quando bateu no portão que cercava o ringue.

Damon soltou outro gemido e se deitou no chão. O leão-da-montanha começou a se aproximar para reivindicar sua presa.

A multidão ficou ensandecida, amigos trocando socos nos braços e riscando o ar com as unhas, como se eles mesmos estivessem lutando.

Um dos tratadores posicionados junto à lateral cutucou Damon, claramente para fazê-lo se mexer. Damon girou sem olhar, jogando o homem no estrado. Enquanto o tratador se esforçava para se levantar, dois fregueses próximos o chutaram na barriga e o

jogaram na terra por cima da grade de trás, deixando-o fora de vista.

Damon não deu atenção à balbúrdia e dirigiu-se ao centro do ringue, deixando que o oponente o cercasse lentamente.

Depois de um longo silêncio, Damon soltou um rosnado de fera e correu na direção dele. O animal rugiu e investiu, mas desta vez Damon deu um passo para o lado e, quando o leão-da-monhanha errou, enganchou um braço sob o pescoço do animal. Com uma força que ninguém esperava, Damon atirou o bicho de costas no chão. Estava prestes a mergulhar por cima dele e matá-lo quando o animal esperneou e cravou as garras no braço de Damon.

O animal agitou a pata, balançando Damon no ar como uma mosca numa linha de pesca. Por fim, a carne cedeu e Damon, seguido por um arco vermelho de sangue, foi lançado pelo ar, caindo com um baque que nem mesmo eu pude ouvir junto ao ruído infernal da multidão animada.

Damon tentou se levantar, segurando o braço ferido. Não se curava com a rapidez habitual dos vampiros — perguntei-me se a verbena tinha enfraquecido seu Poder.

Ele precisava de sangue, isto estava bem claro. Seus instintos de sobrevivência e a adrenalina esmoreciam. Eu estava prestes a correr para o ringue, usando o grandalhão à minha frente como oferta a meu irmão, quando senti a mão quente em meu braço.

Callie.

— É horrível — disse ela. Os nós dos dedos estavam brancos de apertar pedaços da roupa. Os lábios estavam frouxos e tremiam. — Não consigo mais ver essa barbárie.

— Então peça a seu pai que pare — sibilei.

O bater de pés no estrado de madeira adquiria velocidade e acompanhava os corações em disparada das pessoas. As manchas de sangue na serragem não bastavam para satisfazê-los — eles precisavam ver morte.

Agora Damon contornava o leão-da-montanha e o animal se agachava como uma mola comprimida no meio do ringue, movendo-se o mínimo possível, seguindo Damon com os olhos atentos. De repente Damon investiu, movendo-se como um borrão em volta do leão para que o animal tivesse de se virar rapidamente repetidas vezes, como se perseguisse o próprio rabo.

Um silêncio dominou a turba e só o ofegar pesado de Damon e do leão- da-montanha faziam eco sob a lona do circo. Damon contornava sua presa, movendo-se mais rápido do que o animal podia assimilar.

A multidão arfou quando Damon se inclinou para o leão-da-montanha e, antes que o animal soubesse de que lado ele vinha, Damon mergulhou no músculo atrás de sua cabeça. Ele mordeu e ali ficou, deixando o leão espernear e se revirar como louco.

Callie segurou meu braço. Eu assisti à cena fixamente e meu corpo estava pronto para correr à jaula caso fosse preciso intervir.

O leão-da-montanha ficava mais lento. Sempre que investia, aparecia mais sangue na serragem, em pequenos rios vermelhos. Sua perna traseira agora parecia fraca; mancando, ele começou a tombar. Damon soltou as presas e recuou, pronto para atacar a veia do pescoço do felino.

Nesse momento, o felino girou a traseira e atirou Damon para longe. Enquanto este tentava se recuperar e ficar de pé, o leão-da-montanha avançou e o envolveu lateralmente com as mandíbulas.

A multidão arfou novamente, depois começou a gritar.

Lute, insisti com cada fibra de meu ser, cerrando os punhos ao lado do corpo.

Damon ficou flácido, sendo sacudido como um chinelo velho na boca de um cão. O bicho atirou Damon no chão, depois recuou a cabeça e escancarou a boca. No exato momento em que o animal avançou, Damon rolou. Acertou o ombro na lateral da fera confusa, virando-a e expondo os pelos brancos e curtos de seu pescoço.

Damon rasgou a veia com as presas. O leão-da-montanha se contorceu e por fim ficou imóvel sobre uma crescente poça de sangue, que se tornava um grande lago dentro do ringue. No meio estava meu irmão, ajoelhado sobre o animal morto.

Ele se levantou e cambaleou um passo para trás. Olhou a multidão com um sorriso largo, as presas à mostra e todo o rosto e o peito pingando sangue em abundância. A multidão gritou e uivou em igual medida, e Damon girou num semicírculo, lambendo os lábios de vez em quando.

Gallagher bateu palmas com suas mãos gordas. Aqueles que haviam ganhado dinheiro pulavam e se abraçavam. Os que haviam

perdido, atiravam os chapéus no chão ou olhavam fixamente para a frente.

Avancei, tentando abrir caminho até meu irmão, mas os tratadores já se movimentavam, portando estacas e redes de verbena. Damon estava claramente inebriado por tal alimentação farta depois de não comer por tanto tempo, e não pareceu notar a presença deles. Antes que eu pudesse sequer emitir um grito de alerta, os homens o apanharam em redes e começaram a arrastá-lo da arena.

Mesmo em minha máxima velocidade, não consegui passar pela multidão que se formou atrás deles e que agora bloqueava toda a entrada. Todos os presentes, gritando e salivando, colocavam-se entre mim e a saída, e, quando consegui abrir caminho aos empurrões, a carroça já estava deixando o parque.

Estalou um chicote. Cascos bateram no chão. E assim, Damon tinha desaparecido.

19

Passei em disparada pelas choças armadas em volta do circo e entrei no bosque, seguindo os rastros da carroça até perder completamente o cheiro do veículo nos arredores da cidade. Um bêbado estava recostado em um prédio de tijolos, assoviando desafinadamente.

Numa fúria cega, ajoelhei-me sem jeito e o agarrei, mordendo seu pescoço e sugando seu sangue antes mesmo de ele ter tempo de ofegar. Senti o gosto amargo, mas continuei bebendo, engolindo até não suportar mais.

Apoiado sobre os calcanhares, limpei a boca com as costas da mão e olhei em volta. Confusão e ódio corriam por minhas veias. Por que não havia conseguido salvar Damon? Por que só fiquei olhando Gallagher incitar o público a fazer mais apostas, enquanto o leão-da-montanha atacava meu irmão? E por que Damon permitiu ser capturado e me colocou nesta situação impossível?

Desejei jamais ter insistido em transformá-lo em vampiro. Se ele não estivesse aqui e eu estivesse sozinho na cidade, tudo seria muito mais fácil. Agora eu tentava ser um bom irmão, e um bom vampiro, e fracassava em tudo.

Fui para casa, batendo os pés pela escada da entrada. Fechei a porta com força, abalando as dobradiças; um dos quadros na sala de visitas caiu no chão com um estrondo.

De imediato vi Buxton me fuzilar com o olhar do outro lado da sala, os olhos cintilando no escuro.

— Tem algum problema com a porta? — perguntou ele entredentes.

Tentei passar, mas ele bloqueou meu caminho.

— Com licença — murmurei, empurrando-o.

— Com licença você — disse Buxton, cruzando os braços. — Entra aqui como se fosse a sua casa. Fedendo a humanos. Embora eu não vá questionar a Srta. Lexi, creio que é hora de você mostrar

algum respeito pela casa dela, irmão.

A palavra irmão despertou algo em mim.

— Cuidado com o que diz — sibilei, mostrando os dentes.

Mas Buxton se limitou a rir.

— Vou tomar cuidado com o que digo quando você cuidar de sua atitude.

— Rapazes? — chamou Lexi do alto, a voz cantarolada contrastando com a cena tensa. Ela desceu deslizando a escada, os olhos compassivos de preocupação quando caíram em mim. — E Damon... ?

— Vivo — murmurei. — Mas não consegui alcançá-lo.

Lexi se empoleirou na beira da cadeira de balanço, os olhos grandes e solidários.

— Buxton, pode pegar um pouco de sangue de cabra para nós, por favor?

Os olhos de Buxton se estreitaram, mas ele saiu da sala e foi para a cozinha. Na sala de estar, ouvi Hugo tocar uma animada marcha francesa ao piano.

— Obrigado — falei, afundando no estofado de dois lugares. Eu não queria sangue de cabra. Queria devorar galões e mais galões de sangue humano, beber até ficar enjoado e desmaiar em completo esquecimento.

— Lembre-se, ele é forte — disse Lexi.

— Não estou preocupado com Buxton — falei.

— Estou falando de seu irmão. Se for parecido com você, ele é forte.

Olhei-a. Lexi se aproximou e pegou meu queixo.

— É nisso que precisa acreditar. É no que eu acredito. Seu problema é que quer tudo resolvido de imediato. É impaciente.

Suspirei. A última coisa que precisava era outro sermão sobre minha incompreensão do funcionamento do mundo dos vampiros.

Além disso, não era impaciência. Eu estava desesperado.

— Precisa apenas pensar em outro plano. Um plano em que possamos ajudar. — Lexi viu Buxton entrar, trazendo uma bandeja de prata com duas canecas.

Buxton parou a meio passo.

— Faut-il l'aider? — perguntou ele em francês.

— Nous l 'aiderons — respondeu Lexi. Lexi e Buxton não sabiam que eu aprendera francês no colo de minha mãe; era estranho ouvi-los discutir se me ajudariam a libertar Damon. Olhei minhas mãos, que ainda estavam cobertas do sangue coagulado de minha caçada no início da noite.

Buxton bateu a bandeja na mesa de cerejeira polida.

— Você não nos colocará em perigo — grunhiu ele, as presas a centímetros de meu pescoço. Ele me empurrou com toda a força contra a parede, e minha cabeça bateu ruidosamente no consolo de mármore da lareira.

Meu Poder me dominou e empurrei seu ombro com força. Mas Buxton era mais velho e mais forte do que eu, e continuou me mantendo preso na parede, as mãos firmes em meu peito. Sentia o sangue começar a verter da cabeça, no lugar onde bati.

— Seu monstro egoísta e ingrato — sussurrou Buxton, com a voz cheia de ódio. — Já vi vampiros como você. Acham que são os donos do mundo. Não se importam com os outros. Não se importam com quem matam. Vocês nos dão má fama.

Eu me retorcia, tentando escapar de suas mãos, quando de repente senti a pressão se aliviar de meu peito e, em seguida, o estrondo de Buxton caindo no chão.

— Buxton — repreendeu Lexi, olhando o corpo prostrado a seus pés.

— De quantos séculos mais precisará para aprender a tratar um hóspede? E, Stefan, não concorda comigo que o sangue humano simplesmente não combina com você? Este comportamento foi desnecessário. — Lexi balançou a cabeça como uma professora irritada. — Agora vou beber meu sangue em paz. Comportem-se, rapazes — disse ela ao sair da sala, com a caneca nas mãos.

Como Lexi podia se afastar tão despreocupadamente, sabendo que meu irmão estava preso e sendo torturado? Eu passara a depender de Lexi para muitas coisas, e ter ajuda para encontrar e salvar Damon era minha prioridade.

Como se lesse minha mente, ela parou na arcada que levava a seus aposentos, olhando de um para o outro.

— Se e quando eu disser que ajudaremos Damon, vamos ajudar. Está claro para os dois?

— Sim, Srta. Lexi — murmurou Buxton ao se colocar lentamente de joelhos e se levantar.

Assenti, mal contendo minha carranca. Se?

Buxton saiu mancando da sala, mas não antes de me lançar um último olhar.

De repente a casa parecia pequena demais, como se as paredes, o chão e o teto estivessem me comprimindo por todos os lados. Soltando um último rosnado, corri pela sala, saí pela porta e voltei a Lake Road.

20

Na manhã seguinte, acordei com alguém sacudindo meu ombro.

— Sai daqui — murmurei. Mas as sacudidas se tornaram mais insistentes.

Meus olhos se abriram e percebi que estava enroscado ao lado de uma das tendas do circo de aberrações de Gallagher.

— Você dormiu aqui? — perguntou Callie, cruzando os braços. Eu me sentei, esfregando os olhos e pensando na noite anterior. Sem saber para onde ir, voltei ao circo e acabei dormindo ali.

— Bom dia, Srta. Callie — falei, ignorando suas perguntas. Levantei- me e espanei a terra de minhas calças. — Como posso ajudá-la?

Ela deu de ombros. Estava com um vestido de algodão rosa que marcava a cintura fina e mostrava os braços sardentos. A cor se destacava contra seu cabelo ruivo esvoaçante, e ela me lembrou uma rosa silvestre.

— Vamos levar alguns dias para arrumar tudo. Meu pai ganhou muito dinheiro e quer que o próximo evento seja ainda maior — sorriu Callie. — Essa é a primeira regra do show business: faça com que queiram mais.

— Como está Da... o vampiro? — perguntei, protegendo os olhos do sol. Embora o anel me resguardasse da agonia de seus raios, o sol fazia com que me sentisse exposto e desajeitado. A noite encobria mais do que minhas presas: na luz do dia eu tinha de estar sempre atento para saber se não estava me movimentando na velocidade da luz, respondendo a perguntas que não devia ser capaz de ouvir, ou seguindo meu impulso de me alimentar.

Callie colocou uma mecha de cabelo cor de ferrugem atrás da orelha.

— Creio que o vampiro esteja bem.

Meu pai mandou que os tratadores cuidassem dele 24 horas

por dia. Não querem que ele morra. Pelo menos, ainda não.

Ainda não servia de pouco conforto, mas já era alguma coisa. Significava que eu ainda tinha tempo.

Ela franziu ligeiramente a testa.

— É claro que eu não acho que devam deixar que ele morra. O que estamos fazendo com ele e com os animais contra os quais ele luta é uma barbárie completa — disse ela com suavidade, quase falando consigo mesma.

Levantei a cabeça rapidamente ao ouvir aquelas palavras. Ela era mais compreensiva em relação ao sofrimento de Damon do que eu imaginava?

— Posso vê-lo? — perguntei, surpreso com meu atrevimento.

Callie deu um tapa em meu braço.

— Não! A não ser que pague, como todo mundo. Além disso, ele não está aqui.

— Ah.

— Ah — zombou de mim. Depois seus olhos se suavizaram. — Ainda não acredito que dormiu aqui. Você não tem casa?

Olhei bem em seus olhos.

— Tive... uma discussão com minha família. — Não era bem uma mentira.

O circo de aberrações começava a despertar. O homem forte saiu, com os olhos turvos, de uma barraca. Abruptamente, jogou-se no chão e começou a fazer flexões. O vidente foi para a parte isolada do lago, com uma toalha na mão, sem dúvida para tomar banho. E dois dos sempre presentes seguranças corpulentos olhavam Callie e a mim com curiosidade.

Callie também percebeu.

— Gostaria de dar uma caminhada? — perguntou ela, descendo uma estrada de terra batida para a margem do lago, fora de vista do circo. Ela pegou uma pedra e a atirou na água, onde caiu com um som oco.

— Nunca consegui fazer uma pedra quicar — disse num tom triste que me provocou uma gargalhada irreprimível.

— O que há de tão engraçado? — perguntou ela, batendo em meu braço de novo. O tapa foi brincalhão, mas as pulseiras que ela usava eram trançadas com verbena e o contato provocou uma onda

de dor em meu braço. Ela pôs a mão em meu ombro, a preocupação vincando a testa. — Você está bem?

Estremeci.

— Sim — menti.

— Muito bem... — disse ela, lançando-me um olhar cético. Ela se curvou para pegar outra pedra e ergueu uma sobrancelha castanho-clara para mim antes de atirar o objeto na água. Caiu com um "plop" inofensivo.

— Trágico! — Peguei minha própria pedra e a joguei pela água. Saltou cinco vezes antes de afundar.

Callie riu e bateu palmas.

— Precisa me ensinar!

— Você tem que girar o pulso levemente. E pegar uma pedra achatada.

— Localizei uma pedra marrom e lisa com uma faixa branca no alto. — Tome — falei, colocando-a em suas mãos. — Agora, gire — continuei, tocando sua pele com cuidado, certificando-me de que meus dedos não roçassem na verbena.

Ela fechou os olhos e atirou a pedra, que saltou uma vez antes de afundar na água. Callie levantou os braços, deliciada.

— Obrigada, Stefan — disse ela com os olhos cintilando.

— Não sou mais um "estranho"? — brinquei.

— Você me ensinou uma coisa. Isso significa que somos amigos.

— É mesmo? — falei, pegando outra pedra e atirando-a na água. Damon e eu fazíamos pedras saltar no lago perto de nossa casa em Mystic Falls. Fazíamos pedidos e fingíamos que seriam atendidos se adivinhássemos quantas vezes a pedra saltaria sobre a água.

Fechei os olhos brevemente. Se saltar cinco vezes, terei uma chance de libertar Damon, pensei. Mas esta pedra era mais pesada e afundou depois de dois pulos. Balancei a cabeça, irritado comigo mesmo por me permitir um jogo tão infantil.

— Qual é a sua maior preocupação no mundo? Não conseguir fazer uma pedra saltar na água? — brinquei, tentando recuperar o tom leve de nosso passeio.

Ela sorriu, mas seus olhos eram tristes.

— Não. Mas não acha que os problemas imaginários são muito

mais administráveis do que os reais?

— Sim, acho — falei rapidamente.

O sol se erguia em seu ritmo constante, oferecendo ao lago um brilho alaranjado. Vários barcos pequenos já estavam na água, lançando suas redes, e o vento assoviava em nossos ouvidos, um lembrete de que, embora o sol fosse quente, o inverno estava chegando.

— Nunca falei com ninguém sobre isso. Esta é a regra número um do negócio de família dos Gallagher... Não confiar em ninguém — disse ela.

— Seu pai parece durão — arrisquei- me, sentindo a frustração dela. — Talvez durão demais?

— Meu pai é ótimo — rebateu Callie. Ela fechou a cara para mim, com as mãos nos quadris.

— Desculpe — disse eu, erguendo as mãos em rendição. Percebi que tinha pressionado demais e muito rápido. — Passei dos limites.

Callie deixou que as mãos baixassem ao lado do corpo.

— Não, eu peço desculpas. Sou protetora demais com relação a ele. Ele é tudo o que tenho.

— Onde está sua mãe? — perguntei.

— Morreu quando eu tinha seis anos — disse Callie simplesmente.

— Entendo — falei, pensando em minha própria mãe. — É difícil, não é?

Callie pegou um pedaço de grama no chão e a cortou com as unhas.

— Procuro ser forte. Mas depois da morte de mamãe, meu pai se entregou ao trabalho.

— Parece que você também.

— Agora que meu pai conseguiu o número do vampiro, sinto que as coisas vão mudar para melhor. Ele tem um pavio curto que fica mais curto ainda quanto menos dinheiro tem.

À menção do número do vampiro, chutei as pedras na margem do lago. Uma nuvem de seixos voou pelo ar e caiu a vários metros no lago com um espadanar violento.

— O que foi isso? — perguntou Callie numa voz alarmada.

Obriguei-me a sorrir e aparentar calma — a parecer humano. Em minha raiva, tinha me esquecido de esconder meu Poder.

— Salto de pedras avançado.

Callie ergueu uma sobrancelha, como se quisesse me contestar. Mas só o que disse foi:

— Precisamos voltar. Papai quer que arrumemos tudo.

Concordei.

— Boa ideia. — Sozinho aqui com Callie, eu estava perto de perder o controle.

— Stefan — disse Callie. — Andei pensando... Como não temos espetáculo por algumas noites, acha que pode me mostrar a cidade?

— Mas não conheço a cidade — observei. — Você está aqui há mais tempo do que eu.

O rosto de Callie ficou vermelho.

— Papai não me deixa sair de casa, a não ser para trabalhar. Mas Nova Orleans tem tantos espetáculos e aventuras. — Ela me olhou por baixo dos longos cílios. — Por favor? Vou me sentir segura se estiver com você.

Quase ri da ironia daquela declaração, mas o riso ficou preso na garganta. Callie entendera mal: ela não ficaria necessariamente segura comigo, mas eu podia usá-la para garantir a segurança de meu irmão. Afinal, ela sabia tudo sobre o Circo de Gallagher — inclusive onde o pai escondia Damon.

— Muito bem, vamos fazer isso — falei.

— Ah, vamos nos divertir tanto! —

Callie bateu palmas e me rodou. — Encontre-me na praça no final da minha rua às nove horas. — Ela ficou na ponta dos pés e me deu um beijo no rosto.

Chegou tão perto que praticamente pude sentir o coração dela batendo em meu peito. Afastei-me abruptamente, sentindo a cabeça latejar e o queixo doer. Dei-lhe as costas enquanto meus caninos se estendiam com um estalo. Tive de respirar fundo cinco vezes até que se retraíssem de novo.

— Está tudo bem? — perguntou ela, colocando a mão em meu ombro.

Colei um sorriso no rosto e me voltei para Callie.

— Só estou animado por esta noite.

— Que bom — disse Callie, cantarolando consigo mesma enquanto voltávamos à área do circo.

Passei a língua nos dentes. Era verdade: eu estava animado por esta noite. Mas a empolgação era parente do desejo e, como vim aprendendo desde que conheci Katherine, do desejo jamais vinha algo de bom.

21

Cheguei em casa ao anoitecer e encontrei Lexi sentada no sofá, de braços cruzados, os pés batendo rapidamente no chão. Parecia uma pata decepcionada com seus filhinhos. Hugo e Percy estavam recostados, como felinos, em espreguiçadeiras no canto. Buxton, como observei aliviado, não estava à vista. Perguntei-me quanto tempo estiveram esperando por mim.

— Pelo que vejo, decidiu voltar — disse Lexi com uma expressão sombria cruzando o rosto.

— Sim, decidi — falei, tentando reprimir um sorriso.

— E algo mudou — acrescentou ela, farejando o ar. — Mas você não se alimentou, o que é bom. — Ela uniu as sobrancelhas.

— Olá — falei a Hugo e Percy, ignorando a observação de Lexi. Eles me encararam, surpresos. Nunca havia feito nenhum esforço para falar com nenhum deles.

— Olá — grunhiu Percy.

Hugo se limitou a me olhar.

Lexi continuou a me fuzilar com os olhos, de mãos nos quadris.

— Já chega, Stefan. Não guardamos segredos nesta casa.

— Tenho um plano para libertar Damon — falei, estremecendo ao tom volúvel de minha voz.

— Isto é incrível! — Lexi bateu palmas. — Como vai fazer?

— Bem, humm, começa com um encontro — confessei.

— Um encontro? — As sobrancelhas de Lexi se ergueram. — Com quem?

Dei um pigarro, tímido.

— Com a filha de Gallagher, Callie.

— Você tem um encontro com uma humana?! — disse Percy enquanto Lexi soltava, "Você tem um encontro com Callie Gallagher?".

Levantei as mãos, na defensiva.

— Ela quer que eu a leve para sair à noite. E, enquanto

estivermos lá, vou obter informações sobre Damon. Não posso influenciá-la por causa da verbena, mas há outros meios de conseguir que uma mulher fale.

Percy e Hugo olharam, a reprovação cruzando seus rostos como nuvens de tempestade.

— Se eu fosse você, não faria isso — disse Hugo. Olhei para ele, surpreso. Além da vez em que me encontraram, era a primeira vez que eu o ouvia falar.

— Concordo. Ou você vai querer matá-la ou beijá-la, e nenhuma das hipóteses terminará bem para você — disse Percy. A frase parecia despropositada saindo de seu corpo magro e com cara de bebê.

— Ele tem razão — disse Lexi com urgência. — Eles aprenderam a lição da forma mais difícil. Quem sabe o que você fará quando estiver a sós com essa menina, para não falar do que ela fará com você? Você viu a casa dela... As armas que tem. Eu me preocupo que...

— Eu sei, eu sei. Sou jovem, não posso controlar meus impulsos e vou cometer algum erro — interrompi, irritado.

Lexi se levantou e me encarou.

— Tudo isto é verdade. Você é forte, mas me preocupa que possa deixar suas emoções levarem a melhor.

— Não vai acontecer — protestei. — Só vou sair com ela para tentar me informar melhor sobre Damon. Se quero resgatá-lo... pacificamente... ela é minha melhor aposta.

Lexi cerrou os dentes, mas soltou um suspiro fundo.

— Tenha cuidado.

— Já que você vai, não pode vestir isso — disse Hugo, levantando-se.

— Percy, pegue alguma coisa bonita para ele vestir.

Percy olhou de forma suplicante para Lexi. Ela cruzou os braços.

— Que foi? Você ouviu o homem.

Percy saiu do sofá e subiu a escada com passos pesados.

— Se vai sair com uma dama, precisa ficar elegante — explicou Hugo bruscamente. — E Lexi, você precisa levá-lo para fazer compras.

— Sim, vamos amanhã à noite, Stefan — respondeu ela.

— Por que de repente está sendo tão prestativo? — perguntei a Hugo com desconfiança.

Hugo mostrou os dentes pontudos num leve sorriso.

— Se vai libertar Damon com a ajuda da humana, não precisaremos nos envolver. Agora vá se vestir!

Revirei os olhos, mas segui Percy escada acima. Ele me entregou uma camisa de linho branco e uma calça preta.

Por um momento desejei ter roupas novas e uma pomada para fixar o cabelo. Mas lembrei-me do que tinha dito a Lexi: agora eu só precisava me concentrar em conhecer Callie Gallagher, depois saber o que motivava o pai dela.

Mas embora eu dissesse continuamente a mim mesmo que Damon era meu motivo para ir a esse encontro, percebi que minha mente ficava vagando de volta ao momento em que Callie me deu um beijo no rosto.

22

Ajeitei os punhos de minha camisa branca bem-passada e abotoei o paletó. Os botões de bronze brilhavam à luz dos lampiões enquanto eu entrava na esquina da Laurel Street.

Passei a mão no rosto para ter certeza de que não havia nenhum resto de sangue em meus lábios. Visitei minha garçonete do Miladies, saciando a fome antes de minha noite na cidade com Callie. O sangue da garçonete era doce, como lírios banhados em mel. No segundo em que o calor atingiu minha língua, meus sentidos se aguçaram e o mundo ficou mais claro.

Agora as cigarras chiavam em meus ouvidos e o cheiro das rosas me assaltava, mas meu estômago estava calmo e as veias saciadas. Eu estava pronto para meu encontro.

A praça no final da rua era repleta de magnólias e antigos olmos, e no meio havia uma fonte de mármore adornada pela escultura de uma mulher nua. Junto às borbulhas da fonte, pude ouvir o bater de um coração humano.

— Olá? — chamei.

— Stefan! — Callie saiu de trás de um querubim de pedra à luz fraca do lampião a gás. O cabelo ruivo, como uma chama na luz bruxuleante, descia solto e cacheado pelos ombros. Estava com um vestido cor de creme simples, com um corpete de renda e uma saia pregueada que marcava os quadris magros.

O sangue disparou por meu corpo.

— O que foi? — disse Callie, ruborizando ao notar meu olhar.

— Você parece, humm, uma mulher — falei. Ela estava linda.

— Meu Deus, obrigada. — Callie revirou os olhos e bateu levemente em meu ombro. — Está acostumado a me ver com roupas de trabalho. — Ela me fitou. — Você está bem bonito.

Dei um pigarro e puxei o colarinho. De repente minhas roupas pareciam desagradáveis e apertadas, e o ar da noite era sufocante. Perguntei-me por um breve instante se a garçonete tinha algo no

sangue que não combinava comigo.

— Agradeço-lhe — falei formalmente.

— Stefan? — Callie levantou o braço, na expectativa.

— Ah, mas é claro. — Peguei seu braço e o contornei com o meu. A mão sardenta roçou minha palma. Encolhi-me e ajeitei para que sua mão pousasse no tecido macio do paletó.

— Para onde, Srta. Gallagher?

Ela me olhou com um sorriso.

— Bourbon Street, é claro.

Callie me guiou pelas transversais de paralelepípedos, onde gardênias tombavam de sacadas. Tive a ideia repentina de pegar uma e colocar atrás de sua orelha. Em Mystic Falls, era costume levar flores ou uma lembrança quando visitávamos uma dama.

— Quer saber de um segredo? — sussurrou Callie.

— Qual? — perguntei, curioso. Eu já era portador de segredos demais. Mas talvez o de Callie me levasse a Damon...

Ela ficou na ponta dos pés e colocou a mão em concha sobre meu ouvido. O som de seu sangue bombeando por sob a pele se amplificou dez vezes. Cerrei os dentes, obrigando minhas presas a se retraírem.

— Sua camisa está para fora da calça — cochichou ela.

— Ah — falei, constrangido, enquanto ajeitava a camisa. — Obrigado.

Callie soltou uma risada alegre.

— Sabe o que eu realmente quero ver? — perguntou, pegando meu braço.

— O quê? — perguntei, tentando dedicar todas as minhas energias a não ouvir a pulsação constante de seu sangue.

— Um espetáculo burlesco. Madame X tem um espetáculo do qual todos estão falando — disse ela.

Andamos juntos pela cidade, passando por grupos ruidosos e bondes vacilantes, e acabamos em um bairro bem-cuidado, na frente de uma casa imaculada e imponente. Uma placa simples ao lado da porta dizia madame x em caracteres pretos. Uma leve luz de lampião saía de todas as janelas e carruagens paravam, uma após a outra, junto ao portão da frente para deixar que seus passageiros elegantes adentrassem nas profundezas da casa noturna.

Por um momento, entrei em pânico. Eu não tinha dinheiro nenhum. E vestia roupas de estudante que não estavam na moda desde a virada do século.

— Callie, me parece... — comecei, tentando pensar numa alternativa para nossa noite quando a porta da frente se abriu para nos receber.

— Boa-noite. São convidados da casa? — O homem passou os olhos rapidamente por minhas roupas velhas. Eu estava muito mal-vestido para este lugar, e sabia disso. Callie, porém, estava radiante.

— Sim — adiantou-se Callie, endireitando os ombros.

— E seus nomes são?

Pelo modo como os lábios de Callie se cerraram, notei que ela não sabia que havia uma lista de convidados. Postei-me diante dela, subitamente inspirado.

— Somos os Picard. Remy e sua esposa, Calliope.

— Um momento, senhor. — O homem andou até um púlpito com uma lista que quase certamente não incluía o nome do Sr. Remy Picard. Ele virou uma página, depois outra.

— O que está fazendo, Stefan? — cochichou Callie.

— Tenho tudo sob controle — respondi em voz baixa. — Apenas sorria e continue linda.

O homem voltou, parecendo genuinamente aflito.

— Lamento terrivelmente, senhor, mas seu nome não está na lista desta noite. — Ele olhou em volta, como se estivesse prestes a acenar para um guarda se criássemos problemas.

Quero que nos deixe entrar sem nos fazer mais perguntas, pensei, canalizando toda minha energia.

— Nós realmente gostaríamos de entrar — falei, concentrando-me em olhar fundo nos olhos do homem, ignorando a expressão curiosa de Callie cravado em minhas costas. — Tem certeza de que não viu nossos nomes na lista?

Os olhos do homem vacilaram.

Deixe-nos entrar sem olhar a lista.

— Pensando bem, creio que possa ter visto seus nomes. Na realidade, tenho certeza de que vi. Os Picard! Peço desculpas. A confusão foi minha. Por aqui, por favor — disse ele, com uma expressão um tanto vaga. Ele nos levou por grandes portas duplas,

para dentro de uma sala suntuosa. Lustres baixos de cristal pendiam do teto e o ar tinha cheiro de jasmim, magnólia e frésia. — Desfrutem de sua estada na casa de Madame X. Se eu puder ser de algum auxílio a um dos dois, não hesitem em me chamar — disse o homem, virando-se.

— Obrigado — falei.

Callie ficou postada ali, olhando-me de queixo caído.

— Como fez isso?

Dei de ombros.

— Só fiz com que ele duvidasse de si mesmo. Ele não queria dizer não aos Picard, quem quer que fossem. Além disso, se nossos nomes estivessem na lista e ele nos negasse entrada, reclamaríamos com a proprietária. — No fundo, eu estava emocionado. Meu Poder se fortalecia.

— Então deduzo que esta não é a primeira vez que você entra num lugar para o qual não foi convidado?

Lancei-lhe um olhar malicioso.

— De todas as pessoas, você devia saber isso.

Ela riu e eu a girei repentinamente. As pessoas nos olhavam. Embora um pianista estivesse tocando uma música animada no canto, esta não era uma sala onde as pessoas dançavam. Os convidados vagavam de uma conversa a outra enquanto fumavam charutos e bebiam champanhe.

— Conhece alguém aqui? — perguntei ao passarmos roçando por um casal após o outro, todos muito bem-vestidos.

Callie deu de ombros e a sombra de uma expressão aborrecida passou por seu rosto. Ela olhou a sala.

— Todos eles odeiam meu pai. Dizem que é um unionista que se aproveita de Nova Orleans para seus negócios. E talvez seja mesmo, mas pelo menos o espetáculo dele não finge ser algo que não é — disse ela, empinando o queixo.

Remexi-me na cadeira. Não era exatamente isso o que eu fazia agora? Fingir ser alguém que não era? Eu não conseguia olhar para ela, com medo de que percebesse a profundidade da mentira em meus olhos.

Um criado apareceu com uma bandeja de champanhe. Peguei duas taças.

— Saúde — falei, entregando uma a Callie.

Enquanto bebíamos o líquido borbulhante, as conversas flutuavam em volta de nós, ficando mais ruidosas e mais exaltadas a cada bandeja de bebidas que os garçons traziam. Os movimentos dos homens se tornavam mais lânguidos, as mulheres riam mais naturalmente.

— Seu pai está preparado para o próximo show? — perguntei, forçando um tom coloquial em minha voz.

— Acho que sim.

— Quem vai lutar com o vampiro?

— Não sei. — Callie deu de ombros. — Um crocodilo, ou talvez um tigre.

Depende do que papai conseguir em tão pouco tempo. Por quê?

Dei de ombros, fingindo indiferença.

— Queria fazer uma aposta.

— Meu pai quer algo barato. Ele receia que as pessoas não coloquem muito dinheiro em outra luta com um animal. Parece que o monstro é muito mais forte do que uma fera selvagem.

— Ah — falei, tentando processar a informação.

— Mas não vamos falar de trabalho. Esta noite deve ser de diversão! Deus sabe que não nos divertimos o suficiente em nossa vida real. — A voz de Callieficou melancólica. — E por falar em diversão — disse ela, apontando para um pequeno grupo que passava por portas duplas ao fundo da casa —, acho que o show burlesco é por ali.

— Então, vamos? — perguntei, oferecendo o braço.

A sala dos fundos, muito menor do que a primeira, tinha várias mesas de madeira espremidas umas contra as outras pelo chão. Um palco foi montado na frente da sala e o espaço era pouco iluminado por velas. Em vez de nos unirmos à multidão comprimida na frente, Callie e eu nos acomodamos em um banco de veludo vermelho de encosto baixo sob um grande espelho no fundo da sala.

Assim que todos tomaram seus lugares, um mestre de cerimônias subiu ao palco. Fiquei surpreso ao ver que estava de traje de gala e capa. Imaginei que um espetáculo desses seria mais ruidoso e maior, com muita música e mulheres com pouca roupa.

— Boa noite! Como todos sabemos, temos um vampiro entre

nós — disse ele teatralmente.

O público riu, nervoso. Fitei Callie pelo canto do olho. Seria alguma armadilha? Saberia ela o que eu era? Mas Callie estava curvada para a frente, como que hipnotizada pelas palavras do homem.

O mestre de cerimônias sorriu, desfrutando do suspense.

— Sim, um vampiro. Daquele circo medíocre do lago.

O som de zombaria encheu a sala. Callie não havia exagerado quando disse que o pai tinha má fama na cidade. Virei-me para ela. Embora seu rosto estivesse rubro como o cabelo, ela olhava fixamente para a frente, com os cotovelos nos joelhos.

— E testemunhas dizem que Gallagher o acorrenta para que não possa fugir. No entanto, aqui, na casa de Madame X, nosso vampiro vem nos visitar por vontade própria.

— Podemos ir, se você quiser — sussurrei.

Mas Callie balançou a cabeça e segurou minha mão. Era quente contra minha pele fria, mas desta vez não a afastei.

— Não, quero ficar.

Um homem magro subiu ao palco, vestindo uma capa preta. Seu rosto era pálido e linhas finas de sangue falso haviam sido traçadas nos cantos dos lábios. Ele sorriu para a multidão, revelando presas falsas. Eu me remexi.

— Sou um vampiro e todos vocês são minhas vítimas! Venham a mim, minhas belezinhas! — exclamou ele, numa voz exagerada que fez com que eu me encolhesse.

O "vampiro" andou pelo palco, com os dentes à mostra e os olhos percorrendo a plateia. Uma mulher de vestido bordado com pérolas que estava em uma mesa na frente se levantou e foi até o palco como se estivesse em transe, emitindo um gemido baixo a cada passo.

— O vampiro tem olhos especiais que podem ver através das roupas. E este vampiro, senhoras e senhores, gosta do que vê! — O mestre de cerimônias olhou de lado para o público.

A plateia aplaudiu com entusiasmo.

Olhei novamente para Callie. Ela sabia que era um espetáculo sobre vampiros?

— Mas agora o vampiro teve sua fome despertada. E vocês não

acreditariam no que ele faria para saciá-la — disse o mestre de cerimônias enquanto o vampiro no palco gesticulava para a mulher, como se regesse uma orquestra. Ao fazer isso, um trompetista começou a tocar uma música lenta e pesarosa. A mulher começou a mover os quadris, a princípio lentamente, depois com uma rapidez cada vez maior até que deu a impressão de que ia cair.

— Talvez meu pai deva dar aulas de dança a nosso vampiro — cochichou Callie, soltando um hálito quente em meu rosto.

De repente, o vampiro não mexia mais os braços. A música parou, assim como a mulher. O vampiro avançou para ela, segurou a manga de seu vestido e a rasgou, expondo o braço branco como leite.

— Sentem-se perversos esta noite? — exclamou o vampiro para o público, balançando o tecido. Então rasgou a outra manga.

Meu estômago se revirou.

— Eu lhes pergunto, sentem-se perversos esta noite? — disse ele novamente, atirando o tecido para a plateia.

A multidão gritava enquanto a dançarina continuava a girar, esfregando as costas no "vampiro". Lentamente ela tirou a roupa, peça por peça, jogando uma meia de seda, depois uma combinação para o público até que a maior parte de seu corpo estivesse à mostra.

A música ficava mais rápida, e ela estava cada vez mais perto de ficar inteiramente nua. Por fim, a mulher se sentou numa cadeira sobre o palco enquanto o mestre de cerimônias tirava a última parte de sua blusa, a obrigando a se cobrir com as mãos.

— Como é uma besta do inferno, a única maneira de deter um vampiro é com uma estaca no coração. Mas eles também podem ser afastados por um crucifixo...

Nisto a dançarina encenou uma busca inútil pelos bolsos que podiam conter uma estaca ou crucifixo.

Afundei na cadeira, pensando em meus próprios ataques. Alice, Lavinia, a enfermeira cujo nome nunca soube. Não havia nada de bonito ou romântico naqueles ataques. Foram rápidos, sangrentos, mortais. Dei um fim àquelas vidas sem pensar duas vezes, com uma violência ligeira, sedento por mais.

— Você está bem? — perguntou Callie.

Pela primeira vez, percebi a força com que apertava a mão dela. Afrouxei, e de imediato Callie se aconchegou para mais perto de mim

no banco. Seu sangue bombeava como música suave pelo corpo e seu calor atenuou minha raiva. Relaxei junto dela, absorvendo a suavidade de sua voz enquanto ela ria da peça. Callie era calorosa, meiga e tão viva. Queria que este momento ficasse paralisado, durasse uma eternidade... nada a não ser eu, Callie e seu coração pulsando. Não havia nada mais de que eu precisasse naquele momento, nem de sangue, nem de poder, nem de D...

Meu corpo ficou tenso e me sentei reto. O que eu estava fazendo? Teria me esquecido de meu irmão, do que fiz a ele, com tal rapidez? Levantei-me.

— Abaixe-se! — ladrou uma voz algumas filas atrás de mim.

— D-desculpe-me. Preciso ir — falei, andando trôpego em direção à porta.

— Stefan, espere! — chamou ela. Mas parei apenas ao chegar à rua, correndo pelo tumulto da noite até chegar à margem do rio. Ao olhar meu reflexo na água em movimento, as palavras de Percy ecoaram em minha mente: "Ou vai querer matá-la ou beijá-la, e nenhuma das hipóteses terminará bem para você."

Ele tinha razão. Porque embora eu não soubesse verdadeiramente se queria beijar ou morder Callie, sabia que a queria.

23

9 de outubro de 1864

Eu não devia ter coração. Uma bala o atravessou quase três semanas atrás e nenhum sangue meu jamais será bombeado por ele de novo. O único sangue que agora corre por minhas veias é o daqueles que venho a atacar. E, no entanto, algo em Callie leva meu coração morto a palpitar e o sangue roubado a se acelerar em meu corpo.

Será real? Ou mera lembrança do meu passado? Damon certa vez me disse que os rapazes que sofriam amputações no campo de batalha ainda despertavam com uma dor agonizante nas pernas ou gritavam pela mão que doía, embora esses membros não mais fizessem parte deles. Mas enquanto esses rapazes tinham membros fantasmas, parece que tenho um coração fantasma.

Em meu pouco tempo em Nova Orleans, aprendi sobre meu Poder. É o que tem me guiado, o que me fortalece, o que me torna vampiro. Mas não é o único poder que possuo. O outro tipo não é estimulante, nem emocionante ou perigoso. É banal e tedioso — o exercício de controlar meu Poder. Aprendi a reprimir meus impulsos para me adaptar e continuar com Lexi.

Mas quando estava com Callie no espetáculo, foi como se meus dois poderes estivessem em conflito, um ameaçando destruir o outro numa batalha particular dentro de meu cérebro.

Agora ela está constantemente em meus pensamentos. A constelação de sardas em sua pele. Os cílios longos. O sorriso vibrante. Não consigo deixar de admirar a habilidade que ela tem com o próprio poder. Como controla a atenção e o respeito dos empregados do

pai, mas também como fica meiga perto de mim, aconchegando-se quando acha que ninguém está olhando.

Creio que minha mão se entrelaçou na dela.

E sempre que uma imagem de Callie flutua por minha consciência, amaldiçoo a mim mesmo. Eu devia ser mais forte do que isto. Não devia pensar nela. Devia tirá-la da cabeça, anulá-la, considerá-la uma garotinha tola que tem sorte por eu permitir que viva.

Mas no fundo, apesar de meu Poder, sei que Callie tem controle sobre mim — e sobre meu coração fantasma.

Na manhã seguinte voltei ao circo com uma única coisa em mente: libertar Damon.

— Olá, amigo! — cumprimentou-me Arnold, o homem forte, enquanto atravessei o portão em direção à área da feira.

— Olá — murmurei.

A mulher tatuada apareceu por trás dele e me olhou interrogativamente. Sem os desenhos indianos pelo corpo, ela era bem bonita, as maçãs do rosto salientes e os olhos grandes e curiosos.

— O que está fazendo aqui?

Grunhi em resposta.

— Terá de se desculpar com Callie. — Ela apontou para a lateral da tenda.

Então Callie já contou aos amigos sobre nossa noite desastrosa. Justo o que eu temia. Contornei a lona até ver Callie ajoelhada sobre uma tábua de bétula. A tinta sujava seu macacão e o cabelo ruivo estava torcido no alto e preso por um único pincel fino e longo. A placa dizia: um penny, uma espiada: um vampiro real, vivo e faminto. Entre se tiver coragem!

Abaixo, o desenho rudimentar de um vampiro: presas alongadas, olhos semicerrados, o sangue pingando pela boca. As feições eram de Damon, mas estava claro que Callie tivera uma significativa inspiração na paródia da noite anterior.

Callie levantou a cabeça, encontrando meu olhar. A boca se abriu e ela deixou cair o pincel sobre a tela. Uma grande mancha preta apareceu no rosto de Damon.

— Veja o que fiz por sua culpa — disse ela, furiosa.

Enfiei as mãos nos bolsos, farejando o ar sutilmente, procurando rastros de Damon.

— Desculpe.

Callie suspirou de irritação.

— Não preciso de suas desculpas. Só preciso que pare de me distrair para eu terminar meu trabalho.

— Quer que a ajude a consertar a pintura? — As palavras saíram de minha boca antes que eu pudesse impedi-las. Pairaram entre nós por um momento, os dois aparentemente surpresos com minha proposta.

— Consertar a pintura? — repetiu Callie, colocando as mãos nos quadris. — Eu ouvi bem? Consertar a pintura?

— Sim? — respondi, confuso.

— Tem consciência de que me deixou ontem à noite sem nenhuma explicação e tive de ir para casa sozinha? — Seu queixo estava empinado e a atitude era agressiva, mas o lábio inferior tremeu e eu sabia que ela estava magoada.

— Callie — comecei.

Dispararam desculpas pela minha cabeça. Eu trabalho para seu pai. Não devemos ficar por aí juntos. Você é só uma menina e eu sou um vampiro... Embora parte de mim estivesse furiosa com ela por deixar que o pai expusesse Damon por aí como um gado, que o deixasse lutar talvez até a morte, outra parte sabia que Callie tinha tão pouca influência sobre o pai como eu tinha sobre o meu. E agora eu só conseguia pensar no que fazer para seu lábio parar de tremer.

— É melhor assim — falei, girando o anel no dedo.

Ela balançou a cabeça e cravou a ponta afiada de madeira do pincel na terra. Ficou ali, como uma bandeirinha de rendição depois de uma batalha.

— Não é necessário dar explicações. Nós nos conhecemos há uma semana. Você não me deve explicação alguma. Isto é o que há de melhor nos estranhos: você não deve nada a eles — falou ela rispidamente.

Apoie-me sobre os calcanhares. Instalou-se um silêncio entre nós. A imagem de Damon me encarava, aparentemente zombando de minha impotência diante do fato.

— Bem, não vai começar a trabalhar? — perguntou ela. — Ou estamos lhe pagando para que fique aqui parado?

Antes que eu pudesse me virar para ir embora, Jasper saiu num rompante de uma tenda preta e pequena na margem da propriedade.

— Precisamos de ajuda!

Um homem magro o seguiu, segurando o braço junto ao peito.

Callie se colocou de pé num salto.

— O que houve?

O homem estendeu a mão e o sangue escorreu do braço para o chão. Desviei os olhos. Mesmo assim, a dor surgiu no meu maxilar enquanto sentia as presas crescerem.

— A luta do vampiro hoje. Precisamos de mais homens. — Jasper estava sem fôlego, os olhos em mim.

— Stefan — disse Callie num tom que não era uma pergunta.

Jasper e o magro me fitaram.

— Ora, ora, vamos, novato. Mostre- nos que é digno de Gallagher — disse Jasper, empinando o queixo na direção da tenda.

— Mas é claro — falei lentamente, já elaborando um plano. Eu podia captar quatro batimentos distintos dentro da barraca. Haveria uma copiosa quantidade de verbena, é claro, mas eu me alimentava com regularidade suficiente para conseguir vencer os homens. Com quatro eu podia lidar, mas cinco... Virei-me para Jasper. — Por que você e Callie não cuidam deste homem aqui e vou me juntar aos outros na tenda? — Estou indo, irmão — acrescentei baixinho.

Callie semicerrou os olhos para mim.

— Disse alguma coisa?

— Não — respondi rapidamente.

Jasper passava o peso de um pé para outro, avaliando-me com os olhos.

— Callie cuidará do Charley aqui e eu vou cuidar de você. Ensinar-lhe os truques de luta do monstro — disse ele, dando um tapa em minhas costas e empurrando-me para a tenda.

A cada passo o cheiro de verbena ficava mais forte, coagulando o sangue em minhas veias.

Juntos, entramos na tenda. O interior era quente e escuro, e o fedor de verbena quase me sufocava. Precisei de cada grama das minhas forças para não me curvar e gritar de agonia. Obriguei meus

olhos a se abrirem e focarem em meu irmão, acorrentado no canto. Quatro homens puxavam suas correntes, tentando desesperadamente mantê-lo parado.

No segundo em que os olhos de Damon caíram em mim, seu rosto se iluminou.

— Bem-vindo ao inferno, maninho — sussurrou Damon, os lábios mal se movendo enquanto ele me olhava fixamente. Depois se voltou para Jasper. — E então, Jasp — disse ele, num tom informal, como se eles fossem apenas dois homens tendo uma conversa amigável numa taberna —, encontrou um novo tolo para fazer seu trabalho sujo. Bem, venha, meu irmão. Vamos ver se consegue me apunhalar.

— Ele late mais do que morde — disse Jasper, estendendo a estaca para mim. Pelo fedor, eu sabia que tinha sido ensopada de verbena.

— Me dê suas luvas — falei com um ar cheio de autoridade. Tocar a madeira me entregaria imediatamente.

— Não vai te proteger muito. Aquelas presas podem perfurar qualquer coisa — protestou Jasper.

— Me dê as luvas — falei com os dentes cerrados. Damon observava o diálogo com atenção, claramente apreciando minha aflição.

— Muito bem, se vão deixá-lo mais confortável... — Jasper deu de ombros e me entregou as luvas de couro. Coloquei- as e peguei a estaca de Jasper, com as mãos tremendo um pouco. Como uma coisa tão leve podia ser tão letal?

Damon soltou uma risadinha baixa.

— É o melhor que conseguiu arrumar? Ele parece prestes a capotar.

Olhei duramente para meu irmão.

— Estou tentando salvá-lo — sussurrei.

Damon se limitou a bufar de desdém.

— Por favor — acrescentei.

— Por favor o quê? — disse ele, enrolando a corrente nas mãos.

— Por favor, deixe-me salvá-lo.

— Desculpe. Não posso ajudar você nisto — disse ele, antes de puxar as correntes. Dois dos guardas caíram no chão, surpresos.

— Faça alguma coisa! — disse Jasper com irritação. — Precisa atingi-lo, ele precisa saber o lugar dele.

— Escute seu chefe — disse Damon num tom de zombaria. — Seja homem e me apunhale. Um homem de verdade não tem medo de sangue, não é?

Jasper se curvou e pegou uma estaca no chão.

— Vamos, rapaz. Faça jus a seu salário — disse ele, usando a lateral da estaca para me incitar a avançar. Ofeguei. Uma dor subiu e desceu por minha pele, como se eu tivesse sido tocado por um atiçador em brasa.

Damon riu mais uma vez.

A porta se abriu e Callie colocou a cabeça para dentro.

Olhei desesperadamente para ela.

— Callie, não deveria estar aqui!

Ela e Damon me olharam inquisitivamente. Uma náusea se espalhou por mim. A verbena, o calor, as estacas...

Neste momento, com uma simples torção de correntes, Damon se libertou e avançou para Callie. Ela gritou, e Jasper mergulhou para protegê-la.

O tempo pareceu congelar e, sem pensar, atirei a estaca na barriga de Damon. Ele caiu de costas, ofegante, com sangue jorrando da ferida.

— Eu disse por favor! — soltei um sibilo selvagem, num tom que só Damon podia ouvir. Callie se encolheu perto da porta, olhando com os olhos arregalados para mim e Damon.

Damon levantou a cabeça, ofegando ao tirar a estaca da barriga. Então ouvi um sussurro mais fraco e rouco por sobre os gritos de Jasper e dos tratadores que se mexiam para acorrentá-lo novamente.

— Então, por favor, saiba que seu inferno ainda nem começou, maninho.

24

Corri para o lago e ainda ecoava em minha mente o som da estaca rasgando a carne de Damon. Quando cheguei à margem, olhei meu reflexo na água. Meus olhos castanhos me fitaram, os lábios comprimidos numa linha fina. Com um movimento furioso, atirei um seixo no lago, desmanchando minha imagem em mil ondulações.

Parte de mim queria saltar no lago, nadar até o outro lado e nunca mais voltar. Damon que fosse para o inferno, se era a morte que ele queria tanto. Mas, por mais que eu desejasse a morte dele, não poderia matá-lo. Apesar de tudo, éramos irmãos, e eu queria — precisava — fazer o que estivesse a meu alcance para salvá-lo. Afinal, os laços de sangue são mais densos que a água. Eu ri com amargura ao pensar nos significados profundos desta metáfora. O sangue era também mais complicado, mais destrutivo e mais angustiante do que a água.

Deixei-me cair na areia da beira da água salobra e me deitei de costas com um suspiro, deixando que o sol fraco de novembro me cobrisse. Não sei quanto tempo fiquei assim, até que senti a vibração de passos abafados no chão.

Suspirei. Não sei o que esperava encontrar, vindo ao lago, mas a paz e a tranquilidade foram perturbadas quando Callie se sentou a meu lado.

— Está tudo bem? — perguntou, atirando uma pedrinha no lago. Ela não se virou para mim.

— Eu só... Pode me deixar sozinho? — murmurei. — Por favor.

— Não.

Sentei-me e a olhei bem nos olhos.

— E por que não?

Callie torceu os lábios, franzindo a testa como se tentasse resolver um problema complicado. Depois, hesitante, estendeu o dedo mínimo e acompanhou com ele o contorno de meu anel de lápis-lazúli.

— O monstro tem um igual a este — disse ela.

Afastei subitamente minha mão, horrorizado. Como pude me esquecer de nossos anéis?

Callie limpou a garganta.

— O vampiro; ele é... seu irmão?

Meu sangue gelou, e me coloquei de pé num salto.

— Não, Stefan! Fique. — Os olhos verdes de Callie estavam arregalados e o rosto corado. — Por favor. Fique. Sei o que você é e não tenho medo.

Recuei um passo, minha respiração ofegante e acelerada. Minha cabeça girava e senti-me nauseado novamente.

— Como pode saber o que sou e não ter medo de mim?

— Você não é um monstro — disse ela simplesmente. Também se levantou.

Por um instante ficamos parados ali, sem falar, mal respirando. Um pato traçou uma trajetória em arco no lago. Um cavalo relinchou ao longe. O cheiro de pinho fez cócegas em meu nariz. Percebi então que Callie tinha retirado toda a verbena do cabelo.

— Como pode dizer isso? — perguntei. — Eu poderia matá-la num segundo.

— Eu sei. — Ela me olhou nos olhos como se procurasse algo. Minha alma, talvez. — Então, por que não me matou? E por que não mata agora?

— Por que gosto de você — falei, surpreendendo a mim mesmo.

Um leve sorriso nasceu nos lábios dela.

— Eu também gosto de você.

— Tem certeza? — Peguei suas mãos e ela se afastou um pouco. — Porque quando toco em você, não sei se quero beijá-la ou... ou...

— Beije-me — disse ela, sem fôlego.

— Não pense na outra alternativa.

— Não posso. Se o fizer, não vai parar por aqui.

Callie se aproximou de mim.

— Mas você me salvou. Quando seu... irmão me atacou, você atirou a estaca nele. Apunhalou o próprio irmão. Por mim.

— Só na barriga, não no coração — observei.

— Ainda assim... — Ela colocou a mão em meu peito, bem onde antes ficava o coração. Fiquei tenso, tentando não inspirar seu perfume.

Antes que eu pudesse reagir, ela pegou uma agulha do bolso e furou o dedo indicador. Fiquei paralisado.

Sangue.

Só uma gota, como um único rubi, equilibrado ali, na ponta do dedo de Callie.

Meu Deus, o sangue de Callie. Tinha cheiro de cedro e do vinho mais doce. Comecei a transpirar no rosto e minha respiração falhou. Então meus sentidos se aguçaram e as presas latejaram. O medo apareceu nos olhos de Callie e se irradiou por seu corpo.

E, com a mesma subtaneidade, minhas presas se retraíram. Caí de costas, ofegante.

— Está vendo? Você não é um monstro — disse ela com firmeza. — Não como ele.

O vento ficou mais forte e o cabelo de Callie se agitou às suas costas como as ondas no lago. Ela tremeu e eu me levantei, puxando-a para perto de mim.

— Talvez — sussurrei ao ouvido dela, bebendo seu cheiro inebriante, minha boca a centímetros de seu pescoço. Não suportava contar a ela sobre as vidas que tirei, de como Damon pensava que o monstro era eu. — Mas ele é meu irmão. E é por minha culpa que está preso.

— Quer que eu o ajude a libertá-lo? — disse ela de forma decisiva, como se soubesse o tempo todo que nossa conversa chegaria a isto.

— Sim — respondi simplesmente.

Callie mordeu o lábio ao pegar uma mecha de cabelo, enrolando-a no dedo sem parar.

— Mas não precisa fazer isso. — Evitei seus olhos para saber que não a estava coagindo.

Ela me fitava com atenção, como se meu rosto fosse um código que ela pudesse decifrar.

— Daqui a dois dias — disse ela —, encontre-me à meia-noite. É quando Damon será transferido para nosso sótão.

— Tem certeza?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Sim.

— Obrigado. — Segurei o rosto de Callie com as mãos em concha e me inclinei para a frente, encostando minha testa na dela. Então a beijei.

Enquanto ficávamos ali, de mãos dadas, peito com peito, eu podia jurar que senti meu coração recuperar a vida, batendo em perfeita sincronia com o dela.

25

Quando voltei à casa dos vampiros, a lua estava alta no céu. Lexi estava esparramada no sofá, de olhos fechados, ouvindo Hugo tocar piano. O instrumento estava tão desafinado que a música que ele martelava, supostamente uma marcha revolucionária, parecia mais um lamento fúnebre. Ainda assim, não pude deixar de puxar Lexi, girando-a em uma dança improvisada.

— Está atrasado — disse Lexi, fugindo da dança. — Ou teve outro encontro?

— Ou matou mais humanos? — perguntou Buxton, entrando na sala.

— Está apaixonado? — perguntou Percy, apoiando os cotovelos nos joelhos ao me olhar da mesa do canto com inveja, onde jogava paciência. Percy claramente amava as mulheres, mas seu rosto infantil o fazia parecer um rapaz de 15 anos, e em geral as mulheres que mais o atraíam pensavam que Lexi era sua mãe. Fiquei agradecido por ter sido transformado na idade que tinha.

Balancei a cabeça.

— Não estou apaixonado — falei, perguntando-me se dizia isso para convencer a mim mesmo. — Mas estou me acostumando com a rotina do circo. Acho que estou aprendendo a gostar de Nova Orleans.

— Que grande notícia — murmurou Buxton sarcasticamente.

— Buxton. — Lexi o olhou com censura antes de voltar a atenção a mim. — Esqueceu-se de nosso compromisso?

Esforcei-me para me lembrar, mas acabei negando com a cabeça.

— Desculpe.

Lexi suspirou.

— Lembre-se... vou levá-lo às compras. Posso ser vampira, mas ainda tenho vaidades femininas e simplesmente não combina comigo estar cercada de homens mal-vestidos. O que os vizinhos vão pensar?

— Ela riu, achando graça da própria piada.

— Ah, sim. — Aproximei-me um pouco da escada. — Quem sabe amanhã? Estou exausto.

— É sério, Stefan — disse Lexi, pegando meu braço. — Você precisa de roupas e é uma espécie de tradição. Levei estes dois cavalheiros para fazer compras e olhe para eles agora — disse ela, assentindo para Buxton e Hugo como se seu trabalho a agradasse excepcionalmente. Era verdade. Do casaco azul de gola alta de Buxton às calças bem-cortadas de Hugo, eles estavam elegantes. — Além disso, você não tem escolha — disse ela com malícia.

— Não tenho?

— Não. — Lexi abriu a porta com um floreio. — Rapazes, vamos sair. Quando voltarmos, nem vão reconhecer Stefan, de tão lindo que estará!

— Até mais, lindo! — gritou Buxton com sarcasmo enquanto a porta se fechava. Lexi balançou a cabeça, mas não me importei. Estranhamente, eu me acostumara com Buxton. Era como um irmão. Um irmão com um gênio potencialmente fatal, mas eu me acostumara a lidar com ele.

Juntos, Lexi e eu andamos lado a lado pelo ar frio da noite. Vi Lexi me olhando de lado e me perguntei o que ela estaria vendo.

Senti que vivia três vidas distintas: em uma eu era um irmão leal, em outra era o novo integrante de um clube que não compreendia bem e na terceira era um jovem dedicando minha confiança a uma mulher humana — uma mulher por cuja salvação apunhalei minha própria carne e sangue. O problema era que eu não sabia levar todas com tranquilidade.

— Você está quieto — disse Lexi no meio de um passo. — E... — Ela farejou o ar. — Não bebeu sangue humano. Estou orgulhosa de você, Stefan.

— Obrigado — murmurei. Sabia que ela não teria orgulho de mim se lhe contasse da conversa que tive com Callie. Diria que sou impulsivo demais, que eu cometera um erro imenso contando meu segredo a ela. Mesmo que eu não tivesse exatamente contado, mas confirmado suas suspeitas extraordinariamente precisas.

— Chegamos — disse Lexi, parando a uma porta de madeira sem placa na Dauphine Street. Ela tirou um gancho fino de metal do

bolso e o colocou dentro da tranca. Em um instante a porta se abriu.

— E agora, a loja está aberta. — Lexi abriu os braços, empoleirando-se em um pufe de couro duro. — Pegue o que quiser.

Uma dezena de manequins com enchimento no peito recebia os visitantes na loja. Um tinha um casaco de tweed e o braço erguido num aceno, enquanto outro com quepe de marinheiro tinha a mão sobre os olhos, como se avistasse o mar. Rolos de tecidos finos estavam encostados na parede dos fundos e uma fila de abotoaduras brilhava sob o vidro. Pilhas de camisas guardavam em silêncio a loja escura, e algumas gravatas se penduravam de uma gaveta.

Lexi cruzou os tornozelos sob a saia e me olhou com orgulho enquanto eu pegava um casaco de pele de camelo de um manequim e colocava nos ombros.

Fiquei parado, esperando por sua aprovação, como fazia quando minha mãe me levava às compras.

— Ora, não posso saber com você aí parado feito um boneco de madeira. Ande um pouco. Veja o que acha — disse Lexi com um aceno impaciente.

Revirei os olhos, mas dei uma volta pela sala, agindo como os ricos que Callie e eu vimos no show. Estendi a mão para Lexi com um floreio.

— Desejaria dançar? — falei num sotaque britânico exagerado.

Lexi balançou a cabeça, a diversão evidente nos olhos.

— Muito bem, entendi. É um tanto pomposo demais. Que tal aquele?

— Ela apontou com o queixo para um manequim de calça preta e casaco cinza com debrum vermelho. Tirei o casaco e coloquei-o nos ombros.

Lexi assentiu, os olhos assumindo uma expressão distante.

— No que está pensando? — perguntei.

— No meu irmão — disse ela.

Pensei no rapaz do retrato, cujos olhos eram tão parecidos com os de Lexi.

— O que tem ele?

Lexi pegou uma gravata de seda e a entrelaçou nos dedos. Não olhou para mim ao falar.

— Depois que nossos pais morreram, comecei a andar com um

rapaz que era vampiro. Ele perguntou se eu queria viver para sempre. É claro que eu queria, porque eu era nova, e quem não quer ser jovem e bonita para sempre? Além disso, se eu me transformasse, jamais teria de deixar Colin. Ele já perdera tanto. Então pensei, bem, pelo menos ele vai saber que nunca me perderá.

— Colin era vampiro?

Lexi puxou a gravata pelos dedos e a estalou como um chicote.

— Eu jamais faria isso com alguém que amo.

Passou por minha cabeça a imagem de mim mesmo forçando Damon a beber de Alice, a garçonete da taberna em Mystic Falls. Baixei os olhos, sem querer que Lexi sentisse que eu fizera o mesmo a alguém que amava.

— E o que houve?

— As pessoas ficaram desconfiadas. Eu não sabia na época dos cuidados que precisava ter. Meu irmão crescia e eu permanecia a mesma. As pessoas faziam perguntas. Então houve um cerco e nossa casa foi incendiada. A ironia é que eu escapei; e Colin, não. E o inocente era ele. Só tinha 16 anos.

— Lamento muito — falei por fim. Tentei imaginar Lexi como humana, apoiando-se no braço de um homem que lhe prometera o mundo, como Katherine prometeu o mundo a mim. Imaginei-o levando-a a um beco escuro, tomando primeiro um pouco de sangue, pedindo- lhe para beber o dele, depois esfaqueando seu coração para que a transformação se completasse.

Lexi acenou, afugentando a imagem de si como garotinha.

— Não lamente. Faz mais de um século. A essa altura ele já estaria morto. — Ela me avaliou. — Esse casaco cai bem em você.

— Obrigado — falei. De repente, minha discussão com Callie pesou em meu estômago. — Tenho um plano para salvar Damon — soltei.

Lexi ergueu a cabeça repentinamente, com os olhos faiscando.

— Qual?

— Amanhã à noite. Callie vai me ajudar. — Deixei que meus olhos encontrassem os dela. — Damon voltará à Laurel Street. O pai dela estará fora num jogo de cartas, e assim libertaremos Damon.

— Você contou a Callie o que é? — perguntou ela num tom baixo e áspero.

Mordi o polegar.

— Não.

— Stefan!

— Ela adivinhou — falei, na defensiva. — E confio nela.

— Confia! — Lexi cuspiu. Ela se levantou tão abruptamente que o banco virou. — Não sabe o que esta palavra significa. Callie é filha de Patrick Gallagher, que obrigou seu irmão a lutar até a morte com um leão- da-montanha. Como sabe que este não é um plano para aprisionar você também?

— Acha que sou tão estúpido assim?

— questionei, aproximando-me de Lexi.

— Posso ser jovem, mas tenho bons instintos.

Lexi bufou com desprezo.

— Quer dizer os mesmos instintos que o levaram a um açougue para ser cercado por três vampiros? Os mesmos instintos que o levaram a matar aquela mulher no trem?

— Ainda estou aqui, não estou?

— Graças a mim! E aos rapazes de minha casa. Mas não permitirei que nos arraste a um confronto com Patrick Gallagher; justo com ele.

— Ninguém está arrastando vocês para nada! — gritei de frustração.

— Só porque deixou seu irmão morrer, não quer dizer que permitirei a morte do meu! Eu devo isso a ele.

— Seu garotinho ingrato! — Ela cuspiu as palavras, empurrando-me com toda a força contra um espelho de moldura dourada. Eu caí enquanto o espelho se espatifava a minha volta. Um grande caco fez um corte fundo em meu braço, mas eu mal senti. Fiquei chocado com a força de Lexi. Já vira antes, mas nunca estivera na posição do atacado.

Lexi cresceu sobre mim com os olhos em brasa.

— Precisa aprender qual é o seu lugar, e logo. Você é um vampiro. E vampiros não se associam com humanos.

Coloquei-me de pé num salto e a empurrei. Ela voou pela loja e caiu nos rolos de tecido.

— Este aqui sim, se isto significa salvar Damon — rosnei. Então saí da loja e entrei na escuridão da noite.

26

Passei a noite no lago novamente, mas desta vez não dormi. Fiquei sentado junto à margem, ouvindo o mundo zumbir em volta de mim como se eu estivesse na plateia de um musical. Sapos coaxavam melodicamente, inflando o peito com orgulho. Peixes nadavam até a superfície para engolir os insetos aquáticos que ali flutuavam, depois mergulhavam para o fundo com um bater suave de suas nadadeiras. Aves voavam numa formação em V e pequenos animais farfalhavam pelos juncos, perseguindo-se e atormentando sua refeição seguinte.

Veio então o grand finale, quando o sol, um globo enorme e aquoso, subiu a seu lugar de destaque no céu, indicando que era o rei todo- poderoso; e a Terra, sua súdita.

Sentado ali, vendo a única coisa que podia me matar em um instante se não fosse pelo anel que Katherine me dera, uma calma tomou meu corpo. O mundo era belo e mágico, e eu tinha sorte por ainda ter lugar nele.

Pegando uma pedra redonda e achatada, levantei-me e olhei a água. Fechei os olhos. Se saltar quatro vezes, tudo ficará bem. Lancei a pedra. Pulou uma... duas... três vezes...

— Quatro saltos! Impressionante! — exclamou uma voz, seguida por um aplauso entusiasmado.

Assim que virei-me, Callie pulou em meus braços.

— Bom dia! — falei rindo e girando-a.

— Está de bom humor — disse ela com um sorriso.

— Estou. E tudo graças a você.

Ela passou o braço pelo meu.

— Neste caso, sei exatamente como pode me agradecer!

Senti sua pulsação batendo através de meu casaco, e seu sangue tinha um cheiro quase irresistível. Mas a pedra tinha saltado quatro vezes, então me curvei para beijá-la.

Callie e eu passamos o dia juntos, então dormi no lago

novamente. Quando cheguei em casa, ao anoitecer do dia seguinte, encontrei no chão uma pilha de roupas, inclusive a calça preta e o casaco cinza que experimentei com Lexi, em frente a meu quarto. Por cima da pilha havia um bilhete, escrito em maiúsculas.

Siga seu coração. Tem sorte por ainda ter um.

Peguei o fardo nos braços, ao mesmo tempo comovido, aliviado e um pouco triste.

Vesti uma camisa de cambraia azul e uma calça branca, e alisei o cabelo para trás diante do espelho. Parecia qualquer jovem se preparando para um encontro com uma mulher bonita. Só queria que fosse tão simples assim.

Desci a escada furtivamente, esperando que alguém saltasse das sombras para me impedir — e me dizer que meu plano jamais daria certo. Mas fui até o fim e passei pela cozinha, saindo pela porta dos fundos sem que nada acontecesse.

Lá fora, andei os três quilômetros até a Laurel Street com as mãos nos bolsos, assoviando os acordes de "God Save the South". Parei para colher uma magnólia branca em um arbusto na frente de uma mansão cor de pêssego no final da rua de Callie.

— Stefan! — Um sussurro urgente veio de trás de uma árvore no final da entrada dos Gallagher.

Callie surgiu. O cabelo estava solto e flutuava nas costas, e ela estava com uma camisola branca enfeitada com cordões em ilhoses, como na primeira vez em que a vi, só que desta vez estava perto o bastante para que eu visse que não vestia anáguas, embora estivesse usando um xalé grosso de lã. Virei o rosto, repentinamente envergonhado.

— Stefan — murmurou Callie, roçando os dedos em meus braços. —

Está pronto?

— Sim — respondi. Coloquei a flor atrás da orelha dela.

Callie sorriu.

— Você é um cavalheiro e tanto.

— E você é linda — respondi, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha dela. Seus cachos tinham a maciez de pétalas de rosa e cheiro de mel. Queria ficar ali para sempre, observando a respiração dela formar nuvens de vapor na minha frente.

— Callie... — comecei quando o repentino bater de sinos de uma igreja distante soou no ar gelado. Doze badaladas. Meia-noite. A hora das bruxas.

— Está na hora — disse Callie. — O turno de Jasper termina à meia- noite e meia, mas posso dizer a ele que você chegou para liberá-lo mais cedo. Isso vai nos dar mais algum tempo. Depois que o segundo guarda aparecer, você terá ido há tempos. Mas precisamos nos apressar. — Ela parecia muito segura de si, mas o tremor em seu lábio revelava suas emoções. Queria abraçá-la, colocá-la na cama e sussurrar "tenha doces sonhos" em seu ouvido. Mas, como vampiro, eu dependia desta criança para me proteger.

Callie entrelaçou os dedos como se fizesse uma oração silenciosa. Depois assentiu e me abriu um sorriso melancólico.

— Não tenha medo — disse ela, colocando a palma da mão na minha. Mas eu podia sentir seu coração batendo num galope através dos pontos de pulsação na palma.

Ela me levou pelos portões de ferro, contornando a entrada de cascalho, e abriu uma porta na lateral da casa.

— Silêncio — ordenou Callie, enquanto meus olhos se adaptavam ao escuro. Ao contrário do resto da casa, com mármore polido e carvalho reluzente, esta entrada era estritamente de serviço, para os criados terem fácil acesso ao depósito no sótão sem perturbar os moradores. Havia à nossa frente uma escada íngreme de vigas de nogueira sem acabamento. Callie tombou a cabeça de lado, tentando ouvir alguma coisa. Fiz o mesmo, embora meus pensamentos zumbissem alto demais para que eu ouvisse qualquer outro som.

De repente ouvi um barulho de algo se arrastando no piso acima de nós. Callie me olhou; ela também ouvira.

— Jasper — explicou ela. — Vamos subir. — Ela subiu a escada instável e eu a segui rapidamente. Depois que chegamos à porta rachada e branca, Callie bateu; duas vezes de forma rápida e depois de uma pausa, uma longa.

Uma tranca estalou e ouvimos o atrito de metal contra metal à medida que Jasper abria o ferrolho. Por fim ele abriu a porta, metendo o corpo pela fresta para que não víssemos o interior do aposento.

— Ora, ora, ora. Callie e o homem que apunhalou o vampiro e

depois fugiu de medo. A que devemos o prazer? — Jasper nos olhou de lado. Eu me remexi pouco à vontade, tentando espiar dentro da sala.

— Olá, Jasper — disse Callie, passando por ele e gesticulando para que eu a seguisse. No escuro, só consegui distinguir uma jaula de bom tamanho num canto. Um volume grande e imóvel estava prostrado em seu interior.

— Meu pai precisa de você no escritório. Stefan assumirá até o próximo turno.

— Encontrar Jasper no escritório? — trovejou uma voz. — Mas eu estou bem aqui.

Fiquei paralisado. Gallagher.

O pai de Callie estava empoleirado na frágil mesa atrás da porta, com um baralho espalhado diante de si. No meio da mesa, a luz de uma única vela bruxuleava.

— Ah, pai. — Callie riu. O som pareceu forçado, deslocado. — Devo ter feito confusão. Sabia que o senhor queria jogar cartas esta noite e imaginei que seria mais confortável no escritório ou... — começou ela num tom hesitante. Ela lambeu os lábios e se sentou à mesa de frente para Gallagher.

— Gentileza sua pensar em mim, menina — disse Gallagher rispidamente.

— Sr. Gallagher — falei com uma leve mesura. — Disseram-me que devia me apresentar para trabalhar, mas imagino que tenha me equivocado.

— Não era difícil fingir confusão. Callie tinha jurado que o pai não estaria em casa.

— É isso mesmo, Jasper? — perguntou Gallagher.

— Acho que sim. Ele não é mau, esse aí. Meio nervoso, mas quando apunhala, é pra valer.

Gallagher assentiu, absorvendo a informação.

— E é neste rapaz que você confia, Srta. Callie? — perguntou Gallagher à filha.

Callie assentiu, as maçãs do rosto se ruborizando por baixo das sardas. Então por fim, felizmente, Gallagher se levantou, raspando a cadeira no chão.

— Ora, então vou deixar que vocês, rapazes, cuidem disso —

disse ele, pegando o uísque e seguindo a filha até o andar de baixo.

— Então agora é o protegido do Gallagher, não é? — perguntou Jasper, colocando uma estaca ensopada de verbena em minhas mãos.

Minha pele queimou e a dor subiu por meus braços. Reprimi o impulso de rosnar e mordi a língua. Retesando-me, peguei a estaca apenas com dois dedos, tentando minimizar o contato da madeira envenenada com a pele.

— Olha, eu é que não fico por aqui — continuou Jasper. — Hoje o vampiro está com fome. Espero que devore você. E, enquanto ele faz isso, vou passar algum tempo com a Srta. Callie e o papai dela. Mostrar aos dois que você não é o único homem que pode ser todo simpático e cavalheiresco — disse Jasper. Os movimentos dele eram descuidados, e senti cheiro de uísque em seu hálito.

Assim que os passos sumiram, larguei a estaca no chão com um gemido de agonia e me aproximei com cautela da grande jaula no canto. Damon estava deitado em um montinho no canto, como um animal ferido.

— Irmão? — sussurrei.

Damon recuou, de presas à mostra, fazendo-me saltar de surpresa para trás.

Ele deu uma risada rouca, então desabou na lateral da jaula, exausto do esforço.

— O que foi, maninho? Tem medo de vampiro?

Ignorei-o enquanto começava a puxar a porta da estrutura. Damon olhava com curiosidade e veio engatinhando devagar na minha direção. Estava quase chegando quando senti uma dor abrasadora se irradiar de minha coluna para todo o meu corpo.

— Peguei! — gritou uma voz.

O mundo ficou leve e de repente eu caí para a frente. Bati em alguma coisa dura — Damon? — Então ouvi o ruído da porta de metal da jaula se fechando às minhas costas.

27

Minhas pálpebras pesadas lutaram para se abrir um pouco. Eu não sabia quanto tempo tinha se passado. Teria sido uma noite? Duas? Uma semana? Estava escuro. Eu tinha uma vaga consciência de ouvir passos e gritos, e, uma vez, uma voz que parecia a de Callie chamando meu nome. Mas um dia acordei sem voltar imediatamente à inconsciência. Levantei os braços, percebendo que haviam me acorrentado à parede. A verbena queimava meus braços e pernas.

Tinha crostas de sangue seco por todo o corpo, impossibilitando-me de saber onde eu estava ferido. Ao meu lado, Damon estava sentado com os joelhos flexionados contra o peito. Seu corpo estava coberto de sangue e o rosto estava abatido. Sombras escuras estavam ao redor de seus olhos encovados, mas um lento sorriso se espalhava pelo rosto.

— Agora não está tão poderoso, não é mesmo, maninho?

Esforcei-me para ficar sentado. Meus ossos doíam. O sótão estava imerso numa luz acinzentada e fraca que vinha de uma janela suja. Podia-se ouvir o andar e o farejar de um camundongo em algum lugar do outro lado da sala. Uma sensação de fome se agitou dentro de mim e percebi que não me alimentava desde que cheguei ali. No canto, dois guardas desconhecidos estavam sentados, sem perceber nossa conversa quase silenciosa.

Balancei a cabeça, enojado. Como pude ser tão idiota? Lexi tinha razão. É claro que tinha. Callie me traiu. Devia ser o plano dela o tempo todo, desde o segundo em que viu o anel em meu dedo, o anel igual ao de Damon. Eu devia ter percebido no momento em que vi o pai dela no sótão. Como pude entrar numa armadilha tão óbvia e estúpida? Merecia mesmo ser acorrentado como um animal.

— Você a amava? — perguntou Damon, como se lesse meus pensamentos.

Eu olhava fixamente para a frente.

— Ela não veio fazer nenhuma visita, caso esteja curioso —

continuou Damon num tom amistoso. — Ela é bonita, mas, em minha humilde opinião, podia ter arrumado coisa melhor.

A raiva estimulou minhas presas.

— Aonde quer chegar com isso? — grunhi.

Damon gesticulou para as grades.

— A lugar nenhum, ao que parece. Excelente tentativa de resgate, a sua.

— Pelo menos tentei — falei, minha fúria dando lugar à resignação.

— Mas por que você sequer se preocupou em tentar? — Os olhos de Damon faiscaram. — Eu não deixei inteiramente claros meus sentimentos por você?

— Eu... — tentei falar antes de perceber que nem sabia por onde começar. Como poderia explicar que seu resgate não era uma opção pessoal minha? Que o mesmo sangue corria em nossas veias, que estávamos ligados um ao outro? — Isso não importa.

— Não, não importa — disse Damon, assumindo um tom filosófico. — Afinal, nós dois estaremos mortos em breve. A questão é: você será morto por um crocodilo ou por um tigre? Ouvi Gallagher dizer que os crocodilos são os melhores adversários numa luta, porque não matam direto. Eles prolongam a agonia.

Neste momento, a porta do sótão se abriu com um floreio e Gallagher entrou com as botas ecoando no chão.

— Os vampiros acordaram! — berrou ele.

Os dois guardas saltaram, atentos, fingindo que estiveram nos vigiando o tempo todo. Gallagher andou até a jaula, ajoelhando-se até o nível de nossos olhos. Seu terno de três peças era impecável, como se ele tivesse enriquecido como financista e não torturando vampiros.

— Ora, ora, ora... A semelhança familiar é evidente. Estou envergonhado de não ter percebido antes. — Ele passou o braço pelas grades e segurou minha camisa, puxando-me contra a lateral da jaula. Meu rosto bateu nas grades e estremeci quando um objeto de madeira entrou em meu peito.

Uma estaca.

— E você quase se safou agindo como um humano! — Gallagher virou a cabeça para trás e riu, como se aquilo fosse a coisa

mais engraçada do mundo.

— Você não vai se safar dessa — sibilei, a dor rasgando meu corpo enquanto ele cravava ainda mais a estaca na pele.

— Preste atenção, vampiro! — disse Gallagher, repuxando os lábios numa careta. — Acho que vou apostar que será você a morrer. Sim, acho que é isso que acontecerá. — Ele se virou para os dois guardas. — Ouviram? Uma dica do chefe. Apostem no de cabelos pretos — disse Gallagher, girando a estaca em meu corpo. — Creio que seu irmão tem mais ódio nas entranhas.

Eu não podia ver o rosto de Damon, mas imaginava o sorriso malicioso que sem dúvida surgia em seus lábios.

Gallagher riu pelo nariz e jogou a estaca ensopada de verbena no chão.

— Ah, e não quero mais que se divirtam usando as estacas nos vampiros — disse ele para os guardas. O grandalhão olhou para o chão, culpado.

— E por que não? — perguntou o outro, indignado. — Faz bem. Mostra o lugar deles.

— Porque queremos os dois em ótima forma para a luta — disse Gallagher, fazendo uma voz exagerada de paciência. Então sorriu para nós.

— É isso mesmo, rapazes. Os dois vão lutar entre si, até a morte. É a solução perfeita. Terei um vampiro morto para vender os pedaços, um vivo para as apresentações e o lucro além da imaginação mais desvairada. Sabe de uma coisa? Pode até ser um sacrilégio falar isso, mas graças a Deus existem vampiros!

Com essa, Gallagher se virou para sair do sótão, batendo a porta ao passar. Afundei de encontro às grades. Damon fez o mesmo, fechando os olhos. Os dois guardas nos olharam, boquiabertos.

— Sei que o chefe disse o de cabelo preto ali, mas ele não parece meio fraquinho? Meus centavos vão para esse sujeito — comentou um.

— Ih, eu sempre sigo o que o chefe diz. Além do mais, não é questão de tamanho, é? — disse o mirrado, parecendo afrontado pela implicância do primeiro guarda.

Escorreguei contra a parede, fechando os olhos. O ódio que meu irmão tinha por mim certamente era suficiente para querer me

ver morto. Mas Damon realmente me mataria?

— Sou mais cruel do que um crocodilo, maninho — disse Damon com um sorriso, de olhos ainda fechados. — E essa é a melhor notícia que tive desde que nos transformamos em vampiros! — Ele riu, alta e longamente, até que um dos guardas se aproximou e, apesar das ordens de Gallagher, apunhalou-o com uma estaca cheia de verbena.

Mas, mesmo assim, ele continuou a rir.

28

Lembra de quando quebramos a tigela de cristal de mamãe? E eu fiquei tão preocupado com a reação dela que chorei? — perguntei.

— Lembro, e papai decidiu que eu era culpado, me deu uma surra de chicote e me chamou de mau — disse Damon com tédio. — Tentei facilitar sua vida, maninho. Mas, para mim, acabou. Desta vez, quero que tenha exatamente o que merece.

— O que quer que eu diga, Damon? — perguntei com raiva, tão alto que os dois guardas olharam, surpresos.

Damon parou, os olhos entreabertos.

— Vou lhe dizer exatamente o que quero que diga... Pouco antes de matar você.

Revirei os olhos numa frustração furiosa.

— Pensei que era você que queria morrer. E agora vai me matar?

Damon riu.

— Sabe que agora, pensando bem, ser uma besta do inferno pode não ser tão ruim? Na verdade, acho que é um papel que posso assumir, inteiramente. Talvez o objeto de meu desprezo não fosse meu novo estado. Mas sim você. Mas se você morrer...

— Se eu morrer, você ficará no show de aberrações de Patrick Gallagher para sempre.

— Mas admita, maninho. Não acha que o freak show de Patrick Gallagher é mais divertido do que o inferno? E depois de me fortalecer um pouco, acho que posso planejar uma fuga tranquilamente.

— E então tenho certeza de que vai ser pego, como fez na primeira vez — falei, enojado.

Recostei a cabeça nas grades da jaula. A luta seria dali a uma hora e eu não desistira de tentar convencer Damon, despertar algum possível fio de ligação entre nós. Mas, independentemente do que eu dissesse, ele ou me fazia provocações ou me ignorava.

Era impossível saber há quanto tempo estávamos presos. Desde que me tornara vampiro, o tempo adquiriu um caráter diferente. Segundos e minutos não importavam mais. Descobri que estar aprisionado devolvia a importância ao tempo, porque cada segundo nos colocava mais próximos de nossa batalha. Enquanto esperava, repassei mentalmente os vários resultados possíveis da luta. Imaginei Damon quebrando meu pescoço, rugindo de triunfo para a multidão. Vi a mim mesmo sucumbindo à fúria, subtraindo acidentalmente a vida de meu irmão — de novo.

Mas o que aconteceria se nos recusássemos a lutar? Poderíamos enfrentar juntos todo o público? Poderíamos, de algum modo, tramar uma fuga? Sim, os criados de Gallagher tinham verbena e estacas, mas nós tínhamos o Poder. Se eu tivesse Callie a meu lado...

Meu coração doeu ao pensar na traição dela. A imagem de seu cabelo vermelho- fogo e dos olhos cintilantes sempre tomava minha cabeça, inflamando incessantemente a minha raiva e a minha mágoa. Cerrei os punhos. Se eu tivesse dado ouvidos a Lexi... Se não tivesse me deixado envolver por uma humana.

Se eu tivesse de morrer, meu único objetivo era morrer de olhos fechados em vez de procurar o rosto dela na multidão.

— Vamos, rapazes! — gritou Gallagher, abrindo a porta como se estivesse chamando duas crianças para uma caminhada de manhã cedo. Ele vestia um paletó preto e um relógio de ouro novinho que brilhava na fraca luz do sol. Estalou os dedos e os guardas se levantaram imediatamente, fazendo tumulto ao vestir o uniforme improvisado de tratador de vampiro: luvas, botas e guirlandas de verbena.

A porta da jaula foi aberta e os guardas nos puxaram rudemente para fora, apertando a mordaça em nossas presas e acorrentando nossas mãos às costas. Fomos vendados, depois retirados do sótão e levados ao fundo de uma carroça de ferro preto. Ela partiu para o lago aos solavancos.

Quando chegamos à lona do circo, fomos puxados para lados opostos.

— Uuuh! Monstro! — Ouvi gritarem das tendas enquanto era levado pelos bastidores. Retirei o queixo. Perguntei-me se Lexi imaginava onde eu estava, se achava que eu já estaria morto.

Embora ainda estivesse vendado, conhecia cada centímetro do circo. À esquerda ficava a mulher tatuada e à direita Caroline, a mulher mais feia do mundo. O chão se tornou íngreme para baixo, e eu sabia que estava na arena.

Senti algo segurar meu braço.

— Contei a muita gente que você é esperto. Mas não se esforce demais por mim, Sr. Salvatore. Meu dinheiro foi para seu irmão — sussurrou Jasper jovialmente.

Por fim, retiraram a venda de meus olhos. O circo estava iluminado como se fosse meio-dia e todas as tendas estavam apinhadas de gente. No meio do ringue, Gallagher montara uma bolsa de apostas, onde as pessoas agitavam freneticamente suas notas. Uma música de órgão enchia a lona. E o ar cheirava a maçã do amor e ponche de rum.

Então, pelo canto do olho, eu a vi.

Callie andava por entre as tendas com Buck atrás, levando uma caixa de estanho. O cabelo estava trançado com ramos de verbena; e o rosto, pálido. Ela obviamente fora designada para recolher as apostas. Certamente era filha de quem era e cumpria muito bem seus deveres.

Ela não me olhou nem uma vez.

Obriguei-me a desviar os olhos e fitar Damon, do outro lado do ringue. Ele sempre fora um bom lutador e as competições recentes só o haviam fortalecido. Se Damon quisesse me matar, ele conseguiria.

Além disso, eu deixaria. Devia isso a ele.

Jasper tocou o gongo e a turba silenciou. Gallagher assumiu o posto na bolsa de apostas e trovejou:

— Bem-vindos, senhoras e senhores, a outra refinada noite de diversão proporcionada por seu criado Patrick Gallagher. Dias atrás, trouxemos a vocês a primeira luta do mundo entre um vampiro e um leão-da-montanha. Nesta noite trazemos a primeira luta do mundo entre dois vampiros, que inclui o vencedor do combate anterior. E não apenas isso — disse ele, baixando a voz e levando a multidão a se calar e se inclinar para a frente —, este dois monstros são irmãos. Vieram do mesmo útero e agora um deles será enviado diretamente ao inferno.

Uma pedra me atingiu na nuca, e dei meia-volta. Havia verbena

em toda parte, o que fazia com que o mar de rostos se fundisse em uma colagem de olhos, narizes e bocas abertas, como num pesadelo.

— Irmão, perdoe-me por tudo o que fiz. Por favor. Se morrermos, que não seja com ira. Somos tudo o que temos — sussurrei, retesando o queixo e tentando, uma última vez, causar algum efeito em Damon. Ele levantou a cabeça por uma fração de segundo e a balançou, mas sua expressão era indecifrável. No meio do ringue, Gallagher ainda atraía a atenção da plateia.

— O livro ficará aberto por mais 5 minutos para as últimas apostas. Mas... — Ele levantou a mão, tentando silenciar a multidão. O barulho esmoreceu, pelo menos um pouco. — Fiquem para depois do espetáculo, quando venderemos o sangue do perdedor. O sangue de um vampiro, mesmo morto, tem poderes curativos. Cura todas as enfermidades. Até aquelas da cama. — Gallagher piscou significativamente. A multidão comemorou e gritou. Enrijeci, perguntando-me se a plateia achava que era tudo uma encenação: que éramos atores azarados e que o sangue que Gallagher venderia depois do espetáculo seria algum tipo de licor de cereja. Alguém ali sabia que todo sangue seria verdadeiro, que o perdedor caído no meio do ringue não se levantaria nem iria para casa depois que o circo estivesse vazio?

Callie sabia. Ela sabia, e decidira que seria este o meu destino.

Novamente, cerrei o maxilar, pronto para lutar, pronto para dar à plateia o show que buscavam. De repente, vi-me sendo levado pelo ringue por Jasper, dando ao público uma última chance de examinar atentamente minha força antes de fazer suas apostas. Ouvi trechos de conversas por toda lona:

Este tem uns 2 centímetros a mais do que o outro. Vou mudar a aposta.

Sua velha gostaria de um desses de presente de aniversário?

Como será que eles fariam contra um leão de verdade?

Um homem de batina postava-se ao lado de Gallagher, erguendo os braços para aquietar a multidão. Reconheci-o como o encantador de serpentes do espetáculo.

— Que a luz da bondade brilhe sobre esta luta e devolva a alma do perdedor às chamas purificadoras do inferno! — gritou ele, fazendo a lona explodir numa cacofonia de ruídos. Um apito soou,

dando início à luta.

Damon me cercava com uma postura meio agachada, como fazia quando éramos crianças e praticávamos boxe. Imitei sua atitude.

— Sangue! — gritou um bêbado, praticamente pendurado na grade do ringue.

— Sangue! Sangue! Sangue! — Toda a lona parecia estar gritando. Damon e eu continuamos a nos estudar.

— Não vamos fazer isso — falei. — Vamos nos recusar. O que eles podem fazer?

— Já passamos desse ponto, irmão — disse Damon. — Não podemos viver no mesmo mundo.

A raiva tomou meu corpo, vinda do centro de meu ser. Por que não podíamos? E por que Damon não podia me perdoar? Eu não achava que ele ainda era perseguido pela lembrança de Katherine.

Acreditava, em vez disso, que era perseguido por mim. Não por quem eu era, mas por quem ele pensava que eu era — um monstro que matava sem medo ou consciência das consequências. Como tinha a audácia de não reconhecer a que ponto cheguei para fazê-lo feliz, para tentar salvá-lo? Virei o corpo batendo no rosto de Damon. Brotou sangue sob seu olho e a multidão rugiu.

Damon se retesou e atacou, atingindo- me no ombro e derrubando-me no chão.

— Por que fez isso? — sibilou Damon, mostrando os dentes, para deleite da plateia.

— Porque você queria — respondi, arreganhando os dentes e o prendendo em um mata-leão.

Ele se soltou rapidamente e voltou para o canto. Ficamos em lados opostos do ringue, olhando-nos, ambos confusos, com raiva e sozinhos.

— Lutem! — rugiu a multidão novamente. Gallagher nos olhava furioso, sem saber o que fazer. Ele estalou os dedos e Jasper e Buck correram para nós com estacas, decididos a nos obrigar a lutar. Incitaram-nos até que nossos corpos estavam a centímetros de distância e nossos punhos foram erguidos. Nessa hora, um estalo reverberante de trovão, que deu a impressão de que o céu se dividia em dois, ecoou do alto. Um vento frio nos chicoteou, provocando

uma nuvem de serragem e destroços subindo por nossos pés. Senti cheiro de fumaça.

— Fogo! — gritou uma voz em pânico.

Olhei em volta, desvairado. Parte da lona estava em chamas e as pessoas corriam para todo lado.

— Vá!

Senti mãos empurrando meus ombros. Callie. Meus olhos se arregalaram de surpresa.

— Vai, vai, vai! — gritava Callie, empurrando-me. Ela segurava um machado, e lentamente comecei a entender o que tinha acontecido. Será que ela realmente cortara os suportes da estrutura da lona e então ateara fogo? — Vá! — Callie me empurrou mais uma vez. Ela era surpreendentemente forte para uma humana e, depois de alguns segundos estúpidos de hesitação, segurei Damon pelo pulso e corremos, passando pelas tendas, para longe do rio, cada vez mais rápido, indo para minha casa.

29

Damon e eu corremos à velocidade de vampiro pelas ruas de Nova Orleans.

Ao contrário de quando chegamos e Damon se arrastava com relutância atrás de mim, corremos lado a lado, as casas de argila e tijolos passando num borrão como cera derretendo.

Algo mudara entre nós naquela arena, podia sentir em meu âmago. Algo mudou nos olhos de Damon enquanto ele me fitava e se recusava a atacar, mesmo quando a multidão zombou de nós.

Perguntei-me como a luta terminaria se a lona não tivesse sido incendiada — teríamos atacado os humanos um por um, ou um irmão Salvatore terminaria morto e sangrando no chão de terra?

A imagem da igreja de Mystic Falls em chamas, como uma tocha gigante, preencheu a minha mente. A prefeitura tinha incendiado a igreja com os vampiros presos lá dentro na noite em que nosso pai nos matara — e à vampira que Damon amava.

Mas Damon e eu ainda estávamos aqui, como uma fênix surgindo das cinzas dos vampiros que vieram antes de nós. Talvez, do fogo deste circo em nossa nova cidade, nascesse uma nova afinidade entre nós — como a nova vida que surge nos campos depois que a lavoura do ano anterior é queimada até o solo.

Damon e eu continuamos a correr, nossos pés batendo em uníssono nas pedras do calçamento, descendo as vielas e ruas que eu parecia conhecer tão bem em minhas poucas semanas morando aqui. Mas, ao entrarmos na esquina para a Dauphine, a rua aonde Lexi tinha me levado para fazer compras, parei de repente. Afixado na janela da alfaiataria estava um desenho rudimentar meu e de Damon, de presas à mostra, os dois agachados. A Luta do Século, dizia o cartaz. Perguntei-me se Callie tinha desenhado aquele. Era provável.

Damon se aproximou, examinando o cartaz.

— Esse desenho o deixou meio atarracado, maninho. Talvez seja hora de evitar as garçonetes.

— Rá, rá — falei secamente, olhando em volta. Gritos soavam atrás de nós, vindo do circo. Tínhamos uma boa dianteira, mas se Callie distribuíra os cartazes tão amplamente como fizera com os de Damon, só ficaríamos seguros quando estivéssemos dentro de casa.

O pináculo fino de uma igreja surgiu ao longe — a que ficava na diagonal da casa de Lexi.

— Vamos! — Empurrei Damon na direção da igreja, e só voltamos a falar quando chegamos à casa branca e dilapidada.

— É aqui que você mora? — O lábio de Damon se torceu enquanto os olhos iam da varanda baixa e branca às janelas escuras.

— Bem, sei que pode não corresponder a seus padrões, mas todos devemos fazer sacrifícios de vez em quando — respondi com sarcasmo enquanto o levava à porta dos fundos.

Ela se abriu, permitindo que um triângulo de luz banhasse o quintal escuro.

Levantei as mãos quando Lexi apareceu à porta.

— Sei que você disse para não trazer visitas, mas...

— Entrem. Rápido! — disse ela, trancando a porta no segundo em que cruzamos a soleira. Na sala principal, velas estavam acesas e Buxton, Hugo e Percy, sentados em cadeiras e sofás como numa reunião.

— Você deve ser Damon. — Lexi assentiu para ele de leve. — Seja bem- vindo a nossa casa. — Eu estava ciente de que Damon a olhava, e me perguntava o que ele via.

— Obrigado, senhora — disse Damon com um sorriso tranquilo. — Receio que durante o tempo em cativeiro, meu irmão de algum modo tenha se esquecido de mencionar a senhora e sua... — Seus olhos foram rapidamente a Percy e Buxton — Família.

Percy se eriçou e ergueu-se um pouco do assento, mas Lexi ergeu a mão para impedi-lo.

— Meu nome é Lexi. E como Stefan é seu irmão, minha casa é sua casa.

— Nós fugimos — comecei a explicar.

Lexi assentiu.

— Eu sei. Buxton estava lá.

— Estava? — Girei o corpo, surpreso. — Apostava em mim ou contra mim?

Damon bufou e Lexi pôs a mão em meu braço.

— Seja bonzinho. Ele estava lá para ajudá-lo.

Meus olhos se arregalaram.

— Você foi lá para me ajudar?

Buxton recostou-se na cadeira.

— Fui. Mas alguém teve a brilhante ideia de incendiar o lugar todo, então fui embora. — Ele cruzou os braços, parecendo satisfeito consigo mesmo por fazer parte da ação.

— Foi Callie. Ela ateou fogo — falei.

Os olhos de Lexi registraram surpresa.

— Eu estava enganada — disse ela simplesmente. — Essas coisas podem mesmo acontecer.

— Perdoe meus modos rudes por interrompê-la, mas tem alguma coisa para comer? — perguntou Damon, sem tirar os olhos do retrato de uma velha. — Passei por umas semanas difíceis.

Pela primeira vez desde que fugimos, realmente olhei para meu irmão. Sua voz estava rouca, como se não estivesse acostumado a usá-la. Cortes ensanguentados cobriam os braços e as pernas; as roupas estavam em farrapos; seu cabelo cheio e preto, sujo e escorrido contra o pescoço pálido. Os olhos estavam avermelhados e as mãos tremiam um pouco.

— Mas é claro. Vocês devem estar famintos, rapazes. — Suspirou Lexi.

— Buxton, leve-o ao açougue. Deixe que ele se alimente até ficar satisfeito. Duvido que haja humanos suficientes em Nova Orleans para saciar sua sede. E, esta noite pelo menos, ele merece comer como um rei.

— Sim, senhora — disse Buxton, curvando-se um pouco ao erguer o corpo da cadeira.

— Vou com eles — falei, indo para a porta.

— Não. — Lexi balançou a cabeça e me pegou pelo braço... com força.

— Tenho chá para você.

— Mas... — protestei, confuso e irritado. Eu praticamente sentia o gosto do sangue de porco na língua.

— Nada de "mas" — disse Lexi rispidamente, parecendo muito a minha mãe.

Buxton abriu a porta para Damon, que moveu a sobrancelha para mim como quem diz "pobrezinho!"

Se Lexi viu, fingiu não perceber, ocupando-se com o bule de chá enquanto eu me deixava cair em uma das frágeis cadeiras colocadas em volta da mesa e pousava a cabeça nas mãos.

— Quando você se torna vampiro, não são apenas os dentes e a dieta que mudam — disse Lexi enquanto acendia o fogão, de costas para mim.

— O que quer dizer com isso? — perguntei, na defensiva.

— Quero dizer que você e seu irmão não são quem eram antes. Os dois mudaram, e é possível que não conheça Damon tão bem quanto pensa — disse Lexi, trazendo duas canecas fumegantes.

— Sangue de cabra.

— Não gosto de sangue de cabra — falei, empurrando a caneca com raiva.

Parecia uma criancinha petulante, mas não me importei. — E ninguém conhece Damon melhor do que eu.

— Ah, Stefan — disse Lexi, olhando- me com gentileza. — Eu sei. Mas prometa-me que terá cuidado. Esses são tempos perigosos... para todos.

A palavra "perigosos" estalou alguma coisa em minha mente.

— Callie! Preciso encontrá-la!

— Não! — Lexi me empurrou de volta à cadeira. — O pai de Callie não vai fazer mal a ela, mas vai matá-lo na primeira oportunidade, e você não está em condições de lutar.

Abri a boca para protestar, mas Lexi me interrompeu:

— Callie está bem. Poderá vê-la amanhã. Mas, por ora, beba o sangue. Durma. Quando acordar, estará curado, e você, Damon e Callie poderão se entender.

Lexi saiu da cozinha com um estalo do avental e apagou o lampião.

De repente, a exaustão caiu sobre mim como um manto pesado, e o desejo de me opor ao conselho de Lexi se esvaiu. Com um suspiro, levantei a caneca e tomei um golinho. O líquido era quente e denso, e não pude deixar de admitir que era bom.

Lexi tinha razão — eu me despediria de Callie amanhã. Mas precisava descansar. Todo meu corpo doía, até o coração.

Pelo menos você sabe que tem um, imaginei Lexi dizendo, e sorri no escuro.

30

19 de outubro de 1864

Estou fora de perigo, mas não me sinto seguro. Pergunto-me se um dia me sentirei assim novamente, ou se terei eternamente um desejo não satisfeito. Será que um dia me acostumarei à dor? Daqui a vinte, duzentos, dois mil anos, serei capaz de me lembrar destas semanas? De Callie e seu cabelo ruivo, seu sorriso?

Sim. Terei de me lembrar. Callie me salvou e me deu outra chance na vida. De certo modo, é como se ela fosse a luz que se seguiu à escuridão que Katherine lançou em minha existência.

Katherine fez com que eu me tornasse um monstro, mas Callie me transformou novamente no Stefan Salvatore de quem me orgulhava.

Desejo-lhe amor. Só o que quero é o melhor para ela. Quero que ela viva na luz e encontre um homem — um humano — que a valorize e a adore, que a tire da casa de Gallagher para sempre, levando-a para um lar tranquilo à beira de um lago, onde poderá ensinar os filhos a fazer as pedras saltarem na água. Talvez seja assim que viverei em sua memória: não como um monstro, mas simplesmente como alguém com quem partilhou uma cálida manhã de verão e que lhe ensinou que fazer saltar pedras era tão simples quanto um giro do pulso. Talvez um dia nós dois tenhamos esta lembrança ao mesmo tempo. Talvez ela até conte aos filhos, e aos filhos dos filhos, e todos me conhecerão como o homem que a ensinou a jogar pedras na água. É uma esperança mínima, mas é alguma coisa. Porque se Callie lembrar-se de mim, ela e eu estaremos ligados de alguma

forma. E talvez, com o tempo, simplesmente estar ligado por um único fio de memória seja suficiente.

Acordei no meio da noite com o que pensei ser uma chuva de granizo batendo no vidro da janela. Apesar das regras de Lexi, espiei por uma pequena fresta na cortina e semicerrei os olhos para a escuridão. As árvores estavam sem folhas e os galhos eram membros fantasmagóricos se estendendo para o céu. Embora fosse uma noite sem luar, vi um guaxinim correr pelo quintal. E, depois, uma figura parada timidamente atrás de uma das colunas da varanda.

Callie.

Vesti apressadamente uma camisa e desci a escada, com o cuidado de não fazer nenhum ruído. A última coisa que eu queria era que Buxton ou Lexi soubessem que uma humana me seguiu até em casa.

A porta se fechou com um baque atrás de mim, e vi Callie dar um salto.

— Estou aqui — sussurrei, sentindo- me emocionado, confuso e excitado ao mesmo tempo.

— Olá — disse ela timidamente. Estava com um vestido azul e uma estola de pele. Um chapéu se equilibrava sobre os cachos e havia uma grande bolsa de lona no ombro. Ela assentiu, tremendo. Quis mais do que qualquer coisa poder levá-la para cima e colocá-la sob meus cobertores para aquecê-la.

— Vai a algum lugar? — perguntei, apontando com o queixo para a bolsa.

— Espero que sim. — Ela pegou minhas mãos. — Stefan, não me importa o que você é. Nunca me importei. Quero ficar com você. — Ela me olhou nos olhos. — Eu... Eu amo você.

Baixei a cabeça com um nó na garganta. Quando eu era humano, pensava que amava Katherine até que a vi acorrentada, amordaçada e espumando pela boca. Não senti nada além de repulsa ao ver aquilo. No entanto, Callie me vira inconsciente, sangrando devido à verbena, apunhalado por meus captores, esmurrando meu irmão no ringue, e ainda me amava. Como aquilo era possível?

— Não precisa responder — apressou-se Callie a falar. — Só precisava lhe dizer. E vou embora, independentemente de qualquer

coisa. Não posso ficar aqui com meu pai, não depois de tudo o que aconteceu. Vou pegar o trem, e você pode vir comigo. Mas não precisa. Apenas gostaria que fosse — balbuciou.

— Callie! — interrompi, colocando um dedo sobre seus lábios. Os olhos dela se arregalaram, alternando entre o medo e a esperança.

— Eu iria com você a qualquer lugar — disse eu. — Também a amo, e a amarei pelo resto de minha vida.

O rosto de Callie se abriu numa expressão relaxada e alegre.

— Quer dizer sua não vida — disse ela com uma expressão animada.

— Como sabia onde eu morava? — perguntei, tímido de repente.

Callie corou.

— Eu o segui até aqui uma vez. Quando você fugiu depois da primeira luta do vampiro. Queria saber tudo sobre você.

— Bem, agora sabe.

Incapaz de me reprimir, puxei-a nos braços e baixei os lábios até os dela, sem mais temer ouvir o sangue correndo em suas veias ou ouvir seu coração acelerado de expectativa. Ela me abraçou com mais força e nossos lábios se tocaram. Beijei-a ansiosamente, sentindo a maciez de sua boca na minha. Minhas presas não se estenderam; meu desejo era todo por ela, em sua forma humana, como realmente ela era.

Callie era macia, quente e tinha gosto de tangerina. Naqueles momentos, imaginei nosso futuro. Pegaríamos o trem para o mais longe possível de Nova Orleans, talvez à Califórnia, ou quem sabe navegaríamos para a Europa. Nos acomodaríamos em um pequeno chalé e criaríamos gado, do qual eu me alimentaria, e Callie e eu viveríamos nossos dias juntos, longe dos olhos curiosos da sociedade.

Um pensamento incômodo insistia em aparecer no canto de minha mente: eu a transformaria? Odiava a ideia de fazer isso, de cravar os dentes em seu pescoço branco, de fazê-la ter uma vida em que desejaria sangue e temeria a luz do dia, mas também não suportava a ideia de vê- la envelhecer e morrer diante de mim. Balancei a cabeça, tentando me livrar desses pensamentos. Poderia lidar com eles depois. Nós dois poderíamos.

— Stefan — murmurou Callie, mas o murmúrio se

transformou num arquejar e ela escorregou de meus braços, caindo no chão. Uma faca de açougueiro estava cravada em suas costas, e sangue jorrava dali.

— Callie! — exclamei, caindo de joelhos. — Callie!

Frenético, abri uma veia no pulso, tentando alimentar Callie com meu sangue para curá-la. Mas antes que conseguisse colocar o braço em sua boca ofegante, a mão de alguém me puxou pela gola da camisa.

Um riso baixo e familiar cortou o ar da noite.

— Não tão rápido, maninho.

31

Girei o corpo, a mão pronta para atacar mostrando as presas. Antes que eu pudesse me mexer, Damon me pegou pelos ombros e me atirou do outro lado da rua. Meu corpo bateu com força no chão e o braço se torceu num ângulo nem um pouco natural. Coloquei-me de pé com dificuldade. Callie estava prostrada na grama, o cabelo ruivo caindo em leque sobre os ombros, uma poça de sangue escurecendo em torno dela. Ela gemia baixo e eu sabia que devia estar agonizando.

Parti em disparada até ela, bombeando meu sangue para a ferida aberta, para que ela conseguisse se alimentar facilmente. Mas Damon me interceptou, descendo o ombro em meu peito e derrubando-me de costas.

Levantei-me.

— Isso precisa parar agora! — gritei, pronto para atacar. Parti voando para ele, disposto a dilacerá-lo, a lhe dar o que ele queria há tanto tempo.

— Mas parar agora? Antes do jantar? — perguntou Damon com um sorriso lento se formando no rosto. Horrorizado, vi Damon se ajoelhar, expôr os dentes e afundá-los no pescoço de Callie, bebendo longa e intensamente. Tentei puxá-lo, mas ele era muito mais forte. De quantas pessoas se alimentara desde que fugimos?

Continuei puxando, tentando libertar Callie, mas Damon ficou na mesma posição, como uma estátua de mármore.

— Socorro! Lexi! — rugi enquanto Damon me mandava voando para trás com um golpe rápido do cotovelo.

Bati na grama com um baque. Damon continuou bebendo. Percebi com pavor que o gemido de Callie havia parado. E também o som constante e pulsante do sangue que me acostumara a ouvir em sua presença. Caí de joelhos.

Damon se virou para mim com o rosto sujo de sangue. O sangue de Callie. Empalideci. Damon riu.

— Tinha razão, maninho. Matar é o que os vampiros fazem. Obrigado pela lição.

— Vou matar você — falei, investindo na direção dele mais uma vez. Derrubei-o no chão, mas Damon aproveitou-se de meu braço ferido e me virou, prendendo- me no chão ao lado de Callie.

Damon balançou a cabeça.

— Não acho que eu vá morrer esta noite, obrigado. Chega de ser você a tomar as decisões de vida ou morte — sibilou.

Damon levantou-se como se fosse embora. Engatinhei até Callie. Seus olhos estavam arregalados e vidrados, o rosto lívido. Seu peito ainda subia e descia, mas muito pouco.

Viva, por favor, pensei, olhando-a nos olhos que não piscavam numa tentativa desesperada de coagi-la. Vi suas pálpebras palpitarem. Seria possível estar funcionando?

Quero que viva. Quero amar você enquanto estiver viva, pensei, espremendo sangue de minhas feridas nos seus lábios abertos.

Mas enquanto as gotas escorriam pelo rosto de Callie, senti uma dor agonizante no abdome. Caí esparramado na grama, e Damon me chutou repetidas vezes na barriga com uma expressão demoníaca.

Reunindo todas as minhas forças, escapei pela terra molhada de orvalho para longe de Damon.

— Socorro — gritei novamente para a casa.

— Socorro! — zombou Damon de mim numa voz cantarolada. — Não é mais o grande homem, não é, maninho? O que houve com o domínio do mundo? Ocupado demais tomando chás com os amiguinhos e se apaixonando por humanas? — Ele balançou a cabeça, enojado.

Algo dentro de mim despertou. De algum modo, consegui me levantar e corri para Damon, de presas à mostra. Empurrei-o para o chão, minhas presas cortando um talho longo e desigual em sua jugular. Ele caiu no chão com o sangue escapando do pescoço, os olhos fechados.

Por um momento, pareceu meu irmão novamente. Não tinha olhos vermelhos, nem a voz carregada de ódio. Só os ombros largos e o cabelo preto que sempre representaram Damon. E, no entanto, não era mais Damon. Era um monstro em uma onda de destruição, irreprimível em sua ameaça de tornar minha vida uma desgraça.

Examinei o terreno em volta de nós, finalmente avistando um pequeno galho a pouca distância, caído de uma tempestade. Engatinhei até o galho e o ergui acima de seu peito.

— Vá para o inferno — sussurrei, desejando fervorosamente cada palavra.

Mas, enquanto as palavras saíam de minha boca, Damon deu um salto do chão, de olhos vermelhos e presas à mostra.

— Isso não é jeito de falar com um parente — zombou ele, atirando-me no chão. — E não é assim que se segura uma estaca.

Ele ergueu o galho sobre meu peito, no alto, com um brilho nos olhos.

— Eis a morte que você não me permitiu ter. Lenta e dolorosa, e vou desfrutar de cada segundo dela — disse Damon, rindo ao baixar a estaca com toda a força em meu peito.

E então tudo escureceu.

32

Stefan — sussurrou uma voz sem corpo.

Eu estava na parte de trás do labirinto em Veritas, a sebe verde e exuberante erguendo-se mais alto do que minha cabeça, o sol batendo em meus ombros. Minha gola dava coceiras e me sufocava — por algum motivo, eu estava com minhas roupas de domingo.

Damon se aproximou pela minha lateral, os olhos azuis arregalados e inocentes.

— Quer apostar corrida, irmão? — desafiou-me.

É claro que aceitei.

Corremos até perdermos o fôlego, nossos pulmões esgotados do esforço e dos risos. Damon sorria para mim, feliz, até que uma nuvem mudou e tudo ficou escuro. Para meu pavor, suas feições se metamorfosearam. Os olhos escureceram e os lábios tornaram-se vermelhos como sangue. Quando percebi, ele estava em cima de mim, prendendo-me no chão, mas não de brincadeira. Pegou alguma coisa no bolso e então me golpeou com ela no peito, e eu fiquei deitado ali na grama macia, ofegando meu último suspiro.

De repente estávamos sentados no balanço da varanda, com Katherine entre nós, a malícia em seus olhos escuros enquanto ela arrancava as pétalas de uma margarida. Sua perna estava tão próxima que a senti roçar na minha. Enquanto seu olhar ia de um lado para o outro, percebi o jogo que ela fazia: a flor determinaria qual de nós seria o escolhido. Quando chegou à última pétala, seus olhos se fixaram nos meus, e eu sabia que era o vencedor. Ela se inclinou para me beijar e eu fechei os olhos, esperando o toque macio de seus lábios.

Mas, em vez disso, senti uma estaca se cravar em meu coração. Abri os olhos e lá estava meu irmão, rindo ao enfiar a madeira ainda mais fundo em mim, as pétalas da flor esmagadas sob meu corpo prostrado.

Minha cabeça tombou para o lado e os olhos focaram na

menina na grama ao meu lado que morria de tanto sangrar. Seu cabelo era vermelho-fogo e a pele sob as sardas, clara como a lua.

Callie!, tentei gritar. Mas Damon estrangulou minhas palavras antes de afundar várias vezes uma faca nas costas de Callie.

— Stefan! — chamou uma voz de novo, desta vez mais alta. Reconheci o cantarolar agudo. Lexi.

— Nãããooo... — gemi. Não permitiria que Damon matasse Lexi também. — Vá embora!

— Stefan... — Ela se aproximou mais, ajoelhando-se a meu lado e segurando uma taça em meus lábios.

— Não — disse eu de novo.

Ela sacudiu violentamente meus ombros. Meus olhos se abriram. As paredes rachadas a minha volta eram pintadas de vermelho, e vi um retrato de moldura dourada na parede oposta. Sentei-me, tocando o rosto com as mãos e então olhando para baixo. Ainda estava com meu anel. Toquei a pedra. Parecia muito real.

— Lexi? — perguntei com a voz embargada.

— Sim! — Ela sorriu, claramente aliviada. — Você acordou.

Olhei meu corpo. O braço ainda latejava e havia sangue seco sob minhas unhas.

— Estou vivo?

Ela assentiu.

— Mais ou menos.

— Damon?

— Não conseguimos pegá-lo — disse sombriamente. — Ele fugiu.

— Callie? — perguntei. Não queria ouvir, mas precisava saber.

Lexi olhou as unhas por um bom tempo, depois ergueu os olhos âmbar ao encontro dos meus.

— Lamento muito, Stefan. Nós tentamos... Até Buxton tentou salvá-la...

— Mas ela já estava longe demais — concluí por ela. Minha cabeça latejava. — Onde ela está?

Lexi afastou o cabelo embaraçado de minha têmpora. Seus dedos eram frios sobre minha pele em fogo.

— No rio. Toda a cidade está procurando por ela... — A voz de Lexi falhou, mas compreendi tudo o que ela não dizia.

Todo o circo de aberrações sabia de minha amizade com Callie. Então, se as pessoas estavam me procurando, minha presença era um perigo para Lexi e sua família.

Mas mesmo que meus dias aqui não estivessem contados, eu não poderia ficar. Nova Orleans continha dor e lembranças demais, lembranças que eu ainda nem começara a processar.

Caí para trás sobre os travesseiros.

— Antes de descansar, precisa beber — murmurou Lexi, me ajudando a me sentar novamente. — É o seu preferido, sangue de cabra — disse ela com um sorriso triste.

Pus os lábios na taça. O líquido enegrecido não tinha nada do sabor doce e encorpado do sangue humano, mas era quente. E continha algo que o sangue humano jamais teria: uma faísca mínima de redenção. Quanto mais daquilo eu bebesse, menos sangue humano correria por mim.

Mas eu não era ingênuo. A culpa sempre correria por minhas veias. Matei demais em meu curto período de vampiro, destruí vidas demais. Quer eu tivesse bebido seu sangue ou não, a morte de Callie também estava em minhas mãos. Eu devia ter lhe dado as costas, dito que jamais queria vê-la. Mas fui fraco.

— Bom menino — murmurou Lexi enquanto eu terminava de beber.

Não me sentia bem. Tinha náuseas, estava assustado e inseguro sobre o que iria fazer. Damon ainda estava no mundo, em algum lugar, e o sangue de Callie corria em suas veias. Meu estômago se apertou.

— Não sei o que fazer — admiti, procurando respostas nos olhos de Lexi. Mas ela ficou em silêncio.

— Não sei o que lhe dizer — disse ela por fim. — Mas sei que é um homem bom.

Suspirei, pronto para observar que eu nem era homem, e sim um monstro. Mas Lexi se levantou e pegou as canecas da mesa de cabeceira.

— Chega de falar. Descanse — disse ela, colocando os lábios em minha testa. — E procure, meu querido Stefan, não sonhar.

33

Quando despertei, sabia, pela luz que entrava por uma fresta na cortina, que era dia. Coloquei os pés no o chão de madeira e peguei a pilha arrumada das roupas compradas com Lexi. Parecia ter se passado muito tempo.

Vesti uma camisa nova, penteei o cabelo e pus o resto das roupas em um fardo improvisado feito com minha camisa esfarrapada de Mystic Falls — o único objeto que ainda tinha de minha antiga vida.

Olhei o quarto, meus olhos observando as camadas familiares de poeira nos cantos. Perguntei-me quantos vampiros tinham passado por esta casa e se Lexi encontraria outro jovem para colocar sob sua proteção. Torci, pelo bem dele e dela, para que sua experiência nesta cidade de pecados fosse melhor do que a minha.

Lexi estava sentada na sala. Em suas mãos, havia o retrato do irmão. Assim que cheguei, ela levantou a cabeça.

— Stefan — disse ela.

— Sinto muito — interrompi. E era sincero, por tudo. Por vir para Nova Orleans. Por perturbar sua vida. Por trazer perigo a este pontinho de segurança que os vampiros haviam conseguido arranjar.

— Eu não sinto. Foi um privilégio ter você aqui. — Seu olhar ficou sério. — Lamento por Callie... E por seu irmão.

— Ele não é mais meu irmão — falei rapidamente.

Lexi baixou o retrato sobre a mesa de centro.

— Talvez não seja mais. Mas como você mesmo disse, ele representava toda a vida humana para você. Pode se lembrar disso e esquecer o resto?

Dei de ombros. Não queria me lembrar de Damon. Não agora. Nem nunca.

Lexi atravessou a sala e pôs a mão em meu braço.

— Stefan, é doloroso perder humanos e sua vida humana. Mas vai ficar mais fácil.

— Quando? — perguntei, minha voz falhando um pouco.

Ela olhou o retrato na mesa.

— Não tenho certeza. Acontece aos poucos. — Ela parou, depois riu, o som tão inocente e jovial que quis me sentar e ficar naquela casa para sempre. — Deixe- me adivinhar. Você quer que aconteça agora.

Eu sorri.

— Você me conhece bem.

Lexi franziu o cenho.

— Precisa aprender a ir mais devagar, Stefan. Tem uma eternidade pela frente.

Caiu um silêncio entre nós, a palavra eternidade ecoando em meus ouvidos.

Com um solavanco, puxei Lexi para um abraço, respirando o aroma reconfortante de nossa amizade, e então disparei para fora da casa sem olhar para trás.

Uma vez que estava do lado de fora, me repreendi por meu sentimentalismo. Eu tinha muito o que corrigir, e ter pena de mim mesmo era autocomplacência. Parei no ponto da rua onde Callie morreu. Não havia mancha de sangue, nada para marcar o fato de que ela um dia existiu. Ajoelhei- me, olhando para trás antes de beijar o chão.

Então me levantei e comecei a correr, cada vez mais rápido. Amanhecia, e a cidade acordava. Mensageiros disparavam em bicicletas de entrega e soldados da União marchavam pelas ruas, os rifles aninhados nos braços como bebês. Os vendedores já se preparavam na calçada e o ar tinha cheiro de açúcar e fumaça.

E, é claro, o cheiro pungente de sangue e ferro.

Cheguei rapidamente à estação de trem, onde a plataforma já estava fervilhando. Homens de paletó sentavam- se em bancos gastos de madeira na área de espera, lendo jornais, enquanto mulheres agarravam-se, nervosas, às bolsas. Toda a estação tinha um ar de transitoriedade festiva. Era o perfeito território de caça. E, antes que eu conseguisse me reprimir, minhas presas se projetaram das gengivas.

Enterrando o rosto nas mãos, contei até dez, combatendo a fome que me tomava e querendo que os dentes voltassem à sua forma

humana.

Finalmente, uni-me a uma onda de gente que ia para a plataforma e me postei numa extremidade.

Perto de mim, dois namorados estavam entrelaçados num abraço. Um soldado passava a mão no cabelo louro-arruivado da mulher e esta, equilibrada na ponta dos pés, pendurava- se em seus ombros como se não quisesse soltá-lo jamais.

Observei-os por um bom tempo, perguntando-me se em uma vida diferente Callie e eu teríamos protagonizado a mesma cena. Se ela teria me beijado enquanto eu partia para a batalha, depois esperado ansiosamente na plataforma por minha volta para casa.

Soou o apito, e o trem entrou na estação lançando uma nuvem de poeira e me arrancando de meus devaneios.

Segui o soldado a bordo, perguntando- me se ele e a amante teriam um final feliz. Ao menos me consolava saber que, se não tivessem, não seria por minha causa.

Entrei no vagão.

— Passagem, senhor? — perguntou um bilheteiro, estendendo a mão.

Olhei-o fixamente, meu estômago se revirando de repulsa por ter de apelar ao Poder.

Deixe-me passar.

— Já mostrei ao senhor — falei. — Deve ter se esquecido.

O bilheteiro assentiu, dando um passo para o lado para que eu embarcasse.

O trem arrancou da estação, levando-me a uma nova vida. Uma vida na qual eu jamais usaria a coação, a não ser que precisasse, e na qual jamais voltaria a sentir o gosto do sangue humano.

Epílogo

Depois que parei de beber sangue humano, tornei-me ainda melhor na audição de um coração batendo, sabendo em um instante, pela velocidade da pulsação, se um humano estava triste, irritado ou apaixonado. Mas eu não ficava muito na companhia de humanos.

Depois que parti de Nova Orleans, eu era verdadeiramente uma criatura da noite, dormindo durante o dia e aventurando-me no mundo apenas quando os humanos estavam seguros em suas camas, em sono profundo. Mas de vez em quando ouvia um coração acelerar-se e sabia que alguém estava subindo por uma janela ou escapulindo por uma porta para encontrar um amante, roubando alguns momentos de intimidade.

Este era o som mais difícil de ouvir. Sempre que eu escutava, lembrava de Callie, de seu coração palpitante e do sorriso natural. Da Callie cheia de vida, sem medo de se apaixonar por mim, apesar de minha verdadeira natureza. Agora, quando penso em nosso plano de fuga, não consigo deixar de rir amargamente comigo mesmo por ter até pensado que haveria uma possibilidade. Cometi o mesmo erro tolo de quando me apaixonei por Katherine,

acreditando que humanos e vampiros podiam se amar, que nossas diferenças eram apenas um pequeno detalhe solucionável com facilidade. Mas eu não cairia nesta armadilha uma terceira vez.

Sempre que vampiros e humanos atreviam-se a se apaixonar, a morte e a destruição eram certas. E eu já possuía em minhas mãos sangue suficiente para uma eternidade.

Eu jamais saberia a extensão dos danos que Damon causava ao mundo. As vezes via um artigo de jornal ou ouvia trechos de conversas sobre uma morte

misteriosa e minha mente de imediato saltava para ele. Eu também tentava escutá-lo, sempre esperando ouvi-lo chamar "mano" com seu exagerado sotaque arrastado.

Mas eu ouvia principalmente a mim mesmo. Quanto mais subsistia de sangue animal, matando um ou outro esquilo ou raposa numa floresta, mais meu Poder declinava, até que era simplesmente um bater longínquo no fundo de meu ser. Sem o Poder, perdi a sensação eletrizante de me sentir vivo, mas a culpa que carregava pelo resto de minha existência não era mais afiada. Era uma concessão, das muitas que aprendi a fazer e das muitas outras que ainda faria pela eternidade que se estendia diante de mim.

Assim, jurei que sempre continuaria em movimento, jamais ficaria em um lugar por muito tempo ou me aproximaria demais de alguém. Esta é a única maneira de não prejudicar ninguém. Porque Deus nos livre de eu me apaixonar por outra humana...

Fim

Este *ePub* foi criado em Fevereiro de 2014 por
LeYtor
Tendo como base a tradução em *Pdf* de
Shadow Hunters